

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

CAMILA MARIANA COSTA FONSECA

INTOLERÂNCIA RELIGIOSA NO MERCADO DE TRABALHO:
UM ESTUDO DE CASO SOBRE A UMBANDA.

PPGCR
Faculdade Unida de Vitória

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 30/09/2022.

VITÓRIA – ES

2022

CAMILA MARIANA COSTA FONSECA

INTOLERÂNCIA RELIGIOSA NO MERCADO DE TRABALHO:
UM ESTUDO DE CASO SOBRE A UMBANDA.

Trabalho de Conclusão de Curso na forma de
Dissertação de Mestrado Profissional como
requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Ciências das Religiões. Faculdade
Unida de Vitória. Programa de Pós-Graduação
em Ciências das Religiões. Área de
Concentração: Religião e Sociedade. Linha de
Atuação: Religião e Espaço Público.

Orientador: Abdruschin Schaeffer Rocha

VITÓRIA – ES

2022

Fonseca, Camila Mariana Costa

Intolerância religiosa no mercado de trabalho / Um estudo de caso sobre a Umbanda / Camila Mariana Costa Fonseca. -- Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2022.

ix, 94 f. ; 31 cm.

Orientador: Abdruschin Schaeffer Rocha

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2022.

Referências bibliográficas: f. 86-94

1. Intolerância religiosa. 2. Religião e espaço público. 3. Umbanda.
4. Intolerância religiosa e mercado de trabalho. 5. Religião Afro-brasileira.
6. Serviço Social. 7. Clima Organizacional. - Tese. I. Camila Mariana Costa Fonseca. II. Faculdade Unida de Vitória, 2022. III. Título.

CAMILA MARIANA COSTA FONSECA

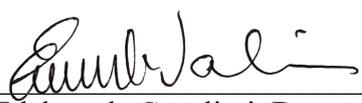
INTOLERÂNCIA RELIGIOSA NO MERCADO DE TRABALHO:
UM ESTUDO DE CASO SOBRE A UMBANDA

Trabalho de Conclusão de Curso na forma de Dissertação de Mestrado Profissional como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências das Religiões. Faculdade Unida de Vitória. Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões. Área de Concentração: Religião e Sociedade. Linha de Atuação: Religião e Espaço Público.

Data: 30 set. 2022.


Abduschin Schaeffer Rocha, Doutor em Teologia, UNIDA (presidente).


Graham Gerald McGeoch, Doutor em Teologia, UNIDA.


Edebrade Cavalieri, Doutor em Ciências da Religião, UFES.



Aos meus pais Vânia (já no plano espiritual) e Luiz Fernando pelo incentivo de sempre, cuidado e amor. Aos meus amores Miguel e Francisco, é por eles que “a peteca não cai”. Ao William, por ser inspiração e estar sempre ao meu lado.

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus por me ajudar a passar por todos os obstáculos da vida e por nunca me desamparar. Aos amigos espirituais por “segurarem a minha mão” e estarem comigo quando a caminhada se fez difícil.

Encarar um mestrado em meio à pandemia da COVID-19, com dois filhos pequenos, exercendo a profissão de assistente social e ainda lidando com os afazeres domésticos – que, confesso, nunca ter tido habilidade – não foi uma tarefa fácil. Mas como um grande amigo (Pai Guiné de Aruanda) me ensinou “onde Deus passa, nada embarça”, tive muitos anjos em forma de seres humanos que me ajudaram. Agradeço a todos que de alguma forma apoiaram esta minha empreitada. Posso deixar de citar alguns nomes no texto, mas todos sabem da importância que tiveram na minha caminhada.

Meu primeiro agradecimento não poderia deixar de ser direcionado aos meus pais, Vânia e Luiz Fernando, que desde a minha concepção são os responsáveis pela pessoa que me tornei e que sempre incentivaram os meus estudos. Desde pequena busquei dar orgulho para eles e, hoje, tenho certeza que cumpri parte dessa missão.

Agradeço ao meu amor, William, que há 11 anos chegou à minha vida e me apresentou essa fé, que me completa e que me sustentou nos momentos mais difíceis. Obrigado por sempre me apoiar e me incentivar a ir atrás dos meus sonhos. Aos meus pequenos Miguel e Francisco por serem os motivos da minha busca pelo conhecimento. Saibam que por vocês eu sou capaz de tudo e, por isso, agradeço pela compreensão em tantos momentos de minha ausência nessa jornada de aprendizagem.

Agradeço às minhas irmãs, Fernanda e Débora, que mesmo ocupadas com a maternidade me apoiaram, me ouviram e me incentivaram a continuar.

E sobre os anjos, eu não poderia deixar de citar, pelo menos, quatro deles. Agradeço ao meu sogro, Sr. Geraldo, e à minha sogra, D. Angela, que por tantas vezes assumiram os cuidados dos meus filhos para que eu pudesse me dedicar aos estudos e por nunca falarem não aos meus pedidos de ajuda. Saibam que essa conquista também é de vocês! O terceiro anjo também tem nome: Waldeir. Este é muito mais que um amigo e colega de profissão, é a minha inspiração profissional, um amigo que passou tantas madrugadas e finais de semana me ajudando, me incentivando e me mostrando a melhor direção para seguir. O quarto anjo, André, se tornou mais que um amigo de trabalho, um irmão mais novo com quem, por tantas vezes, desabafei e dividi as angústias, pela torcida para que tudo desse certo e por todas as

contribuições com a revisão do texto, desde o projeto de pesquisa para seleção da FUV até a revisão para banca final.

Agradeço à Irlene por abrir as portas do RUM (Grupo Reunião de Umbandistas Mineiros), possibilitando a realização e discussão do meu estudo.

Por fim, agradeço aos professores da FUV pelos ensinamentos, em especial ao Professor Dr. Abdruschin por todas as orientações e por me ajudar a cumprir os prazos. Ao Professor Dr. Graham por todas as contribuições na qualificação. Ao Professor Dr. Osvaldo por acreditar e me dar uma oportunidade de conseguir chegar à etapa final. Gratidão a todos (as)!



RESUMO

A intolerância religiosa contra umbandistas no ambiente de trabalho é uma realidade. Essa violência está ligada à relação que a religião tem com a cultura e as crenças herdadas dos negros africanos, escravizados no Brasil. Sabendo-se que todos têm o direito a um trabalho digno e sem discriminação, este estudo objetivou compreender a percepção de umbandistas em relação à intolerância religiosa nos contextos de trabalho. Trata-se de um estudo descritivo, conduzido a partir de uma amostra de conveniência com umbandistas de Belo Horizonte. Foi utilizado como instrumento de coleta de dados um questionário virtual desenvolvido pela pesquisadora, via *Google Forms*. No total, 68 umbandistas participaram da pesquisa. Os resultados deste estudo corroboraram o censo nacional ao mostrar que, em Belo Horizonte, a maioria dos umbandistas se autodeclararam brancos (as) (35%). O nível de escolaridade entre os umbandistas também é elevado, já que 65% tem formação em algum nível técnico ou superior. A maior parte dos entrevistados (65%) acredita que a rejeição a qualquer religião de matriz africana é uma forma de racismo. E, do total de entrevistados, 56 (82,3%) já sofreram algum tipo de violência em relação à sua religião. É por meio do trabalho que o ser humano se realiza e obtém os meios necessários para sua subsistência. Porém, situações de conflitos no ambiente laboral podem provocar o desinteresse, a perda de produtividade e até o adoecimento dos trabalhadores. Nesse cenário, os assistentes sociais representam importantes atores para mediação de problemas interpessoais e para promoção da justiça social. Esta pesquisa deu voz aos trabalhadores umbandistas e, assim, apontou a importância de uma cultura organizacional que preze pelo respeito à diversidade.

Palavras-chave: Umbanda. Intolerância Religiosa, Serviço Social, Clima Organizacional. Religião Afro-brasileira.

ABSTRACT

Religious intolerance against Umbanda practitioners in the workplace is a reality. This violence is connected to the relationship that religion has with the culture and beliefs inherited from black Africans, enslaved in Brazil. Knowing that everyone has the right to work with dignity and without discrimination, this study aimed to understand the perception of Umbanda practitioners regarding religious intolerance in the workplace. This is a descriptive study, conducted from a sample of Umbanda practitioners from Belo Horizonte. A virtual questionnaire developed by the researcher, via Google Forms, was used as a data collection instrument. In total, 68 Umbanda practitioners participated in the survey. The results of this study corroborate the national census by showing that, in Belo Horizonte, most Umbanda practitioners declared themselves to be white (35%). The education level among Umbanda practitioners is also high, as 65% have technical or higher education. Most respondents (65%) believe that the rejection of any religion of African origin is a form of racism. And, from the total number of respondents, 56 (82.3%) have already suffered some type of violence regarding their religion. It is through work that human beings fulfill themselves and make a living. Nevertheless, situations of conflict in the work environment could cause lack of interest, loss of productivity, and even illness amongst workers. Within this scenario, social workers represent important actors in the mediation of interpersonal problems and the promotion of social justice. This research provided voice to Umbanda workers and, thus, pointed out the importance of an organizational culture that values respect for diversity.

Keywords: *Umbanda. Religious Intolerance. Social Work. Organizational Environment. Afro-Brazilian Religion.*

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS, GRÁFICOS E TABELAS	10
LISTA DE SIGLAS	11
INTRODUÇÃO.....	12
1 A RELIGIÃO UMBANDA.....	19
1.1 Escravidão, religiosidade e a Umbanda.....	19
1.2 Umbanda: uma religião de maioria branca e influenciada pela cultura negra.....	26
1.3 A história da Umbanda.....	35
2 A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA E O SERVIÇO SOCIAL.....	41
2.1 A (in)tolerância religiosa no Brasil	41
2.2 Serviço Social e religião.....	47
2.3 A religião e o mercado de trabalho.....	56
3 RELAÇÃO DOS UMBANDISTAS COM SUA RELIGIÃO NO AMBIENTE DE TRABALHO	63
3.1 Perfil dos entrevistados.....	63
3.2 Percepção sobre a Umbanda.....	67
3.3 Percepção sobre a intolerância religiosa.....	70
3.4 A intolerância religiosa e o mercado de trabalho em Belo Horizonte.....	77
CONCLUSÃO.....	84
REFERÊNCIAS	86
APÊNDICE A	95
APÊNDICE B.....	106

LISTA DE FIGURAS, GRÁFICOS E TABELAS

FIGURAS

Figura 1. Fachada da Casa de Oração Vó Catarina	29
Figura 2. Fachada do Terreiro de Umbanda Caboclo Pena Dourada	29
Figura 3. Altar do Centro de Irradiação Umbandista Pai Joaquim da Bahia	30
Figura 4 - Protocolo de denúncias	42
Figura 5. Integrantes da Casa de Caridade Força no Caminho em culto na natureza	70
Figura 6. Mapa dos atos de intolerância religiosa distribuídos no município de Belo Horizonte.	80
Figura 7. Cartaz da Campanha Assistentes Sociais no Combate ao Racismo - 2018.	82

GRÁFICOS

Gráfico 1. Número de Umbandistas por Unidade da Federação nos anos de 2000 e 2010.....	28
Gráfico 2. Umbandistas por cor ou raça em Minas Gerais 2010.....	31
Gráfico 3. Evolução das denúncias de Intolerância Religiosa no Dique 100 de 2011/2018....	44
Gráfico 4. Entrevistados por sexo	64
Gráfico 5. Idade dos entrevistados	65
Gráfico 6 – Grau de escolaridade dos entrevistados.....	65
Gráfico 7 – Cor/Raça dos entrevistados	66
Gráfico 8. Umbanda é.....	67
Gráfico 9. Etnia dos umbandistas segundo os entrevistados	69
Gráfico 10. Entrevistados que sofreram algum preconceito devido à religião.....	72
Gráfico 11. Caracterização dos entrevistados como umbandistas no momento da violência sofrida.....	73
Gráfico 12. Entrevistados que tem conhecimento de algum ato de violência contra terreiros de Umbanda.....	75
Gráfico 13. A religião não interfere na inserção do trabalhador no mercado de trabalho.....	78

TABELAS

Tabela 1. Número de Umbandistas por Raça/Cor	31
Tabela 2. Número de Umbandistas por Sexo	32
Tabela 3. Denúncias de discriminação religiosa no Brasil	44

LISTA DE SIGLAS

ABAS - Associação Brasileira de Assistentes Sociais
 ABESS - Associação Brasileira de Escolas de Serviço Social
 CEAS - Centro de Estudos e Ação Social de São Paulo
 CENARAB - Centro Nacional de Africanidade e Resistência Afro-Brasileira
 CEPLIR - Centro de Promoção da Liberdade Religiosa & Direitos Humanos
 CFAS - Conselho Federal de Assistentes Sociais
 CFESS - Conselho Federal de Serviço Social
 CNSS - Conselho Nacional de Serviço Social
 CRESS - Conselho Regional de Serviço Social
 CRP - Conselho Regional de Psicologia
 FCP - Fundação Cultural Palmares
 GTREL – Grupo de Trabalho pela Liberdade Religiosa
 IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
 LGBTQ+ - lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais
 MDS - Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome
 OAB - Ordem dos Advogados do Brasil
 PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
 PUC-MG - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
 PUC-RJ - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
 PUC-SP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
 RIVIR - Relatório sobre Intolerância e Violência Religiosa no Brasil
 RMBH – Região Metropolitana de Belo Horizonte
 RUM – Reunião de Umbandistas Mineiros
 SEASDH - Secretaria de Estado de Assistência Social e Direitos Humanos
 SEJUSP-MG - Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública
 SEPPIR - Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial
 UERJ - Universidade Estadual do Rio de Janeiro
 UFF - Universidade Federal Fluminense
 UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

INTRODUÇÃO

Chora meu cativoiro

Chora meu cativoiro,
meu cativoiro, meu cativerá, ora chora...
meu cativoiro, meu cativoiro, meu cativerá.

Preto Velho, que veio da Costa,
que veio do Congo, Luanda e Guiné.

Preto Velho de Nossa Senhora,
vem no terreiro, olhar filhos de fé.

Chora meu cativoiro,
meu cativoiro, meu cativerá, ora chora...
meu cativoiro, meu cativoiro meu cativerá.

Preto Velho de Nossa Senhora,
filho de Zambi, ele é meu protetor.

Chora meu cativoiro,
meu cativoiro, meu cativerá, ora chora...
meu cativoiro, meu cativoiro meu cativerá.

Preto Velho, aqui na terra trabalhou,
tanto trabalhou, até que um dia, lá na Aruanda,
Nossa Senhora, o Abençoou...¹

Esta pesquisa surgiu do anseio da pesquisadora em compreender o motivo pelo qual muitos umbandistas não falam sobre sua crença no ambiente de trabalho. Trabalhadores de outras religiões como os evangélicos² e católicos³ costumam falar mais abertamente sobre sua fé,⁴ e muitos até utilizam dos símbolos da sua religião, como crucifixos, bíblias, imagens de santos, entre outros dentro do local de trabalho.⁵ Neste sentido, a pesquisa visa responder às seguintes perguntas: quais são as razões do silêncio dos trabalhadores umbandistas a respeito

¹ Música, ou ponto cantado, nas reuniões de Umbanda da Casa de Caridade Força no Caminho em Belo Horizonte, autoria desconhecida.

² O termo evangélico está relacionado à vertente pentecostal, neopentecostal, presbiterianos, metodistas, batistas, luteranos, entre outros, uma vez que as dinâmicas sociorreligiosas no que se referem à utilização de símbolos são análogas.

³ O termo católico está relacionado à Igreja Católica Apostólica Romana.

⁴ “Duas dialéticas parecem orientar o campo das religiões dos brasileiros. Uma entre a diversidade institucional e certa homogeneidade de problemática. Outra, entre vertentes tradicionais de sincretismo e indecisão de identidades, reencontradas pelos surtos de pós-modernidade que eclodem no Brasil e as afirmações modernas de identidade definidas e excludentes”. PIERRE SANCHIS. *As religiões dos brasileiros*. Horizonte PUC MG, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 28-43, 1998. p. 41.

⁵ Ranquetat Jr., em sua tese de doutorado, apresenta uma importante discussão sobre a presença de símbolos católicos em espaços públicos. Segundo ele, “a pluralização do campo religioso brasileiro, com o vertiginoso crescimento pentecostal, é mais um elemento que vem a contestar e interpelar a imagem de um Brasil católico. Os setores evangélicos insurgem-se contra a hegemonia religiosa católica, requerendo do Estado um tratamento isonômico. Assim como os católicos, buscam ocupar espaços na esfera pública, penetrando na esfera política, midiática, no campo da assistência social e na própria paisagem urbana. Se as varas judiciais e os tribunais de justiça ainda permanecem como espaços que abrigam símbolos ligados à tradição católica como o crucifixo, outros espaços públicos são objeto de disputa e de conquista por parte dos setores evangélicos” RANQUETAT JR, César Alberto. *A presença da Bíblia e do crucifixo em espaços públicos no Brasil: religião, cultura e nação*. In: ORO, Ari Pedro *et al.* *A Religião no Espaço Público: atores e objetos*, São Paulo: Terceiro Nome, 2012. p. 61-79.

da sua religião? Como eles percebem essa necessidade de silêncio? Na visão desses trabalhadores, existem consequências para esse silêncio na sua vida pessoal e profissional?

Para responder estas questões, fez-se necessário o entendimento da história da Umbanda, o contexto social no qual o Brasil estava inserido no período em que a religião teve seu início. Devido ao fato do estudo estar focado no ambiente laboral dos entrevistados, buscou-se compreender o sentido do trabalho para os seres humanos, bem como o papel do assistente social diante das situações de violência relatadas pelos entrevistados.

Na mídia escrita e nos canais de TV encontram-se manchetes como: “Casos de intolerância religiosa crescem 23% em Minas Gerais: Praticantes do candomblé e umbanda reclamam da sensação de impunidade pelos crimes cometidos”⁶, ou “Terreiro de umbanda é atacado em Esmeraldas: 'A cada depredação a maldade piora', segundo líder religioso do espaço, é a terceira vez neste mês que o local é vandalizado”⁷, estes exemplos são cada vez mais comuns na mídia mineira. Apesar de todos os avanços, mudanças e conquistas sociais, casos de intolerância religiosa são noticiados todos os dias nos meios de comunicação e a frequência deste tipo de notícia tem crescido.

Segundo dados apresentados no Relatório sobre Intolerância e Violência Religiosa no Brasil (RIVIR), os fiéis das religiões afro-brasileiras⁸ aparecem com presença significativa entre os que mais sofrem violações de seus direitos em relação a sua religiosidade⁹. As perguntas que motivaram a pesquisa foram: esta violência está ligada à maneira como esses fiéis se conectam ao seu sagrado? Como estes fiéis se relacionam com a religião no ambiente laboral? O estado Laico e as determinações da Constituição Brasileira de 1988 estão sendo respeitados?

Dentro das religiões afro-brasileiras presentes na cidade de Belo Horizonte, em Minas Gerais, a Umbanda foi a escolhida para o estudo por ser considerada uma religião brasileira, que tem em seus ritos e cultos a presença de influências de outras religiões como candomblé, catolicismo e o espiritismo de Alan Kardec.¹⁰ A Umbanda, apesar de ter sua origem em solo

⁶ FÓRNEAS, Vitor. Casos de intolerância religiosa crescem 23% em Minas Gerais: praticantes do candomblé e umbanda reclamam da sensação de impunidade pelos crimes cometidos. *Jornal O Tempo, Online*. 2 mai. 2022.

⁷ BRITO, Alice. Terreiro de umbanda é atacado em Esmeraldas: a cada depredação a maldade piora, segundo líder religioso do espaço, é a terceira vez neste mês que o local é vandalizado. *Jornal O Tempo, Online*. 30 jun. 2022.

⁸ As religiões afro-brasileiras são resultado do sincretismo religioso, ou seja, é a reinvenção das religiões negras que tiveram suas origens no contexto brasileiro da escravidão. BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1971. p. 81.

⁹ FONSECA, Alexandre Brasil; ADAD, Clara Jane (Orgs.). *Relatório sobre intolerância e violência religiosa no Brasil (2011-2015): resultados preliminares*. Brasília: Secretaria Especial de Direitos Humanos, 2016. p. 52.

¹⁰ ROHDE, Bruno Faria. Umbanda, uma Religião que não Nasceu: Breves Considerações sobre uma Tendência Dominante na Interpretação do Universo Umbandista. *REVER: Revista de Estudos da Religião*, v. 9, 2009. p. 77-96.

brasileiro, enfrenta o preconceito e a violência,¹¹ assim como as religiões de matriz africana que chegaram ao nosso país com os escravos. A Umbanda é uma religião na qual a maior parte dos frequentadores são brancos, de acordo com os dados do Censo do IBGE de 2010.

A formação da Umbanda como um sistema de crença e ritual se deu nas grandes cidades do Sudeste, como Rio e São Paulo, nas décadas de 1920-30, e há um consenso entre a maioria dos pesquisadores quanto ao papel da classe média nesse processo. Além do mais, diz-se que este foi um fenômeno profundamente ligado às evidentes transformações da estrutura social como a urbanização, industrialização e formação da sociedade de classes.¹²

Sabendo-se que a Umbanda é uma religião brasileira e que tem frequentadores de maioria branca, cabe questionar: de onde vem o preconceito com a religião Umbanda? As diferenças entre as religiões de matriz africana (Candomblé, Macumba Carioca e Umbanda) possuem relação com esse preconceito? O que se sabe é que as possíveis respostas não estão nas questões que diferenciam estas crenças e, sim, nos aspectos que são comuns entre elas. Todas são associadas ao negro, são vinculadas à chegada dos africanos ao Brasil na condição de escravos, sendo assim seres inferiores¹³. Os africanos quando chegaram ao Brasil “trouxeram consigo suas divindades, visões do mundo, alteridades – linguística, artística, étnica, religiosa; diferentes formas de organização social e diferentes modos de simbolização do real”¹⁴.

Segundo Minayo (2006), “o Brasil sempre teve uma história de violência articulada à sua forma de colonização e de desenvolvimento, embora, o mito que corre no imaginário social e é apropriado politicamente é de que somos um país pacífico”¹⁵. Cabe salientar que o Brasil é o país da miscigenação, sua população tem influências de diversas etnias, entre elas está o negro, o índio, o português e diversas outras. É acrescentando também que

Uma das formas mais contundentes de violência no Brasil, que se poderia chamar estrutural e ‘estruturante’ pelo seu grau de enraizamento, são os níveis elevadíssimos de desigualdade que persistem historicamente e são o chão sobre o qual se assentam muitas outras expressões. O Brasil sempre foi marcado por ambivalências e ambiguidades de um país escravista e colonizado em que as relações sociais hoje estão

¹¹ Neste estudo, o termo violência será utilizado baseado na explicação de Galtung: “a violência está presente quando seres humanos estão sendo influenciados de maneira tal que suas realizações atuais somáticas e mentais estão abaixo das suas realizações potenciais”. GALTUNG J. Violence, peace and peace research. *Journal of Peace Research*. Oslo, v.6, n.3, p. 167-191, set. 1969. p. 168.

¹² FURUYA, Yoshiaki. *Umbandização dos cultos populares na Amazônia: a integração ao Brasil?* Shakai Kagaku Ronshú. Universidade de Kyúshú. v31, p. 11-59, 1994. p. 18.

¹³ FLOR do NASCIMENTO, Wanderson Flor. Intolerância ou racismo? *Jornal Hora Grande*, Outubro - Ano XXI - Edição 167. 2016. p. 15.

¹⁴ DEUS, Zélia Amador de. O corpo negro como marca identitária na diáspora africana. XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais, 2011, Salvador. *Anais...* Salvador, XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais v. 11, p. 1-11.

¹⁵ MINAYO, M. C. S. O contexto da violência social no Brasil. In: *Violência e saúde [online]*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006. Temas em Saúde collection, pp. 25-30. p. 25.

entranhadas num tipo de apartheid considerado, por muitos autores, como mais iníquo que o dos Estados Unidos e o da África do Sul.¹⁶

Teoricamente, ao levar em consideração sua origem, o Brasil não deveria ser um país livre de preconceitos? Então, porque os negros ainda sofrem com o preconceito? Para responder estas perguntas é preciso voltar na história e chegar ao período da Abolição da Escravidão. Quando os negros deixam de ser escravos e passam a ser pessoas livres se veem à margem da sociedade, muitos já haviam nascido dentro das senzalas como escravos e, apesar de terem a liberdade, continuavam sem ter o direito à moradia, estudo, saúde, emprego, enfim, não tinham condições mínimas para se viver com dignidade. Estudiosos da história dos pretos no Brasil afirmam que neste período pós-abolição da escravidão, havia políticas públicas que visavam o embranquecimento da sociedade.¹⁷

Começou há muito tempo atrás um projeto de país republicano que pretendia aniquilar a população não branca. Veja bem, eu disse não branca, porque não cabe neste projeto de país nem preto, nem índio ou mestiço que se pareça com o preto ou com o índio. [...] No início do século XIX até o final dele, a questão: o que vamos fazer com esse monte de negro? Permeou por todas as esferas da elite nacional. Este debate está presente em formas de projetos detalhados e sugestões a governantes. Os livros publicados no período deixam escapar a preocupação dos 'homens de bem' do Brasil em regulamentar uma transição que fosse lenta e gradual do trabalho escravo para o trabalho livre, de modo que as relações entre os senhores e escravos ficassem um pouco mais brandas.¹⁸

As estratégias políticas que visavam este embranquecimento da população brasileira durante o período republicano, podem ser exemplificadas com a Lei da Vadiagem¹⁹, que previa uma punição para aqueles que não estivessem em um trabalho formal. Os negros, além da necessidade de provar que eram livres, se viram obrigados a conseguir um trabalho para não se enquadrarem nos critérios previstos na legislação, para não acabarem detidos e taxados como vadios. Esse elemento de perseguição político-racial também está associado em muitos aspectos ao fator da criminalização da pobreza.

Reconhecemos que a religião, a espiritualidade e as crenças desempenham um papel central nas vidas de milhões de mulheres e homens, e no modo como vivem e tratam as outras pessoas. Religião, espiritualidade e crenças podem e devem contribuir para

¹⁶ MINAYO, M. C. S. O contexto da violência social no Brasil. In: *Violência e saúde [online]*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006. Temas em Saúde collection, p. 25-30.

¹⁷ HISTÓRIA PRETA: *Branqueamento racial do Brasil* [Locução de]: Thiago André. [S. l.]: B9, 29 mar. 2019. Podcast. (00 min, 23seg – 01 min, 32 seg)

¹⁸ HISTÓRIA PRETA: *Branqueamento racial do Brasil*, 2019. (02 min, 03 seg – 03 min, 12 seg)

¹⁹ Esta expressão se referia ao Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890, que promulgou o Código Penal dos Estados Unidos do Brasil, este dedicava um capítulo aos vadios e capoeiras.

a promoção da dignidade e dos valores inerentes à pessoa humana e para a erradicação do racismo, discriminação racial, xenofobia e intolerância correlata.²⁰

Assim sendo, é possível perceber que a intolerância religiosa se trata de um fenômeno que envolve aspectos sociais, econômicos, políticos entre outros, o que justifica a atuação do assistente social neste contexto religioso. O Serviço Social chegou ao Brasil no ano de 1936, sob forte influência da Igreja Católica Romana, com o objetivo de intervir nas diversas manifestações da questão social, produzidas pela sociedade capitalista. Naquele tempo, por estar marcado pelos princípios católicos, o Serviço Social analisava a questão social como um problema moral e religioso. Esta percepção sofreu mudanças a partir da década de 1980, quando a profissão “incorpora uma análise crítica orientada pela herança marxista que permite uma apreensão do movimento de transformação da realidade social”²¹. Portanto, os anos 1980 e 1990 simbolizam uma ruptura com o que ficou denominado Serviço Social Tradicional, trazendo para o cenário brasileiro uma profissão mais engajada com as perspectivas progressistas e de respeito às liberdades individuais e coletivas.

O Código de Ética Profissional do Assistente Social, aprovado em 1993, é o primeiro código profissional do Serviço Social que introduz a questão da não discriminação como um de seus princípios fundamentais. Isso remete a uma reflexão acerca da importância atribuída à ética e aos direitos humanos no interior do projeto ético-político a partir dos anos 1990, fortalecendo as bases para o desenvolvimento de um debate sobre a questão étnico/racial no cotidiano do assistente social.²²

O princípio básico para a atuação do assistente social é a compreensão do contexto em que o usuário está inserido, seja em relação aos aspectos culturais, sociais, financeiros, religiosos, entre outros. Diante do exposto, fica claro que o valor central que se encontra no Código de Ética do Serviço Social é a Liberdade, que garante a cada ser humano sua possibilidade de escolha.²³ Neste sentido, faz-se necessário a compreensão dos valores ético-religiosos, uma vez que estes apresentam forte influência no comportamento e nas crenças destes usuários atendidos. Será com o olhar voltado para os aspectos supracitados que essa pesquisa avançará, analisando criticamente os aspectos socioeconômicos que estão por trás da questão religiosa.

²⁰ QUINTÃO, Graziela Ferreira. *A questão religiosa no trabalho do assistente social: fragmentos de uma investigação na atualidade*. Dissertação (Mestrado em Política Social). Escola de Serviço Social – Programa de Estudos Pós-Graduados em Política Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 2012.

²¹ EURICO, Márcia Campos. A percepção do assistente social acerca do racismo institucional. *Serviço Social & Sociedade [online]*, n. 114. p. 290-310. 2013. p. 292.

²² EURICO, 2013. p. 293.

²³ BRASIL. Conselho Federal de Serviço Social (CFESS). *Código de ética Profissional do/a Assistente Social*. Lei Nº. 8.662/93 de regulamentação da profissão. 10. ed. rev. e atual. Brasília, 2012. p. 23.

É preciso denunciar que no Brasil, anualmente, morrem mais jovens do que em guerras civis nos países africanos ou no Oriente Médio. Esses jovens são geralmente negros. A população usuária dos serviços da assistência social é, em sua maioria, formada por negros. [...] Portanto, a pobreza no Brasil tem cor, não dá para negar.²⁴

A ligação da Umbanda com a população negra, que ainda vivencia situações de vulnerabilidade e risco social, é suscetível a atos de violência motivados pelo preconceito racial, por isso justifica a importância da discussão do tema no âmbito da atuação do assistente social. O projeto ético-político do Serviço Social é composto por múltiplas dimensões e o estudo realizado nesta pesquisa pode auxiliar no entendimento dos motivos que levam ao adoecimento de trabalhadores, com vistas à garantia dos direitos sociais, sem qualquer forma de discriminação religiosa ou racial. O termo projeto ético-político refere-se a um projeto de luta da categoria profissional dos assistentes sociais, sendo uma bandeira de reivindicações e de resistência, é algo que liga a profissão a um sonho de sociedade mais justa, mais igualitária e mais solidária.²⁵

A prática religiosa é um direito garantido por lei,²⁶ neste sentido este estudo irá contribuir com a compreensão do impacto provocado pelo preconceito enfrentado por trabalhadores umbandistas em seus locais de trabalho. Para calcular o tamanho da amostra a ser pesquisada, levou-se em consideração o total de 2150²⁷ umbandistas no município de Belo Horizonte, com nível de confiança da pesquisa em 90%, e margem de erro de 10%. Foram entrevistados 68 umbandistas. O questionário foi aplicado na modalidade on-line e para a divulgação da pesquisa foram utilizadas as redes sociais do grupo de dirigentes de terreiros de Umbanda de Belo Horizonte, denominado Reunião de Umbandistas Mineiros – RUM.

A dissertação está estruturada em cinco partes: esta introdução; capítulo 1 que fez um resgate histórico do período colonial, quando os escravos chegaram ao Brasil, contextualizou o período em que se iniciou as reuniões de Umbanda no país e apresentou algumas características dos adeptos à religião; capítulo 2, onde apresentou-se o conceito de intolerância religiosa, o sentido do trabalho e a relação da religião com o ambiente laboral desses trabalhadores, introduziu, também, a discussão sobre o papel do assistente social e o projeto ético-político da profissão; o capítulo 3 apresentou a análise da pesquisa realizada com os umbandistas e a

²⁴ SANTOS, W. E. *O Negro, o Serviço Social e a Assistência Social*. Boletim Conexões Gerais, CRESS/MG, 30 nov. 2012, p. 2.

²⁵ SILVA, Jackeline Araujo. O código de ética do/a assistente social e o projeto ético-político: uma trajetória histórica de mudanças. Seminário Nacional de Serviço Social, Trabalho e Política Social. 2015, Florianópolis- SC. *Anais...* p. 97-105. Florianópolis-SC, Seminário Nacional de Serviço Social, Trabalho e Política Social, 2015.

²⁶ A Constituição Federal, no Artigo 5º, VI, estipula ser inviolável a liberdade de consciência e de crença, assegurando o livre exercício dos cultos religiosos e garantindo, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e as suas liturgias.

²⁷ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Censo de 2010*. Brasília, 2010.

percepção deles em relação ao preconceito vivenciado no trabalho devido à sua religião; e as considerações finais. Com relação à base teórica os principais autores que nortearam esse estudo foram Émile Durkheim, Roger Bastides, Renato Ortiz e Sidnei Nogueira.



1 A RELIGIÃO UMBANDA

Este primeiro capítulo busca situar a religião da Umbanda no marco histórico, fazendo um resgate do período colonial em que os negros chegam ao Brasil como escravos e junto a eles, trazem sua cultura, costumes e religiosidade. Destaca-se que, segundo Durkheim, a religião é “um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas, crenças e práticas que reúnem numa mesma comunidade moral, chamada igreja, todos aqueles que a elas aderem”²⁸. Na religião os indivíduos agem e pensam de forma coletiva, o que faz com que ela se caracterize como um produto social, onde se estabelecem as condições para a vida em sociedade.

Com o fim da escravidão, os negros buscam uma inserção na sociedade, porém por estarem em condição de ex-escravos e pela cor de sua pele não foram contemplados por políticas públicas que visassem à garantia de seus direitos, são marginalizados e, como forma de sobrevivência, acabam buscando o embranquecimento.²⁹ No início do século XX, vem o surgimento da Umbanda e os aspectos que relacionam a nova religião à história do negro brasileiro. A Umbanda é uma religião na qual a maior parte de seus fiéis é da cor branca. Diante desta afirmação, os atos de preconceito estão associados à sua relação com a história da escravidão? Buscando responder esta pergunta, será apresentada uma caracterização da religião em relação à raça e classe social dos seus fiéis, bem como as características dos terreiros localizados em Belo Horizonte.

1.1 Escravidão, religiosidade e a Umbanda

Preto Velho Pode Ser Preto

O preto por ser preto

Não merece ingratidão

O preto fica branco

Na outra encarnação

No tempo da escravidão

Como o senhor me batia

Eu chamava por Nossa Senhora, Meu Deus!

²⁸ DURKHEIM, E. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 32.

²⁹ O termo embranquecimento será usado no mesmo sentido utilizado por Renato Ortiz: para subir individualmente na estrutura social, o negro não tem alternativa, ele precisa aceitar os valores impostos pelo mundo branco; ele vai, pois, recusar tudo aquilo que tem forte conotação negra, isto é, afro-brasileira. Pode-se dizer que existe um desejo de embranquecimento que corresponde a um “complexo de inferioridade” do negro diante do branco. ORTIZ, R. *A morte branca do feiticeiro negro: Umbanda e sociedade brasileira*. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1999. p. 33.

Para abordar o tema central desta dissertação, *Intolerância religiosa no mercado de trabalho: um estudo de caso sobre a Umbanda* é necessário fazer um resgate histórico do processo de colonização do Brasil, uma vez que esta religião teve seu início em solo brasileiro. Apesar de já se terem passado mais de 500 anos da chegada dos portugueses ao Brasil, ainda pode-se observar as marcas da crueldade do processo de escravidão vivenciado pela população negra. Segundo Gomes, “o Brasil foi o maior território escravista do hemisfério ocidental por quase três séculos e meio. Recebeu, sozinho, quase 5 milhões de africanos cativos, 40% do total de 12,5 milhões embarcados para a América”³¹.

Os negros eram capturados e escravizados em sua terra natal, vinham em navios negreiros, como mercadorias, para o Brasil, transportados de forma desumana, muitos não resistiam à viagem e morriam antes mesmo de pisar no solo brasileiro. “Quase a totalidade de embarcados nos navios negreiros jamais teve a oportunidade de voltar às suas origens africanas. [...] Pelo menos 1,8 milhão morreu na travessia do Atlântico”³².

O regime escravagista procurava excluir a identidade cultural dos africanos. Os senhores de engenho ao adquirirem seus escravos procuravam comprar aqueles que não eram da mesma família ou nação, com o objetivo de criar grupos heterogêneos e, assim, evitarem as rebeliões. Cada nação possuía seu dialeto e sua crença. Ao separar os grupos homogêneos, os senhores também dificultavam a comunicação entre os escravos e evitavam que eles realizassem seus cultos religiosos. Pinto e Ferreira concluem: “o período escravagista foi marcado pela forma animalizada e coisificada como o africano escravizado era tratado, uma estratégia que resultou na construção de uma imagem desumanizada do negro”³³.

A religião cristã foi imposta aos negros trazidos da África e aos índios que já habitavam estas terras. Para que o projeto de colonização do Brasil desse certo, a coroa portuguesa contou com o apoio da Companhia de Jesus (Jesuítas). Os africanos que chegavam ao Brasil, como

³⁰ Música, ou ponto cantado, nas reuniões de Umbanda da Casa de Caridade Força no Caminho em Belo Horizonte, autoria desconhecida.

³¹ GOMES, Laurentino. *Escravidão: do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares*. v. 1. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019. p. 24.

³² GOMES, 2019, p. 19.

³³ PINTO, Márcia Cristina Costa; FERREIRA, Ricardo Franklin. Relações raciais no Brasil e a construção da identidade da pessoa negra. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*. São João Del Rey, v. 9. n. 2. 2014. p. 164.

escravos, além de serem separados de seus familiares, eram obrigados a aceitar o cristianismo, recebiam o batismo e passavam pela evangelização dos padres católicos.³⁴

A diversidade das línguas e dialetos falados pelos negros dentro das senzalas dificultava o culto aos Orixás, Inkices e Voduns³⁵, deuses cultuados pelos negros na África, porém eles começaram a perceber que o que os unia não era a língua falada e, sim, a cor da pele e a condição de pessoa escravizada. “A crença em Zambi (Deus) e nos Orixás, mais do que uma religião era também um meio de garantir a solidariedade de todos. Sabiam que não haveria liberdade sem luta e, para isso, era necessário unirem-se em torno dos mesmos objetivos”³⁶. Desta forma, segundo Bastide, “a solidariedade deixou de acontecer no plano doméstico para se tornar uma solidariedade puramente étnica”³⁷, ou seja, eles precisavam se unir e lutar não apenas dentro da senzala em que viviam, mas de forma ampla. Conforme Ortiz:

Apesar dos efeitos destrutivos que o tráfico e o sistema escravista imprimiram nos costumes africanos, a memória coletiva negra conseguiu encarnar-se no solo brasileiro. Preserva-se desta forma o culto de grande parte dos deuses africanos, ao mesmo tempo em que se reinterpreta práticas e costumes através de danças como o lundu, das embaixadas dos reis dos reis congos. Pouco a pouco a herança africana se transforma assim em elementos culturais afro-brasileiros.³⁸

Ao perceberem que quando os escravos tinham algum tipo de lazer, a produção no trabalho aumentava, os senhores “passaram a incentivar a organização de festas que, obrigatoriamente, coincidiam com os dias consagrados aos santos padroeiros das famílias dos fazendeiros ou dos santos patronos dos escravos, como São Benedito e Santa Ifigênia”³⁹. Os escravos eram obrigados a cultuar os santos católicos de devoção de seus senhores, muitas vezes

³⁴ RAMOS, Lediane Pereira. Justificativas da Igreja Católica para o escravagismo: no Brasil colônia. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*. São Paulo, v.7. n.9. set. 2021. p. 607-610.

³⁵ Dos muitos grupos de escravos vindos para o Brasil, três nações se destacaram: Negros Fons ou Nação Jeje; Negros Yorubás ou Nação Ketu; Negros Bantos ou Nação Angola. Cada uma dessas três nações tem dialeto e ritualística próprias, por exemplo: na Nação Jeje os deuses são chamados de Voduns, na Nação Ketu, de Orixás e na Nação de Angola, de Inkices.

³⁶ TRINDADE, Diamantino Fernandes. *História da Umbanda no Brasil*. Limeira, SP: Editora do Conhecimento, 2014. p. 55.

³⁷ BASTIDE, 1971.

³⁸ ORTIZ, 1999, p. 15.

³⁹ TRINDADE, 2014, p. 50-51.

*esculpidos em madeira*⁴⁰. Inicia-se, então, o *sincretismo*⁴¹ religioso no Brasil. Na África, os Orixás eram cultuados em prol de toda comunidade, nas orações se pedia fartura nas colheitas, fecundidade para as mulheres e criações, porém diante da condição de pessoa escravizada, os

Africanos não poderiam pedir isso para as divindades, pois o resultado seria mais trabalho estafante e castigos.

Enquanto na África Ogum era o patrono dos ferreiros ou protetor das ferramentas agrícolas de ferro, aqui essa função perdia o seu sentido, pois eram esses instrumentos que utilizavam sol a sol no trabalho cruel e desumano, além de ser o ferro o material usado nas correntes que os mantinham presos. Ogum passou a ser então o deus da guerra e da vingança, que os libertaria.⁴²

Na África cada Orixá era cultuado em uma determinada região, enquanto no Brasil não ocorreu a separação geográfica do culto aos Orixás, sendo vários deles cultuados em uma mesma região.⁴³ Além das mudanças nos cultos dos negros, a hierarquia entre os escravos sofreu influências religiosas, geralmente a função de capitães do mato era repassada para os negros mandingas, muçulmanos, uma vez que eles apresentavam aversão a quem não cultuava Alá e Maomé. Os brancos aproveitavam da diferença de crenças dando a eles funções superiores e incrementando a rivalidade religiosa. Neste contexto, Trindade completa “o estado de cultura superior dos mandingas em relação aos demais fez com que fossem tidos como feiticeiros, passando a expressão mandinga a sinônimo de feitiço”⁴⁴. Percebe-se que a relação dos negros mandingas e os demais que tinham crença nos Orixás, Voduns e Inkices, já apresentavam características de intolerância religiosa, que era incentivada pelos brancos.

Os preconceitos no que se refere à questão da raça estavam presentes nas relações hierárquicas, uma vez que os postos de trabalho eram definidos pelas raças dos indivíduos: os índios e os negros eram os servos/escravos, os negros mandingas capitães do mato, os brancos

⁴⁰ Cabe aqui apresentar uma curiosidade sobre a origem da expressão “Santo do Pau Oco” citada por Trindade, 2014, p. 56: “O negro africano, quando cumpria sua obrigação, retirava uma pedra do lugar sagrado, denominada de otá. Essa pedra era cultuada como objeto sagrado pelo resto de seus dias. As imagens de Santos Católicos, muito populares no período colonial, eram, na sua maioria, esculpidas em madeira. Para não trair os seus deuses de origem, o negro habitualmente escavava a imagem do Santo e introduzia nessa escavação o otá correspondente ao Orixá. Dessa forma, ele poderia voltar-se para uma imagem do Santo Católico e reverenciar o seu Orixá [...] O branco acabou por descobrir que os negros escavavam as imagens e o negro justificava o fato dizendo que a imagem oca não trincava e que a pedra na base servia para dar maior estabilidade à imagem. O branco, esperto, passou a utilizar-se destas imagens para ocultar, no seu interior, fumo, ouro e pedras preciosas. Essa imagem era vedada com uma massa preparada com cera de abelhas e serragem e enviada à Europa sem pagar os direitos do Rei, surgindo dessa forma a expressão *santo do pau oco* como sinônimo de coisa maldosa”.

⁴¹ Sincretismo é um processo que propõe resolver uma situação de conflito cultural. Caracteriza-se como uma mistura de elementos culturais. Uma simbiose entre os componentes das culturas que estão em contato. TRINDADE, 2014, p. 29.

⁴² TRINDADE, 2014, p. 50.

⁴³ BASTIDE, 1971, p. 90.

⁴⁴ TRINDADE, 2014, p. 51.

eram os trabalhadores livres e os brancos de origem nobre ocupavam os postos de chefia e governança civil e militar. Dentro do contexto da raça estavam os mestiços, que não eram nem negros e nem brancos, representavam a mistura das raças,⁴⁵ e para este grupo a condição de trabalho estava relacionada ao tom mais claro ou mais escuro de sua pele.

Maia, em sua tese e ao citar Bastide, traz uma reflexão sobre os momentos das religiões afro-brasileiras. Segundo ele, o autor caracteriza três momentos: o primeiro quando surgem os *candomblés*⁴⁶ com os escravos africanos; o segundo quando estes deixam de ser escravos para serem assalariados e surgem as *macumbas*⁴⁷; e o terceiro que ele “chamou de espiritismo de umbanda devido à industrialização, à urbanização do país e à busca de ascensão social, principalmente, por parte dos negros”⁴⁸. O termo espiritismo associava a religião ao Espiritismo de Alan Kardec, o que poderia auxiliar na sua aceitação pela sociedade.⁴⁹

A abolição da escravidão foi assinada em 1888, mas essa “liberdade nunca significou, para os ex-escravos e seus descendentes, oportunidade de mobilidade social ou melhoria de vida”⁵⁰. Mesmo com o fim da escravidão, os negros “nunca tiveram acesso a terras, bons empregos, moradias descentes, educação, assistência de saúde e outras oportunidades disponíveis para os brancos”⁵¹. Após a conquista da liberdade os ex-escravos ficaram “à mercê”⁵² do seu destino, uma vez que se viram livres, mas sem emprego, moradia, estudo, enfim, sem as condições adequadas de sobrevivência. A mão de obra europeia, que era assalariada, já havia chegado ao Brasil e assumido os trabalhos antes realizados pelos negros, pois representavam uma força de trabalho mais qualificada para os empregadores.

Desde o nascimento, os negros brasileiros foram condicionados a acreditar que os brancos eram mais qualificados, que eles não seriam capazes de mudar seu destino, assim como

⁴⁵ MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 17-20.

⁴⁶ Neste trabalho, será considerado o Candomblé como uma religião afro-brasileira derivada de cultos tradicionais africanos, que tiveram sua origem no período colonial, na qual há crença em um Ser Supremo (Olorum, Mawu, ou Nzambi, dependendo da nação) e culto dirigido a forças da natureza personificadas na forma de ancestrais divinizados: Orixás, Voduns ou Inquices, dependendo da nação.

⁴⁷ Macumba é uma palavra de origem angolana que está ligada a um instrumento musical folclórico de percussão de origem africana, similar ao reco-reco. Neste texto, a macumba será mencionada como a religião de matriz africana presente principalmente no Rio de Janeiro, “composta por crenças e ritos que se relacionam por meio de um processo sincrético, onde a estrutura de seus significados é construída pelos agentes sociais em uma situação urbana, preservando os símbolos dominantes da tradição africana”. TRINDADE, 2014, p. 87.

⁴⁸ MAIA, Anderson Marinho. *Entre outras manifestações de fé, a Umbanda: comunidades quilombolas, contextos e práticas da religiosidade afrodescendente*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. 2019. p. 179.

⁴⁹ BERGO, 2011, p. 81.

⁵⁰ GOMES, 2019, p. 31.

⁵¹ GOMES, 2019, p. 31.

⁵² Neste texto, considera-se a expressão como: em completa dependência de uma pessoa ou coisa; sujeito a vontade de: estava à mercê de doações; o barco estava à mercê do vento.

seus ancestrais haviam sofrido no período colonial, eles também deveriam sofrer. Ortiz, citando Bastide, explica o termo embranquecimento como:

Para subir individualmente na estrutura social, o negro não tem alternativa, ele precisa aceitar os valores impostos pelo mundo branco; ele vai, pois recusar tudo aquilo que tem forte conotação negra, isto é, afro-brasileira. [...] Pode-se dizer que existe um desejo de *embranquecimento* que corresponde a um ‘complexo de inferioridade’ do negro diante do branco. Este complexo não é, entretanto, segundo Bastide, de natureza libidinosa, mas social; ele decorre da posição inferior do negro no sistema escravocrata brasileiro.⁵³

Além disso, com as mudanças urbano-industriais que o país vivia e com o crescente aumento da imigração europeia, o negro se viu “submetido a uma repressão secular, ele não estava preparado para assumir as novas tarefas propostas pela sociedade”⁵⁴. No século XIX cresce o número de mestiços, passando a ser o século “do embranquecimento do mulato, que, preso entre duas correntes contraditórias, deve ‘embranquecer a alma’, a fim de ascender individualmente na hierarquia social”⁵⁵. Esses mestiços eram, muitas vezes, frutos de uma violência sexual sofrida pelas mulheres negras que eram estupradas por seus senhores, representando, assim, um grupo duplamente discriminado: por um lado os brancos os consideravam como negros e inferiores, por outro os negros os consideravam como brancos.⁵⁶

Naquela época, a conversão ao cristianismo também foi uma tentativa para conseguir um lugar na sociedade, à medida que os negros se convertiam e se tornavam cristãos, ganhavam o direito de participar das missas e festividades da Igreja Católica Romana. Porém, essa participação era bem controlada, cada um tinha seu espaço reservado dentro da celebração, durante a celebração os brancos mais importantes da região sentavam-se bem à frente do altar, brancos menos importantes em seguida, depois os mestiços e negros livres e, por último, os negros escravizados convertidos.⁵⁷

Uma das principais linhas de trabalho dentro da Umbanda são os espíritos de “pretos-velhos” que cumpre uma espécie de função social, uma vez que eles são responsáveis por manter viva uma memória da escravidão (com seus sofrimentos, sua resistência e sua resiliência) e, concomitantemente, por auxiliar no alívio das dores daqueles que os procuram. Todo o processo vivenciado pelos negros no Brasil fez com que eles fossem marginalizados, e

⁵³ ORTIZ, 1999, p. 33.

⁵⁴ ORTIZ, 1999, p. 27.

⁵⁵ ORTIZ, 1999, p. 24.

⁵⁶ OLIVEIRA, José Henrique Motta de. *Das Macumbas à Umbanda: uma análise histórica da construção de uma religião brasileira*. Limeira, SP: Editora do Conhecimento, 2008. p. 54.

⁵⁷ OLIVEIRA, 2008, p. 55.

esta segregação e marginalização precisavam ceder lugar a categorias diferenciadas que fossem capazes de compor um todo orgânico.⁵⁸

Esse processo, que transformava o negro em pobre, juntou o pobre negro com o pobre branco numa mesma categoria. No espaço sem identidade da grande cidade que então apenas se desenhava, aglomerava-se uma população cujas referências originais tinham sido estilhaçadas pelas mudanças em curso, fossem eles negros ou brancos, ou fossem ainda ‘misturados’, como os têm sonhado as ideologias brasileiras dos morenismos e do branqueamento da raça.⁵⁹

A Umbanda é uma religião de redefinição de origens e símbolos, pois apresenta em sua prática e fundamentos saberes e costumes de outras religiões.⁶⁰ Dos Candomblés, a religião herdou o culto aos Orixás como divindades que guiam os espíritos desencarnados de velhos índios, antigos escravos, crianças, entre outros. Com o Espiritismo de Alan Kardec aprendeu não só a lidar com a concepção do karma, mas também com uma concepção ética da expressão religiosa cristã. Com o Catolicismo Romano realiza seu sincretismo com as imagens de santos e santas, além de utilizar de outros símbolos como a vela e o incenso da igreja católica.

Pode-se dizer que existem várias Umbandas e dentre estas existem aquelas que possuem em seu sagrado símbolos herdados das religiões de matriz africana, como o atabaque (instrumento tocado durante as sessões) e a entrega do Deká (rito realizado para a consagração dos dirigentes como Babalorixás ou Pai de Santo e Yalorixás ou Mãe de Santo). No senso comum e até mesmo entre seus adeptos, a origem da Umbanda não é muito clara, muitos consideram que a religião é representada em sua maioria por negros e uma das hipóteses deste trabalho é que a intolerância também esteja ligada a esta percepção das pessoas em relação à religião.

A intolerância religiosa no Brasil tem relações diretas com a colonização do país, as relações entre o poder político e a igreja católica que puniam, inclusive legalmente, a prática de outras crenças, que vão de encontro com as questões comerciais em que os europeus eram mais valorizados que os índios e os negros, o que explica o fato dos estrangeiros europeus, conquistarem mais cedo a liberdade de praticar seus cultos. Esta relação permanece no agir dos brasileiros, pois o que vem do branco ainda é mais aceito e valorizado do que aquilo que remete à cultura do negro.⁶¹

⁵⁸ PRANDI, Reginaldo. Raça e religião. *Novos Estudos Cebrap*. São Paulo, n.42, p. 113-129, 1995, p. 119.

⁵⁹ PRANDI, 1995, p. 119.

⁶⁰ ORTIZ, 1999, p. 31-34.

⁶¹ HISTÓRIA PRETA: *Branqueamento racial do Brasil*, 2019.

1.2 Umbanda: uma religião de maioria branca e influenciada pela cultura negra

Hino da Umbanda

*Refletiu a luz divina
Com todo seu esplendor
É no reino de Oxalá
Aonde há paz e amor
Luz que refletiu na terra
Luz que refletiu no mar
Luz que veio de Aruanda
Para nos iluminar*

*A Umbanda é paz e amor
Um mundo cheio de Luz
É força que nos dá vida
E a grandeza nos conduz*

*Avante, filhos de fé
Como a nossa lei não há
Levando ao mundo inteiro
A bandeira de Oxalá*

*Levando ao mundo inteiro
A bandeira de Oxalá⁶²*

A Umbanda é uma religião que teve seu início no período urbano-industrial. Ela é uma religião brasileira e diferente do candomblé e outras religiões consideradas de matriz africana. Ortiz descreve a Umbanda como “nacional que se opõe às religiões de importação [...] não nos encontramos mais na presença de um sincretismo afro-brasileiro, mas diante de uma síntese brasileira, de uma religião endógena”⁶³.

A umbanda é a religião brasileira, agora sim somos todos iguais, sem distinção de origem, sem distinção de marca. Somos europeus, africanos, indígenas, turcos, ciganos. Somos cristãos e espíritas. Acreditamos nos santos católicos e nos orixás. Atendemos aos sacramentos da Igreja e nos consultamos com os caboclos. Somos instruídos, porque agora sim lemos e escrevemos muito sobre a religião, e não nos importamos em deixar um outro ego apropriar-se temporariamente de nossa consciência na vivência do transe. [...] A Umbanda guardou do candomblé quase tudo, embora escondesse alguma coisa. Ela não é, contudo, uma religião negra nem uma religião de negros. É uma religião de pobres e de indivíduos das classes médias baixas, brancos e negros. A Umbanda é uma religião voltada para a maioria, enfim. Chega de segregação. Mas a maioria negra, que faz parte da maioria pobre.⁶⁴

⁶² O Hino da Umbanda foi composto por José Manoel Alves (letra) e Dalmo da Trindade Reis (música) em 1961.

⁶³ ORTIZ, 1999, p. 17.

⁶⁴ PRANDI, 1995, p. 119.

A maioria dos terreiros de Umbanda está situada nas periferias das cidades. Segundo os dados do censo do IBGE⁶⁵ 2010⁶⁶, cerca de 97% dos umbandistas do Brasil residem na área urbana das cidades. Estes dados apresentam uma estimativa, uma vez que é difícil precisar o número exato de umbandistas no Brasil, já que muitos adeptos além dos terreiros frequentam cultos de outras religiões, ou se autodeclararam como espíritas, o que dificulta a quantificação precisa dos umbandistas. Bergo explica:

Isto se deve ao fato do espiritismo kardecista gozar de melhor prestígio social do que as religiões de matriz africana, a autoqualificação de 'espírita' e o emprego desse termo também na denominação de suas instituições são estratégias usadas pelos umbandistas de modo geral como um modo de evitar discriminação.⁶⁷

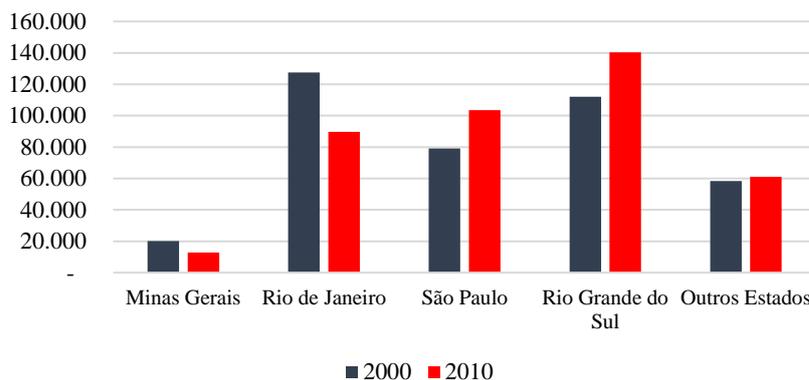
Os principais estudos sobre a Umbanda que foram utilizados como base para esta pesquisa, foram realizados nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, por este motivo a maior parte dos dados apresentados pelos estudiosos que serão mencionados se referem a estas localidades. Uma curiosidade a se destacar é que apesar de os principais autores mencionarem apenas Rio de Janeiro e São Paulo, segundo os dados do IBGE, Gráfico 1, cerca 34% dos umbandistas que se declararam praticantes desta crença estão no estado do Rio Grande do Sul.

Até o censo do IBGE de 2000, a maior concentração de umbandistas estava no estado do Rio de Janeiro, porém em 2010 o número de umbandistas no estado teve uma redução significativa. Estes números estão ligados ao aumento expressivo do número de evangélicos no estado, aproximadamente 32%. Em 2010, o censo apontou o Rio Grande do Sul como o estado com maior número de umbandistas declarados, cerca de 34% do total do país, demonstrando um crescimento de 6 pontos percentuais em relação ao ano de 2000 que registrou cerca de 28% do total, conforme Gráfico 1. Em Minas Gerais encontram-se, em 2010, apenas cerca de 3% dos umbandistas declarados, número este que apresentou uma redução em relação ao de 2000 que registrou cerca de 5%.

⁶⁵ O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE é o principal provedor de informações geográficas e estatísticas do Brasil.

⁶⁶ Os dados apresentados se referem ao ano de 2010, por ser o ano em que foram publicados os dados para o último Censo do IBGE até data desta pesquisa.

⁶⁷ BERGO, Renata Silva. *Quando O SANTO chama: O terreiro de umbanda como contexto de aprendizagem na prática*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação. Belo Horizonte, 2011, p. 81.

Gráfico 1. Número de Umbandistas por Unidade da Federação nos anos de 2000 e 2010⁶⁸

Durante a realização dos estudos, não foram localizados referenciais que precisassem o número de terreiros de Umbanda existentes hoje no Brasil. Muitos desses terreiros não são formalizados, ou seja, não possuem o registro para o funcionamento. Em Minas Gerais, mais precisamente, em Belo Horizonte, onde essa pesquisa será focada, os terreiros não possuem placas indicativas nas suas fachadas e é comum encontrar terreiros que funcionam no quintal ou até mesmo na sala das casas de seus sacerdotes.⁶⁹

Outro levantamento realizado no período de maio a agosto de 2010, denominada como o Mapeamento das Comunidades Tradicionais de Terreiro nas capitais e regiões metropolitanas dos estados de Minas Gerais, Pará, Pernambuco e Rio Grande do Sul⁷⁰, que teve como principal objetivo conhecer a realidade dos terreiros das quatro capitais e regiões metropolitanas pesquisadas reforça a afirmativa de que os terreiros de umbanda passam por uma invisibilidade.

Em relação, especificamente, a Belo Horizonte, a pesquisa levantou dados de 353 terreiros na Região Metropolitana da capital, desses, 172 estão na capital e 72 declararam que trabalham na linha da Umbanda, os outros 100 são das demais religiões de matriz africana.⁷¹ O objetivo do mapeamento foi conhecer a realidade dos terreiros. Buscou-se, dessa forma, construir um banco de dados para fomentar a elaboração de políticas públicas junto às comunidades de terreiro, com ênfase na promoção da segurança alimentar e nutricional. Alguns

⁶⁸ Adaptado de censo IBGE, 2010.

⁶⁹ Informações obtidas pela observação das imagens publicadas pela pesquisa Mapeamento das Comunidades Tradicionais de Terreiro nas capitais e regiões metropolitanas dos estados de Minas Gerais, Pará, Pernambuco e Rio Grande do Sul e pela pesquisa realizada na plataforma Google Street View com a utilização dos endereços disponibilizados pelo mesmo mapeamento.

⁷⁰ Pesquisa realizada pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) e a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), em parceria com a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) e a Fundação Cultural Palmares (FCP).

⁷¹ Mapeamento das Comunidades Tradicionais de Terreiro nas capitais e regiões metropolitanas dos estados de Minas Gerais, Pará, Pernambuco e Rio Grande do Sul.

dados estão disponíveis na internet, como nome do terreiro, liderança, religião, nação ou linha de trabalho, regente, ano de fundação, endereço, e-mail e registros fotográficos. Analisando os dados publicados é possível perceber que dos 72 terreiros de Umbanda mapeados pela pesquisa, apenas 7 possuem placas indicativas em suas fachadas, o que representa cerca de 9,7% do total, todas as fachadas registradas no arquivo fotográfico ilustram que as residências são simples, muitas não possuem acabamento e a maioria dos terreiros está localizado nas regiões mais periféricas da cidade, conforme mostram as Figuras 1, 2 e 3.

Figura 1. Fachada da Casa de Oração Vó Catarina⁷²



Faculdade Unida de Vitória

Figura 2. Fachada do Terreiro de Umbanda Caboclo Pena Dourada⁷³



⁷² Mapeamento das Comunidades Tradicionais de Terreiro nas capitais e regiões metropolitanas dos estados de Minas Gerais, Pará, Pernambuco, e Rio Grande do Sul.

⁷³ Mapeamento das Comunidades Tradicionais de Terreiro nas capitais e regiões metropolitanas dos estados de Minas Gerais, Pará, Pernambuco, e Rio Grande do Sul.

Figura 3. Altar do Centro de Irradiação Umbandista Pai Joaquim da Bahia⁷⁴



Em 1978, Renato Ortiz já havia constatado que “a grande maioria dos chefes das tendas são mulatos ou brancos de classe média, tendo, portanto, uma cultura branca e uma mentalidade mais luso-brasileira do que afro-brasileira”⁷⁵. De acordo com a história do surgimento da religião, pode-se constatar que desde sua fundação a religião não se limita à etnia negra, uma vez que a Umbanda foi anunciada por Zélio de Moraes, um jovem médium de uma família tradicional carioca, de cor da pele branca. Voltando aos números da religião, o período em que houve um aumento crucial de adeptos da Umbanda ocorreu na década de 70.⁷⁶ Segundo Pierucci:

Em 1967, o Serviço de Estatística Demográfica, Moral e Política do Ministério da Justiça informava a quem pudesse interessar que o número de umbandistas no Brasil estava na casa dos 240 mil - 240.088, para sermos exatos - e, além disso, mostrava que os brasileiros frequentadores de centros de umbanda estavam aumentando de forma notável naquela década, quase triplicando, visto que os registros do mesmo órgão para o ano de 1964, só três anos antes, haviam chegado à existência de apenas 93.395 umbandistas.⁷⁷

Em 2010, o censo apontou que haviam se declarado como umbandistas cerca de 407 mil entrevistados. Analisando estes dados de acordo com a cor ou raça dos entrevistados, reforça-se a afirmativa de que havia uma maioria branca na religião. Segundo os dados do censo de 2010, cerca de 54% dos umbandistas no Brasil se declararam como brancos, seguido pelos

⁷⁴ Mapeamento das Comunidades Tradicionais de Terreiro nas capitais e regiões metropolitanas dos estados de Minas Gerais, Pará, Pernambuco, e Rio Grande do Sul.

⁷⁵ ORTIZ, 1999, p. 17.

⁷⁶ NEGRÃO, Lísias Nogueira. *Entre a cruz e a encruzilhada*. São Paulo, Edusp, 1996.

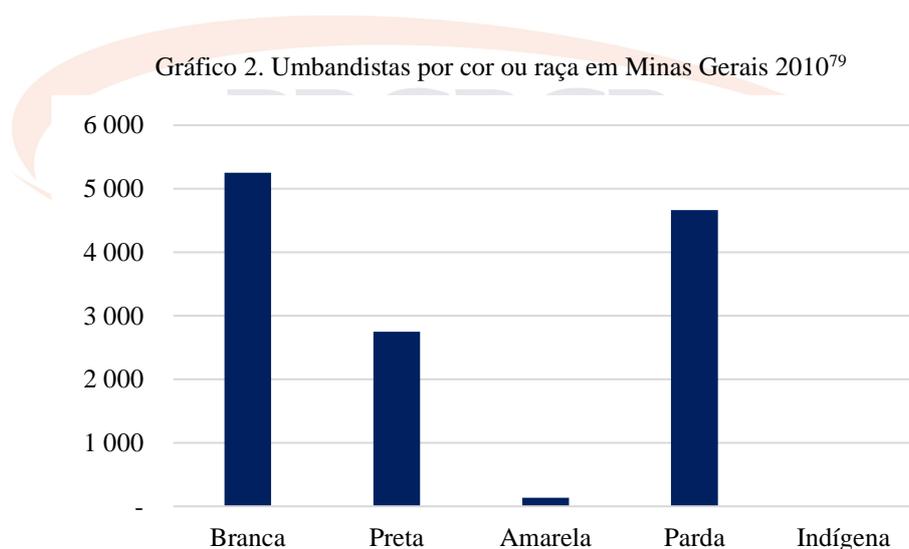
⁷⁷ PIERUCCI, F. Bye, bye, Brasil: o declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. *Estudos Avançados*, São Paulo, v.18, n.52, p. 17-28, set.-dez. 2004. p. 24.

pardos, cerca de 28%. Os entrevistados que se declararam de cor preta representam cerca de 17%, de acordo com a Tabela 1.

Tabela 1. Número de Umbandistas por Raça/Cor⁷⁸

Raça/Cor	Umbandistas
Branca	220.526
Preta	70.927
Amarela	2.158
Parda	112.435
Indígena	1.286
Sem Declaração	-
TOTAL	407.332

Os dados de Minas Gerais seguem os números do Brasil, apresentam que cerca de 41% dos entrevistados se declararam como brancos, cerca de 36% pardos e 21% pretos, conforme apresentado no Gráfico 2.



Como já mencionado, a maior parte dos umbandistas está localizada no estado do Rio Grande do Sul. Neste estado, o número de praticantes da religião que se declararam como brancos é ainda maior, uma vez que representa quase 60% (59%) do total de fiéis da crença. O que difere o estado em relação aos demais é que o número de adeptos da cor preta é maior do que da cor parda, representando 22% e 18% respectivamente, conforme Tabela 2.

⁷⁸ Adaptado de Censo IBGE, 2010.

⁷⁹ Adaptado de censo do IBGE, 2010.

Tabela 2. Número de Umbandistas por Sexo⁸⁰

Brasil e Unidade da Federação	Homens	Mulheres
Brasil	182119	225213
Minas Gerais	5589	7215
Rio de Janeiro	39425	50201
São Paulo	45288	58265
Rio Grande do Sul	63773	76543

Outro aspecto a ser destacado nos dados apresentados pelo Censo de 2010 está relacionado ao gênero. A Umbanda é uma religião frequentada em sua maioria por mulheres: o percentual entre homens e mulheres é de cerca de 45% e 55% respectivamente. Além dos adeptos é possível encontrar muitos terreiros que são dirigidos por *mães de santo*, algo que reforça a igualdade de gênero. Ao contrário de outras religiões, na Umbanda as mulheres e os homens têm a mesma oportunidade de liderar os terreiros, ou seja, a exclusão do papel feminino como liderança religiosa não faz parte dos seus costumes.⁸¹

A Umbanda não possui uma escritura sagrada como a Bíblia ou o Alcorão, isto faz com que a interpretação de seus preceitos e costumes sejam mais livres fazendo com que cada terreiro tenha suas regras, sejam elas mais ou menos rígidas em relação às outras.

Os pontos básicos fundantes da umbanda poderiam assim ser enumerados: interesse pela ética cristã; constituição de um panteão africano e ameríndio; concepção de mundo mágico, porém salvacionista; valorização do outro desconhecido através da prática da caridade; idealização do código escrito como testemunho do valor do exercício intelectual. A estes itens depois se agregaram conteúdos esotéricos, uma mitologia de origem e a concepção (já kardecista) de religião também como serviço mágico-religioso, que ensejou a constituição da categoria dos clientes distinta da categoria dos fiéis. Ampliou-se também o espectro ‘racial’ e ‘nacional’ do panteão. A partir deste núcleo, o resto são variações: com dança ou sem dança, com atabaque ou sem atabaque, com sacrifício de sangue ou sem sacrifício de sangue.⁸²

“Até os anos 60, as religiões tradicionais afro-brasileiras estavam circunscritas às populações negras como religiões étnicas, perdendo aos poucos este caráter para se constituírem em religiões universais, abertas a todos, desde os mais pobres até as classes médias e altas”⁸³. Apesar de se configurar como uma religião universal, em que todos podem conhecê-la e participar dos seus cultos, a Umbanda ainda é alvo de atos de intolerância religiosa motivados pelo preconceito e pelo desconhecimento sobre seus fundamentos, o que justifica o fato da

⁸⁰ Adaptado de censo do IBGE, 2010.

⁸¹ BAMPI, Mariana. As Oxuns do mundo real: a tradição das mulheres na Umbanda. *Nonada*. 2016. [online].

⁸² PRANDI, 1995, p. 119.

⁸³ PRANDI, 1995, p. 124.

maior parte dos terreiros não se identificarem como tal e muitos adeptos não se declararem como umbandistas.

Quando estas religiões de origem africana, mesmo em se tratando das mais ‘branqueadas’ modalidades da umbanda, são encaradas pelo outro como fonte do mal, expressão do indesejável, veículo da perdição, aí então sim a referência à origem negra é imediata. Diz o preconceito que tudo que é do negro não presta, ainda mais quando se trata de uma religião, de uma falsa religião, dirão eles, de magia, macumba e magia negra.⁸⁴

Conforme dados da Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública (Sejusp-MG), somente em 2021 foram 96 registros de crimes com causa presumida de preconceito religioso em Minas Gerais, contra 78 casos em 2020.⁸⁵ Os casos de violência contra a Umbanda e outras religiões de matriz africanas que são veiculadas na mídia de Minas Gerais apresentam em sua maioria casos de ataques aos terreiros, muitos deles são realizados no momento em que o local está vazio, com a destruição das imagens, plantas, altares, ou seja, um ataque ao Sagrado. Como exemplo, tem-se o caso do terreiro de Umbanda Fraternidade Jesus Amigo, localizado no município de Esmeraldas, na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), que em junho de 2022 sofreu três ataques em um único mês. Nestes atos, “as imagens dos orixás foram quebradas, as plantas e as oferendas também foram depredadas, e lixo foi jogado em todo o espaço”⁸⁶.

Outro exemplo de violência contra um terreiro de Umbanda ocorreu no município de São Joaquim de Bicas, também na RMBH. O ato de violência ocorreu na Casa Espírita Império dos Orixás Nossa Senhora da Conceição:

Segundo a denúncia do Centro Nacional de Africanidade e Resistência Afro-Brasileira (CENARAB), por volta da meia noite da última terça-feira, quatro homens armados e encapuzados invadiram o sítio onde o terreiro funciona há oito anos, renderam uma família em casa, em um quarto, e roubaram os documentos do terreiro, incluindo a escritura do imóvel. ‘Eles ameaçaram uma idosa, uma bebê de dois meses, com armas na cabeça. Falaram que iam matar as pessoas. É a segunda vez em quatro meses e a PM não fez nada’, diz Makota Celinha, presidenta do CENARAB.⁸⁷

O preconceito, ou a discriminação, com as religiões afro-brasileiras, em primeiro lugar, se devem ao fato de estarem ligadas à cultura do negro, ou seja, enquanto coletivo étnico-racial,

⁸⁴ PRANDI, 1995, p 119.

⁸⁵ FÓRNEAS, 2022.

⁸⁶ BRITO, 2022. [online].

⁸⁷ SIMÕES, Lucas. O quarto ataque: terreiro de umbanda Casa Espírita Império dos Orixás, em Mário Campos, volta a ser alvo de ação criminoso. É o quarto ataque a terreiros de umbanda da Região Metropolitana de BH, desde julho do ano passado. *Jornal O Beltrano*. 2022. [online].

o que relaciona ao negro é alvo de discriminação.⁸⁸ Um umbandista, seja ele branco ou preto, estará sujeito a ser vítima de atos de intolerância religiosa, uma vez que os estereótipos em torno da negritude o atingirão por comungar da mesma religião do negro. Os atos de intolerância não estão relacionados apenas à religião, mas estão embutidos em uma cultura enraizada na população brasileira, no conceito de que o negro é inferior e tudo o que vem desta “raça” deve ser excluído da sociedade. “O racista cria a raça no sentido sociológico, ou seja, a raça no imaginário do racista não é exclusivamente um grupo definido pelos traços físicos”⁸⁹.

Por razões lógicas e ideológicas, o racismo é geralmente abordado a partir da raça, dentro da extrema variedade das possíveis relações existentes entre as duas noções. Com efeito, com base nas relações entre ‘raça’ e ‘racismo’, o racismo seria teoricamente uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns, sendo, estas últimas, suportes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais.⁹⁰

O racismo está presente na população brasileira e funciona como mecanismo ideológico e epistêmico de dominação, ou seja, funciona como meio de aniquilação da história e da identidade negra no país.⁹¹ O racismo está embutido na cultura do país, a ideologia de que a população negra é inferior está presente nas relações sociais, que segundo Nascimento é uma estratégia de genocídio da população negra.⁹² “O racismo é essa tendência que consiste em considerar que as características intelectuais e morais de um dado grupo, são consequências diretas de suas características físicas ou biológicas”⁹³.

O preconceito com as religiões afro-brasileiras tem as suas raízes na perversidade do período colonial, deixando suas marcas ao longo da história brasileira. A perseguição vivenciada por estas religiões começam desde o processo da diáspora⁹⁴ africana, quando ocorre o choque entre culturas e os portugueses veem a necessidade do domínio, impondo, assim, o trabalho escravo, no qual poderiam utilizar de recursos de opressão cultural e religiosa, garantindo a sua superioridade em relação aos demais povos.

⁸⁸ PAULO FRANCO, G. As religiões de matriz africana no Brasil: luta, resistência e sobrevivência. *Sacrilegens*, [S. l.], v. 18, n. 1, 2021. p. 30–46.

⁸⁹ MUNANGA, Kabengele. *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia*. In: Seminário Nacional Relações Raciais e Educação, 3. ed., Rio de Janeiro. 2003.

⁹⁰ MUNANGA, 2003, p. 7-8.

⁹¹ MUNANGA, 2003, p. 12-15.

⁹² NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. São Paulo: Perspectiva, 2017.

⁹³ MUNANGA, 2003, p. 8.

⁹⁴ Diáspora é um conceito derivado de uma palavra grega que pode ser traduzida como “dispersão”. A diáspora é a desagregação ou êxodo dos membros de uma comunidade que devem deixar sua terra natal.

1.3 A história da Umbanda

*Um grito de liberdade e a corrente se quebrou
Um grito de liberdade, um grito me acordou*

*Dentro de um canavial o negro se libertou
E lá não tinha pra ele nem chibata e nem feitor
E lá não tinha pra ele nem senzala e nem senhor*

*Dentro de um canavial o negro se libertou
E lá não tinha pra ele nem chibata e nem feitor
E lá não tinha pra ele nem senzala e nem senhor*

*José de Aruanda é um grande lutador
Hoje baixa no terreiro traz a paz e o amor
Sua sabedoria, seus ensinamentos*

*Vão de canto a canto aliviando o sofrimento
Vão de canto a canto aliviando o sofrimento
Vem da força da reza, vem da força das ervas
Vem da força da reza, vem da força das ervas*

*Vem tirando todo o mal, a mandinga ele quebra
Vem tirando todo o mal, a mandinga ele quebra
Foi Xangô quem lhe trouxe, Zâmbi lhe coroou
Agradeço dia a dia, viva Deus Nosso Senhor
Agradeço dia a dia, viva Deus Nosso Senhor⁹⁵*



Recontar a história da Umbanda, apesar de ser uma religião relativamente nova, se revela uma tarefa complexa, uma vez que existem diversas formas de praticá-la e suas raízes são difusas, não existe uma fonte única que revela sua origem.⁹⁶ Nesse sentido, considera-se a versão com maior aceitação entre os umbandistas. Algo que parece consenso entre os estudiosos da religião é que a Umbanda apresenta características de outras culturas religiosas: a do branco europeu com as influências do catolicismo e do espiritismo de Alan Kardec, dos negros escravizados no Brasil através do culto aos orixás e do índio que trouxe o valor do culto aos antepassados e aos elementos da natureza. A convergência dessas culturas religiosas reafirma as suas características brasileiras, uma vez que os traços e as influências da população do país também foram resultado dessa mistura de etnias.⁹⁷

A Umbanda é o resultado de um processo de reelaboração de elementos simbólicos de várias religiões que em uma determinada conjuntura histórica adquirem novos significados. Assim, dos candomblés e dos cultos bantos reorganiza-se o culto dos

⁹⁵ Um Grito de Liberdade é uma música ou ponto cantado nos rituais da Umbanda. A letra da música ilustra que com a morte de um escravo, ele passa a ser livre das chibatas, das correntes e dos castigos, e volta como um guia espiritual chamado de Preto Velho, para ajudar às pessoas por meio de seus conhecimentos e de sua fé.

⁹⁶ BERGO, 2011, p. 80.

⁹⁷ CUMINO, Alexandre. *História da Umbanda: uma religião brasileira*. São Paulo: Madras, 2015. p. 152.

orixás; das religiões indígenas são incorporados os elementos de sua religiosidade e constrói-se uma imagem do índio expressa pela entidade do ‘caboclo’; do catolicismo popular, o ritmo dos cânticos, as rezas, a veneração aos santos católicos. Do kardecismo, o discurso científico, a crença na reencarnação e a evolução espiritual.⁹⁸

A Umbanda é uma religião brasileira que teve sua primeira sessão no dia 15 de novembro de 1908, 20 anos após a assinatura da Lei Áurea, no Rio de Janeiro, quando o jovem Zélio de Moraes, de dezessete anos, branco, através da manifestação do espírito chamado Coboclo das Sete Encruzilhadas, anuncia o início de uma nova religião no Brasil e a descreve, assim, “a Umbanda é a manifestação do espírito para a prática da caridade, da mesma forma como Maria ampara nos braços o filho querido, também serão amparados os que dela se socorrerem”⁹⁹.

Cabe aqui explicar o sentido de caridade, expressão muito usada entre os adeptos da religião. Etimologicamente a palavra caridade tem sua origem no *latim*, sendo que *caritas* significava afeto ou estima, este termo latino, por sua vez, é derivado de outro *carus*, que significava agradável ou querido.¹⁰⁰ Para a Umbanda caridade tem o sentido de amor divino e humano, amor ao próximo, prática do bem, benevolência, compaixão e doação.¹⁰¹ Diante disso, pode-se dizer que a Umbanda é a manifestação do espírito para a prática do amor divino. “A diferença mais marcante da Umbanda é a disponibilidade para aceitar a todos, vivos e mortos, do jeito que são. Nela há espaço para incorporação e a convivência das mais diversas heranças étnicas e culturais”¹⁰².

Logo após a manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas, iniciaram-se as sessões de Umbanda que eram frequentadas por pessoas influentes na sociedade da época, como o jornalista Antônio Eliezer Leal de Souza¹⁰³, divulgador da religião com a publicação de diversos livros. Na primeira sessão de Umbanda, que até, então, era chamada de Alabanda foram estabelecidas as normas dos cultos:

Os participantes estariam uniformizados de branco, de tecido simples. Não seriam permitidas retribuições financeiras pelo atendimento ou pelos trabalhos realizados. Os cânticos não seriam acompanhados de atabaques nem de palmas ritmadas. Os médiuns trabalhariam descalços e não seriam permitidos sacrifícios de animais.¹⁰⁴

⁹⁸ ASSUNÇÃO, L. *O reino dos mestres*. Rio de Janeiro: Pallas, 2010. p. 104.

⁹⁹ TRINDADE, 2014, p. 24.

¹⁰⁰ Definição extraída do site www.gramática.net.

¹⁰¹ CUMINO, Alexandre; QUEIROZ, Rodrigo. *Caridade: Amor e Perversão*. Editora Madras. 1ª Ed. São Paulo. 2017.

¹⁰² OLIVEIRA, 2008, p. 79.

¹⁰³ Neste estudo ele será chamado apenas por Leal de Souza, como era conhecido.

¹⁰⁴ TRINDADE, 2014, p. 125.

Trindade ao citar Oliveira e Brown, argumenta que não é possível comprovar que Zélio de Moraes tenha fundado a Umbanda, nem mesmo que a Tenda Nossa Senhora da Piedade tenha sido a primeira Tenda a aceitar os rituais da religião, porém esta história foi contada pelo próprio Zélio de Moraes a pesquisadores como Ronaldo Antonio de Linhares, Lilia Ribeiro e J. Alves de Oliveira.¹⁰⁵

Segundo Trindade, desde o primeiro culto da nova religião brasileira o espírito que se manifestou no jovem médium, estabeleceu que seu fundamento estaria baseado nos princípios da humildade e da caridade.¹⁰⁶ Ainda segundo o autor, nestes cultos todos os espíritos que se manifestassem seriam ouvidos e respeitados, ou seja, nas reuniões de Umbanda estariam presentes os pretos-velhos que haviam sido escravos em outras vidas e os caboclos que haviam sido índios brasileiros, ambos não eram aceitos nas reuniões espíritas kardecistas.¹⁰⁷

Os espíritos da macumba são, pois, eliminados das mesas brancas, que se recusam a aceitá-los. No melhor dos casos quando um espírito de preto-velho se aproxima de um diretor de sessão, ele é doutrinado para que possa continuar seu caminho na escala espiritual. Ele não pode ser confundido com um espírito de luz, como é um espírito de médico, de padre, de freira, ou de um sábio qualquer, posto que no universo kardecista a cultura do espírito corresponde à cultura de sua matéria (médium). Como poderia um analfabeto prescrever sabedoria? Quem levaria a sério a ignorância do espírito de um antigo escravo?¹⁰⁸

O trecho acima mostra a presença de atitudes de intolerância religiosa desde o surgimento da religião. Esta intolerância estava relacionada diretamente com o preconceito racial, uma vez que os espíritos não eram aceitos nas reuniões de mesa pelo simples fato de trazerem os saberes dos escravos e dos índios, considerados pela sociedade da época como subalternos e seres inferiores. O espírito que anunciou o início da nova religião no Brasil se apresentou como Caboclo das Sete Encruzilhadas, porém, em vidas anteriores, ele havia sido o Padre Gabriel de Malagrida¹⁰⁹. O início da Umbanda, segundo Ortiz:

Coincide justamente com a consolidação de uma sociedade urbano-industrial e de classes. A um movimento de transformação social corresponde um movimento de mudança cultural, isto é, as crenças e práticas afro-brasileiras se modificam tomando um novo significado dentro do conjunto da sociedade global brasileira. Nesta dialética

¹⁰⁵ TRINDADE, 2014, p. 126.

¹⁰⁶ TRINDADE, 2014, p. 124

¹⁰⁷ TRINDADE, 2014, p. 121.

¹⁰⁸ ORTIZ, 1999, p. 32.

¹⁰⁹ Segundo Trindade, o Padre Gabriel de Malagrida foi um jesuíta que nasceu em 1689 na Itália e veio para o Maranhão em 1721, onde fez pregações e iniciou sua missão de conquistar almas para o céu. Em 1727, começou a catequizar os índios e foi para Bahia e Rio de Janeiro. Em 1749, voltou para Lisboa, onde foi recebido com fama de santo por muitos fiéis. Voltou para o Brasil em 1751, onde permaneceu até 1754. Em 1758, suas publicações foram entregues à inquisição. Foi condenado à pena de garrote e fogueira, sendo executado na praça de Rossio, em 21 de setembro de 1761. TRINDADE, 2014, p. 104-107.

entre social e cultural, observaremos que o social desempenha um papel determinante.¹¹⁰

Na reunião de Umbanda, segundo a doutrina, acredita-se que ocorra a incorporação dos guias ou entidades, que são os espíritos desencarnados de pessoas que já estiveram na terra como espíritos encarnados. Esses se manifestam através dos corpos dos médiuns. No transe, acredita-se que esses espíritos passam a dominar o corpo do médium no intuito de auxiliar uma pessoa. Os primeiros espíritos que se manifestaram nas reuniões da Umbanda foram os Caboclos e os Pretos-Velhos. A data de início da religião não representa a data da primeira manifestação de espíritos de Caboclos e Pretos-velhos e, sim, a data em que é idealizado o seu ritual. Existem registros de relatos de médiuns que trabalhavam com estes espíritos, antes de 1908, como descreve Trindade citando Leal de Souza:

A Linha Branca da Umbanda é realmente a Religião Nacional do Brasil, pois que, através de seus ritos, os espíritos ancestrais, os pais da raça, orientam e conduzem suas descendências. O precursor da Linha Branca foi o Caboclo Cuguruçu, que trabalhou até o advento do Caboclo das Sete Encruzilhadas que a organizou, isto é, que foi incumbido pelos guias superiores, que regem o nosso ciclo psíquico, de realizar na terra a concepção do Espaço.¹¹¹

Além dos Caboclos, os espíritos de Pretos-Velhos também já haviam se manifestado, principalmente nas benzedeadas.¹¹² Do ponto de vista da Sociologia, a Umbanda é uma religião praticada no Brasil desde o início do século XX, seu nascimento decorre do movimento social que ocorria naquele período e condiz com a “consolidação de uma sociedade urbano-industrial e de classes”¹¹³.

O nascimento da religião umbandista deve ser apreendido neste movimento de transformação global da sociedade. A Umbanda não é uma religião do tipo messiânico, que tem uma origem bem determinada na figura do messias, pelo contrário, ela é fruto das mudanças sociais que se efetuam numa direção determinada. Ela exprime assim, através de seu universo religioso, esse movimento de consolidação de uma sociedade urbano-industrial. A análise de sua origem deve, pois se referir dialeticamente ao processo das transformações sociais que se efetuam.¹¹⁴

¹¹⁰ ORTIZ, 1999, p. 15.

¹¹¹ TRINDADE, 2014, p. 117.

¹¹² Neste estudo, o termo benzedeadas se refere às pessoas que, em geral, são mulheres de extratos sociais de baixa renda, que através da oração e da fé realiza o benzimento, que, por sua vez, é caracterizado como uma atividade antiga na sociedade brasileira, associada muitas vezes à religião católica, especificamente ao catolicismo popular, e transmitida de geração a geração ou reconhecido como um “dom divino”. Seu caráter sagrado é evidenciado no gestual e/ou nas rezas que, com o auxílio de ervas, visam curar doenças, males específicos do corpo e do espírito.

¹¹³ ORTIZ, 1999, p. 15.

¹¹⁴ ORTIZ, 1999, p. 32.

O conhecimento umbandista é repassado de acordo com o princípio da oralidade, quando os mais velhos ensinam seus conhecimentos aos mais novos,¹¹⁵ neste sentido é possível entender o respeito às entidades que se manifestam durante as reuniões, por este motivo e por ser uma religião nova, com pouco mais de 100 anos, a bibliografia sobre o tema ainda é reduzida.

O Umbandista não recorre normalmente aos livros do Espiritismo, mesmo reconhecidamente utilizando muito de sua doutrina. Por se estabelecer como religião de matriz oral, utiliza as outras religiões de forma empírica e pode, inclusive, assumir como sua a teologia de religiões que possuem codificação, mas que, ao ser introduzida na sua própria cosmovisão é reelaborada e passa a ser transmitida de forma livre e informal, a despeito da religião matriz que utilizou para realizar a elaboração inicial.¹¹⁶

Pode-se citar como os primeiros estudiosos da religião: Arthur Ramos, Edison Carneiro e Roger Bastide,¹¹⁷ todos estudavam as expressões religiosas afro-brasileiras e passaram a estudar a Umbanda por meio das semelhanças entre elas. Roger Bastide um dos escritores mais conhecidos e citados nas publicações sobre as religiões afro-brasileiras chegou a entender a Umbanda como o embranquecimento da cultura negra, afinal ele vai caracterizá-la mais como uma revalorização da Macumba carioca. Roger Bastide após a publicação de sua tese e de diversas obras, muda sua opinião reconhecendo a Umbanda como religião brasileira. Renato Ortiz, que sofria grande influência do pensamento de Roger Bastide, traz novas contribuições e reconhece a Umbanda como uma religião brasileira e retira o peso da suposta traição, do negro que quer ser branco ou da apropriação, por parte do branco, de uma cultura negra.¹¹⁸

Mais recentemente a pesquisadora Maria Vilas Boas Concone também reconhece a Umbanda como religião brasileira, e a partir dela e de Renato Ortiz fica clara a identidade nacional da Umbanda, o que se soma às contribuições únicas de Diana Brow, Lísias Nogueira Negrão, Patrícia Birman e Zélia Seiblit, principais estudiosos da Umbanda no contexto antropológico e sociológico.¹¹⁹ O movimento umbandista ganha força após as duas primeiras décadas do século XX, quando a religião começa a ser organizada.¹²⁰ Nesse período, um grupo de intelectuais e sacerdotes se organizam no intuito de sistematizar a religião e as áreas de confronto entre uma sociedade urbana, industrial e de classes. O primeiro livro sobre a religião

¹¹⁵ CARNEIRO, Ana Clara Tomaz; DE MENEZES, Marilda Aparecida. Transmissão da Tradição Umbandista: ou o Lampejo da Narração. *Estudos de Religião*, v. 35, n. 1, p. 109-126.

¹¹⁶ LEITE, Fabiano Aparecido Costa. *Eu, Deus e Irene: o autor no discurso religioso da Umbanda*. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) - Faculdade Unida de Vitória, 2013. p. 18.

¹¹⁷ CUMINO, 2015, p. 152.

¹¹⁸ ORTIZ, 1999, p. 38.

¹¹⁹ BROWN, 1985.

¹²⁰ OLIVEIRA, 2008, p. 21-22.

é publicado em 1933 por Leal de Souza intitulado como *O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda*.

Renato Ortiz, sociólogo, iniciou suas pesquisas sobre Umbanda em 1972, concluindo-as com sua tese em 1975, em Paris, com orientação do mestre Roger Bastide. Para elaboração do seu trabalho Ortiz realiza pesquisas no Rio e em São Paulo. Ele escolheu “o Rio porque é o lugar histórico de nascimento da religião umbandista; São Paulo por ser a região onde o movimento religioso se desenvolve hoje mais intensamente”¹²¹. Ortiz dedica este trabalho única e exclusivamente à Umbanda e, em sua obra, vai além de considerá-la como um sincretismo para se autoafirmar como uma síntese do povo brasileiro.

O Candomblé se refere à África com a ideia de terra-mãe, significando um retorno nostálgico a um passado negro.¹²² Sob este ponto de vista, a Umbanda difere radicalmente dos cultos afro-brasileiros, pois ela tem consciência de sua brasilidade, ela se quer brasileira. Esta brasilidade diverge da análise feita por Roger Bastide em seu livro *As Religiões Africanas no Brasil*, em que considera a Umbanda como uma religião negra, resultante da integração do homem de cor na sociedade brasileira. Depois de sua última viagem ao Brasil, o julgamento de Roger Bastide em relação à Umbanda torna-se mais claro. Ele opõe Umbanda, Macumba e Candomblé e afirma: “o Candomblé e a Macumba são considerados e se consideram como religiões africanas. Já o espiritismo de Umbanda se considera uma religião nacional do Brasil. A grande maioria dos chefes das tendas são mulatos ou brancos de classe média”¹²³.

¹²¹ ORTIZ, 1999, p. 11.

¹²² ORTIZ, 1999, p. 16.

¹²³ BASTIDE. R., La Rencontre fred Dieux Africains et des Esprits Indies, in Archives, n. 49, 1975, *Apud* ORTIZ, R., 1999. p. 17.

2 A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA E O SERVIÇO SOCIAL

Este segundo capítulo tem como objetivo apresentar a teoria da intolerância religiosa, demonstrando como ela afeta a vida dos que a sofrem e também mostrar como ela está enraizada no Brasil. Além disso, será demonstrada a relação entre a atuação do assistente social e a intolerância religiosa, trazendo uma reflexão baseada no projeto ético-político do serviço social e o papel do trabalho para a vida dos indivíduos.

2.1 A (in)tolerância religiosa no Brasil

*O preto não quer ver colocar grillão no pé do branco, nem quer que ele apanhe no tronco. O preto não quer vingança contra o branco. O preto quer apenas poder ser preto. O preto sempre foi resiliente. Quando os filhos de terra entenderem isso, vão ver que não precisa de tanta briga.*¹²⁴

Pai João Guiné de Aruanda

A intolerância religiosa não é algo recente na história do Brasil e da humanidade. Muitos conflitos e até mesmo guerras foram motivados por questões religiosas.

A intolerância está na raiz das grandes tragédias mundiais. Foi ela que destruiu as culturas pré-colombianas e promoveu a inquisição e a caça às bruxas. Foi a intolerância religiosa que levou católicos e protestantes a se matarem mutuamente na Europa, ou hindus e muçulmanos a fazerem o mesmo na Índia. Foi a intolerância que levou países a construírem um sistema de apartheid ou a organizarem campos de concentração. Por trás de cada manifestação de barbárie que a humanidade teve a infelicidade de assistir e testemunhar, o que redundou em numerosos massacres e extermínios, esconde-se a intolerância como arquétipo e estrutura fundante.¹²⁵

Em pleno Século XXI, apesar dos avanços sociais, da velocidade da disseminação das informações e de todas as conquistas de grupos sociais, a intolerância religiosa pode ser constatada em vários meios de comunicação. Neste trabalho, considera-se que o termo intolerância significa “uma atitude de ódio sistemático e de agressividade em relação a indivíduos e grupos específicos, à sua maneira de ser, a seu estilo de vida e às suas crenças e convicções”¹²⁶. Segundo Nogueira:

A expressão ‘intolerância religiosa’ tem sido utilizada para descrever um conjunto de ideologias e atitudes ofensivas a crenças, rituais e práticas religiosas consideradas não

¹²⁴ Palavras do espírito de um Preto Velho, incorporado no médium William Matos, ditas durante a gira de Umbanda realizada na Casa de Caridade Força no Caminho em Belo Horizonte, no dia 02 de novembro de 2021.

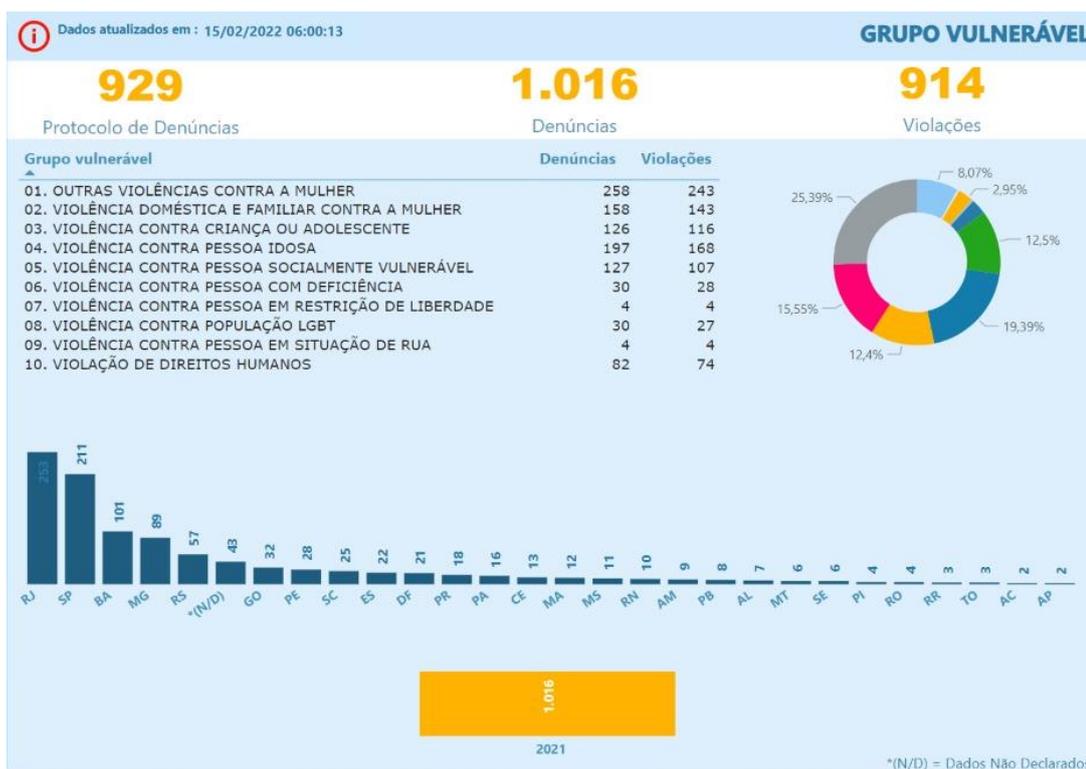
¹²⁵ GUIMARÃES, Marcelo Rezende. *Um novo mundo é possível*. São Leopoldo: Ed. Sinodal, 2004. p. 28.

¹²⁶ ROUANET, S. P. O Eros da Diferença. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 2003. [online].

hegemônicas. Práticas estas que, somadas à falta de habilidade ou à vontade em reconhecer e respeitar diferentes crenças de terceiros, podem ser consideradas crimes de ódio que ferem a liberdade e a dignidade humanas.¹²⁷

Segundo a Constituição Federal do Brasil, Artigo 5º, inciso VI “é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias”¹²⁸. Porém, no Relatório sobre Intolerância e Violência Religiosa no Brasil (RIVIR), elaborado a partir da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, entre o final de 2015 e maio de 2016, pode-se constatar que o número de casos registrados de denúncias contra atos de intolerância religiosa continua em crescimento, sendo que, o maior alvo desses atos são as religiões de matriz africana.¹²⁹ Ainda, segundo a pesquisa, era possível verificar que em relação às vítimas cerca de 35% são de matriz africana, seguidos de evangélicos com 19% e 8% de católicos.

Figura 4 - Protocolo de denúncias¹³⁰



Dados mais atuais, do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, ilustrados acima na Figura 4, apontam que no ano de 2020 foram apresentadas 329 denúncias

¹²⁷ NOGUEIRA, Sidnei. *Intolerância Religiosa*. São Paulo: Ed. Jandaíra, 2020. p. 58.

¹²⁸ BRASIL, 1988.

¹²⁹ FONSECA, 2016, p. 52.

¹³⁰ BRASIL, Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, 2022. [online]

relacionadas à religião, em 2021 este número subiu para 1016. O estado que apresentou o maior número de denúncias em 2021 foi o Rio de Janeiro, com 253, seguido de São Paulo, com 211, Bahia, com 101 e Minas Gerais com 89.¹³¹

Ao analisar o significado da palavra intolerância na língua portuguesa, tem-se como uma das respostas que a intolerância é a ausência de tolerância. Sendo que, por sua vez, tolerância é um termo que vem do latim *tolerare* e significa “suportar” ou “aceitar”. A tolerância no contexto religioso pode ser considerada como uma “falsa” ideia de que está tudo bem.¹³² “Quem tolera acaba visto como generoso e benevolente, como se fosse um favor ou um ato de bondade extrema”¹³³. Dentro deste conceito, como Nogueira descreve:

A tolerância é apenas um anestésico, um movimento fantasioso que quer fazer crer que somos todos iguais e que podemos nos suportar sem que nos compreendamos, sem que nos olhemos nos olhos e sem que tenhamos um mínimo de empatia por realidades diferentes e fora dos padrões hegemônicos e cristãos.¹³⁴

No Brasil, os casos de intolerâncias religiosas podem ser denunciados em um canal criado pela Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos, o Disque Direitos Humanos, ou, Disque 100, que recebe as denúncias e as direciona para os órgãos competentes. As vítimas de crimes motivados por fatores religiosos podem usar este canal para denunciar situações como: abusos, ofensas, discriminação e violência cometidas em decorrência da religião, sejam elas realizadas de forma física, verbal ou psicológica. De acordo com o balanço geral divulgado pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos do Governo Federal, referente aos anos de 2011 a 2018, houve um aumento expressivo dos casos de discriminação religiosa no Brasil,¹³⁵ conforme Gráfico 3.

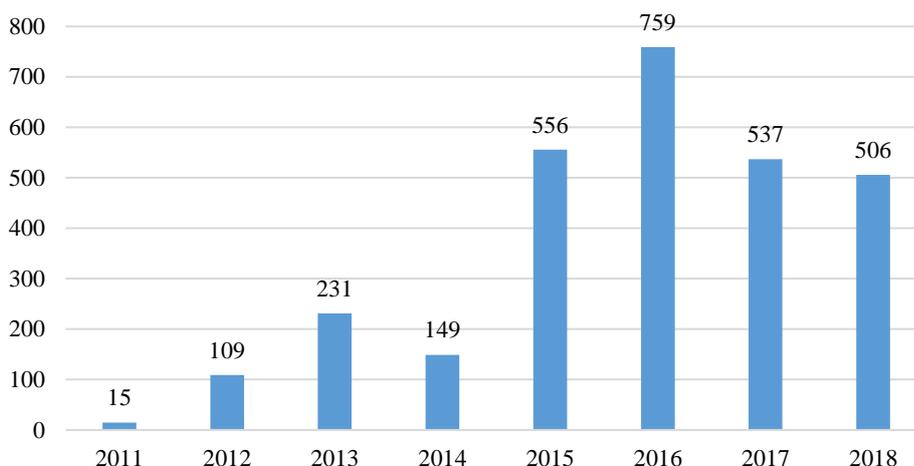
¹³¹ BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos direitos Humanos. *Dados da Violação dos Direitos Humanos: painel com dados de denúncias de violações de direitos humanos recebidas pela ONDH de jul/2020 a dez/2021*. [online].

¹³² NOGUEIRA, 2020, p. 30-31.

¹³³ QUINALHA, Renan, 2016, *apud* NOGUEIRA, Sidnei. *Intolerância Religiosa*. São Paulo: Ed. Jandaíra. 2020. p. 58.

¹³⁴ NOGUEIRA, 2020, p. 59.

¹³⁵ BRASIL, Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. *Balanço anual: Disque 100 registra mais de 500 casos de discriminação religiosa*. 2019. [online].

Gráfico 3. Evolução das denúncias de Intolerância Religiosa no Dique 100 de 2011/2018¹³⁶

Segundo dados do Ministério, o balanço referente às denúncias de discriminação religiosa aponta que o ano de 2016 teve o maior número de denúncias, 759, já durante o ano de 2018, 506 casos foram registrados pelo Disque 100.¹³⁷ Entre os segmentos mais atingidos estão religiões de matriz africana (147), testemunhas de Jeová (31) e alguns segmentos evangélicos (23). Dentro das religiões consideradas de matriz africana, a pesquisa aponta os números das duas religiões mais conhecidas: umbanda (72) e candomblé (47) (Tabela 3).

Tabela 3. Denúncias de discriminação religiosa no Brasil¹³⁸

	Umbanda	Candomblé	Matriz Africana	Não Informado	Outras Religiões	Total de Denúncias
2011	-	1	-	11	3	15
2012	4	5	4	71	25	109
2013	9	15	13	121	73	231
2014	17	13	6	50	63	149
2015	15	38	27	394	82	556
2016	74	69	33	478	105	759
2017	54	52	38	275	118	537
2018	72	47	28	261	98	506

Os dados apresentados apontam que, em 2018, cerca de 29% das vítimas de denúncias efetuadas através do Disque 100, eram umbandistas, candomblecistas ou frequentavam alguma

¹³⁶ Adaptado de: BRASIL, Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, 2019.

¹³⁷ BRASIL, Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. *Balanço anual*: Disque 100 registra mais de 500 casos de discriminação religiosa. 2019. [online].

¹³⁸ Adaptado de: BRASIL, Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, 2019. [online].

religião de matriz africana, dando destaque para o fato de mais da metade das vítimas não terem informado suas religiões.¹³⁹

Ao longo da História, existem muitos fatos marcados não só pela religiosidade, mas também pelo ódio e pelo fanatismo (intolerância), que massacraram povos com outras crenças, outros valores, ou seja, outra forma de filosofia de como entender o mundo em que vivem e o início do mundo, bem como o modo de se comportar no meio social. Sempre organizando esses comportamentos de forma a valorizar um em detrimento de outrem. [...] Em muitos casos, a intolerância pode resultar em perseguições religiosas que têm sido comuns na nossa história. Perseguições, nesse contexto, podem referir-se a julgamentos parciais, prisões ilegais, espancamentos, torturas, execuções sumárias, negação dos direitos e da liberdade civil.¹⁴⁰

Ao tentar compreender a intolerância, percebe-se a ligação entre o preconceito étnico e racial. Intolerância religiosa é um crime de ódio que fere a liberdade e a dignidade humana, ela vai além da não aceitação, parte do pressuposto que o outro é inferior.¹⁴¹ Tendo em vista que a religião é um traço cultural que reflete costumes e representa o seu povo, ela acaba se tornando um meio de expressão para a xenofobia, isso significa que para ofender um grupo utilizam da sua cultura (representada em sua religião) como forma de ataque,¹⁴² a exemplo pode-se citar os ataques a religião islâmica, que muitas vezes tem como objetivo atacar os povos residentes no Oriente Médio e Magreb.

A intolerância está ligada ao sentimento de superioridade, que fazem as pessoas acreditarem que são melhores que as outras.¹⁴³ Esse sentimento sempre esteve presente no Brasil, primeiro quando os europeus chegaram ao território brasileiro, impondo seus costumes, crenças e religião aos nativos indígenas, seguido da tentativa de “educar” os escravos negros quando toda sua cultura era desconsiderada e menosprezada e a do branco descendente de europeu era supervalorizada e considerada (por eles) superior. Um processo de assimilação que causou e ainda causa dor e apaga as memórias e as histórias.

O *outro* é assimilado à imagem refletida do conquistador, confundido com ela, perdendo, portanto, a condição única de sua alteridade. Ou melhor: perde a sua verdadeira alteridade (a de ser imagem refletida do europeu) [...] quanto mais nega o narciso europeu, mas exigente e premente a força para torná-lo imagem semelhante; quanto mais semelhante ao europeu, menor a força da sua própria alteridade. Eis como se desenrola a ocupação. Eis como se cria a ‘inteligência’ no Brasil.¹⁴⁴

¹³⁹ BRASIL, Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, 2019.

¹⁴⁰ NOGUEIRA, 2020, p. 44 – 45.

¹⁴¹ NOGUEIRA, 2020, p. 21.

¹⁴² FARAH, Paulo Daniel. Combates à xenofobia, ao racismo e à intolerância. *Revista USP*, n. 114, 2017. p. 22-25.

¹⁴³ NOGUEIRA, 2020, p. 89.

¹⁴⁴ SANTIAGO, Silviano. *Vale quanto pesa: apesar de dependente, universal*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p. 15-16.

Apesar do complexo de superioridade sugerir que uma pessoa acredita ser superior ou melhor que as outras, na verdade, esse tipo de sentimento esconde um senso de inferioridade.¹⁴⁵ Ao se sentir ameaçado por alguém, uma pessoa cria uma estratégia de defesa não intencional que ataca o outro. Menospreza o próximo no intuito de se sentir melhor, mas na verdade esconde insegurança e um sentimento de ameaça. A fé é utilizada como desculpa do complexo de superioridade desenvolvida pelas pessoas. Um dos episódios mais emblemáticos foi o de uma menina de 11 anos apedrejada na cabeça, quando voltava para casa depois de um culto trajando vestimentas tradicionais do candomblé no bairro da Penha, no Rio de Janeiro, em junho de 2015. Os dois agressores seguravam uma Bíblia nas mãos.¹⁴⁶ A intolerância é uma forma de expressão que as pessoas se apropriam quando se sentem afetadas pelo que o outro é ou acredita.¹⁴⁷

Um tipo de discriminação muito frequente que ocorre é o *bullying*¹⁴⁸ motivado pela intolerância religiosa. Essa realidade é vivida por diversos estudantes desde o ensino fundamental até nível superior. Muitos são os fatores que motivam a prática da intolerância nesses ambientes, como a ignorância, o desconhecimento da crença e formas de culto do outro, o racismo, a propagação de ódio explícita na grande mídia, o medo do desconhecido. Quando esta prática ocorre em ambiente escolar, as crianças e os adolescentes acabam sendo coagidas a não expressar seu credo, e quando expressam sua fé podem ser até punidos. O *bullying* é um problema social e cultural, ele ultrapassa a esfera educacional, ou seja, também está presente em outros ciclos de convivência das pessoas como no trabalho, nos encontros de amigos e familiares.¹⁴⁹

No Brasil, no dia 09 de novembro de 2015, foi publicado a Lei Nº 13.185/15, que instituiu o Programa de Combate ao *Bullying*, considerando como *bullying* todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitiva que ocorra sem motivação, partindo por um indivíduo ou grupo contra uma pessoa. Quando o *bullying* é praticado contra crianças e adolescentes pode levar à formação de estrutura psicológica de baixa autoestima e de falta de habilidade para estabelecer relacionamentos devido à insegurança, ansiedade, angústia, medo e

¹⁴⁵ SILVA, Adilson Santiago da; PEREIRA, Sandro. Complexo de superioridade nas comunidades cristãs. Teologia e Espiritualidade. Curitiba. 2016. p. 146.

¹⁴⁶ OLIVEIRA, Felipe de. Após sair de culto de candomblé, menina de 11 anos leva pedrada no Rio. *Jornal Folha de São Paulo*. 16 jun. 2015. [online].

¹⁴⁷ MIRANDA, Ana Paula Mendes de. *Entre o privado e o público: considerações sobre a (in) criminação da intolerância religiosa no Rio de Janeiro*. Anuário Antropológico, n. v.35 n.2, 2010. p. 125–152.

¹⁴⁸ *Bullying* é um termo de origem inglesa, popularizado pelo professor de psicologia Dan Olweus e significa: conjunto de maus-tratos, ameaças, coações ou outros actos de intimidação física ou psicológica exercido de forma continuada sobre uma pessoa considerada fraca ou vulnerável.

¹⁴⁹ CREMER, Eduardo. *Bullying: a violência na escola contemporânea sob o enfoque da abordagem Gestáltica*. IGT rede, Rio de Janeiro, v. 12, n. 22, p. 111-195. 2015. [online]

vergonha.¹⁵⁰ Estas práticas vivenciadas ainda na infância fazem com que estas crianças cresçam com medo de expressarem sua fé e sofrerem algum tipo de violência por isto.

Ressalta-se que a liberdade religiosa é fundamental para a capacidade de a sociedade viver em harmonia uns com os outros. É a pedra fundamental da paz em um mundo em que muitas filosofias competem entre si. Infelizmente, o apoio concebido à liberdade de religião e à crença tende a ser fraco e sofrem violações e ataques.

2.2 Serviço Social e religião

*“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender; e, se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar”.*¹⁵¹

(Nelson Mandela)

A religião está presente na atuação do Serviço Social desde a origem da profissão. “O termo Serviço Social tem origem anglo-saxônica e foi utilizada pela primeira vez nos Estados Unidos da América em 1904 para identificar uma escola em Boston de profissionais que atuavam diretamente na Assistência Social”¹⁵². O surgimento do Serviço Social no Brasil está relacionado com as transformações sociais e econômicas na década de 30. Iamamoto e Carvalho relacionam a história da profissão com o contexto do Período Vargas¹⁵³ no qual se deu início ao processo de industrialização da sociedade brasileira.¹⁵⁴ O Serviço Social surge, então, a partir da Ação Social e da Ação Católica, que estavam vinculadas à ação política e social da Igreja Católica Romana. No período que permeia os anos 30, iniciam-se as tensões entre as classes sociais, decorrentes da exploração capitalista, das precárias condições de trabalho e das reivindicações de políticas sociais por parte do Estado.

No momento em que a abordagem à questão social passa a ser encarada como uma problemática de cunho político e exigir a interferência do Estado, faz com que o Serviço Social ganhe status de profissão, ou seja, os antigos “agentes de caridade” têm que se qualificar para

¹⁵⁰ GIMENES, Nilson Roberto da Silva. Bullying religioso na escola e a responsabilidade civil. *Revista Acadêmica da Faculdade de Direito do Recife*, [S.l.], v. 87, n. 2, jan. 2016. [online]

¹⁵¹ MANDELA, Nelson. *Long Walk to Freedom*. s.n: Abacus, 1995.

¹⁵² REISDÖRFER, Lara Aparecida Lissarassa. *Fundamentos Históricos, teóricos e metodológicos do serviço social*. Indaial: Uniasselvi, 2013. p. 51. [pdf]

¹⁵³ Período em que o Brasil foi governado pelo Presidente Getúlio Dornelles Vargas.

¹⁵⁴ IAMAMOTO, M. V.; CARVALHO, R de. *Relações sociais e Serviço Social no Brasil: Esboço de uma interpretação históricometodológica*. São Paulo: Cortez, 1982.

apresentar respostas ao seu público-alvo.¹⁵⁵ A profissão passa a ser demandada em setores como Previdência Privada, Clubes de Lazer, Instituições de Caridade, entre outros. Durante os anos de 1930 a 1950, a profissão teve em sua estrutura de funcionamento uma característica conservadora, punitiva e de cunho positivista. Essa perspectiva conservadora começa a mudar nos anos de 1960, a partir de então, foram realizados encontros profissionais que definiram novas tendências, tendo sido incrementada a produção teórica da área.¹⁵⁶

A Igreja Católica Romana estabeleceu uma ação organizada e eficaz por meio da realização de cursos que visavam à formação social, em que eram inseridos o enquadramento político e ideológico da classe trabalhadora. Assim, a primeira Escola de Serviço Social no Brasil é inaugurada na Cidade de São Paulo, em 15 de fevereiro de 1936, pelo Centro de Estudos e Ação Social de São Paulo (CEAS), com a finalidade de preparar tecnicamente assistentes sociais para atuarem nas organizações de assistência social. Um ano após, em 1937, é fundada a segunda Escola de Serviço Social no Rio de Janeiro.¹⁵⁷

Em 1938, criou-se o Conselho Nacional de Serviço Social (CNSS) por meio do Decreto Lei n.525, vinculado ao Ministério de Educação e Saúde. Em 1944, houve abertura para inclusão de assistentes sociais no funcionalismo público, dando margem a importância da categoria profissional na esfera pública e não mais apenas em investidas privadas demandadas da Igreja Católica Romana. Em 1946, foi fundada a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) que por meio do Decreto Lei n° 9.632, de 1946, passou a incorporar a Escola de Serviço Social de São Paulo, criada em 1936. A PUC/SP torna-se a primeira universidade do país a oferecer curso nessa modalidade. No mesmo ano, é criada a Associação Brasileira de Escolas de Serviço Social (ABESS) que cria metodologias para Serviço Social, com a finalidade de estabelecer um programa de ensino, em Serviço Social e reformulando a grade curricular das escolas.¹⁵⁸

Nos momentos iniciais da profissão, desde as origens até os primeiros anos da institucionalização profissional, houve forte influência da Igreja Católica, especialmente a partir das duas encíclicas papais: a *Rerum Novarum*, de Leão XIII, e a *Quadragesimo Anno*, de Pio XI. No contexto atual da profissão, a laicidade e o materialismo histórico dialético compõem o argumento central. De lá para cá a profissão passou por uma reconfiguração significativa, galgando posição extremada

¹⁵⁵ IAMAMOTO, M. V. *Renovação e conservadorismo no Serviço Social: Ensaio crítico*. São Paulo: Cortez, 1992.

¹⁵⁶ RICO, E. de M. *Teoria do Serviço Social de empresa: objeto e objetivos*. 2.ed. São Paulo: Cortez Ed, 1982. p. 47

¹⁵⁷ REISDÖRFER, 2013, p. 46.

¹⁵⁸ REISDÖRFER, 2013, p. 52.

em relação a sua origem, mas ainda é fortemente marcada pelo sincretismo que acompanhou a sua trajetória histórica.¹⁵⁹

Ainda em 1946, é fundada, pelo Padre Agnaldo Leal, a Escola de Serviço Social de Minas Gerais, na Cidade de Belo Horizonte, atual Departamento de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Assim, o Serviço Social nasceu no Brasil por influência direta da Igreja Católica Romana, e a formação profissional, na prática e no discurso, inicialmente, teve como referência o suporte da filosofia neotomista¹⁶⁰. Em 1947, um acontecimento marca a história do Serviço Social: a regulamentação do primeiro Código de Ética profissional do Assistente Social que foi aprovado pela assembleia geral da Associação Brasileira de Assistentes Sociais (ABAS), em 29 de setembro.¹⁶¹

Em 1953, é sancionada a lei que institui a Graduação em Serviço Social. Somente em 1957 a profissão foi regulamentada no Brasil por meio da Lei nº 3.252, em 27 de agosto. Essa legislação vigorou durante 36 anos, vindo a ser substituída somente em 1993 com a Lei n. 8662 em vigor desde então. A regulamentação jurídica da Lei n. 3.252 foi muito importante para o reconhecimento do campo profissional, pois foi a partir dela que, em 1962, o Decreto Federal criou o Conselho Federal de Assistentes Sociais (CFAS).¹⁶²

No início da profissão, “os princípios de filantropia e benemerência estiveram presentes, uma vez que o Estado brasileiro sempre apoiou e reforçou as iniciativas da sociedade civil, tendo a Igreja Católica um papel de extrema relevância no conjunto destas ações”¹⁶³. A partir da década de 1960, os profissionais do Serviço Social se sentiam frustrados pelas incapacidades de atender às demandas sociais. Associava-se a este fato a falta de reconhecimento da profissão, por ser atividade identificada com práticas assistencialistas e paternalistas, após o golpe militar de 64, assistentes sociais e muitos dos brasileiros que estavam inseridos nos movimentos pela transformação social sofreram a repressão do regime vigente.

Em 1965, ocorre um outro fato importante para a história da profissão, foi realizado o I Seminário Regional Latino-Americano de Serviço Social, em Porto Alegre/RS, que

¹⁵⁹ OLIVEIRA, Edistia M. A. P. de; CHAVES, Helena L. A. *80 anos do Serviço Social no Brasil: marcos históricos balizados nos códigos de ética da profissão. Serviço Social & Sociedade*. N 128. p. 143-163. 2017. p. 144 [pdf]

¹⁶⁰ O neotomismo é uma corrente filosófica surgida no século XIX com o objetivo de reviver a filosofia de Santo Tomás de Aquino, do século XIII, o tomismo, a fim de atender aos problemas contemporâneos. A condição de exploração e miséria em que vivem os operários na Europa do final do século XIX, decorrentes da industrialização e do desenvolvimento do capitalismo, leva a Igreja a se posicionar, pois este momento era visto por esta como de crise e decadência da moral e dos costumes cristãos. A Igreja vê, então, no ressurgimento das ideias de Tomás de Aquino o caminho para o enfrentamento desta realidade.

¹⁶¹ REISDÖRFER, 2013, p. 52.

¹⁶² REISDÖRFER, 2013, p. 53.

¹⁶³ LANDIM, Leilah. 1993, *apud* SIMÕES, Pedro. *Assistente Sociais e Religião: um estudo Brasil / Inglaterra*. São Paulo: Cortez, 2005. p. 42.

desencadeou o Movimento de Reconceituação na América Latina e no Brasil. Este movimento procurava romper com os ideários conservadores e com a influência católica da profissão, propondo a reformulação de sua base teórica, prática e metodológica. Dois anos mais tarde, em 1967 acontece, em Araxá (MG), o 1º Seminário de Teorização do Serviço Social, que teve a finalidade de dar maior consistência ao processo de teorização do Serviço Social, propondo ações mais centradas à leitura crítica da realidade social e política do cenário nacional.¹⁶⁴

Já em 1970 acontece o Seminário de Teresópolis (RJ) que tinha como proposta discutir e elaborar a metodologia do Serviço Social. O evento de Teresópolis tinha como premissa a continuidade do Seminário de Araxá. Em 1979, aconteceu o III Congresso Brasileiro de Assistente Sociais, também conhecido como o Congresso da Virada.¹⁶⁵ O Serviço Social passa a se deparar com uma multiplicidade de visões filosóficas e teóricas que embasam a sua prática. Esta multiplicidade resultava em choques das diferentes tendências nos encontros da categoria. Mesmo assim, é implantado o currículo mínimo em 1982, respeitando a pluralidade de interpretações no que se compreende a problemática social com a qual a profissão trabalha, o que passa a abrir horizontes para as várias dimensões teóricas.¹⁶⁶

É dos grupos religiosos que a profissão surge. No entanto, a afirmação desse ‘mito de origem’ não garante, a princípio, que ele se perpetue indefinidamente. Será preciso assim mostrar que fundamentos empíricos sustentam a reprodução dessa mediação na prática profissional e quais suas expressões de continuidade.¹⁶⁷

A atuação do assistente social desde a origem da profissão tem como premissa o atendimento às demandas sociais que surgem na sociedade, principalmente, com a ascensão do capitalismo. Nesta perspectiva se dá a relação da profissão com a religião, uma vez que até se firmar enquanto profissão formalmente reconhecida, diversas tendências teóricas conduziram a forma de pensar a sociedade e as relações sociais, bem como, o trato com as expressões da questão social.¹⁶⁸ A origem da profissão tem como marca o conservadorismo moral ancorados em pressupostos religiosos e positivistas. Assim evidência Barroco:

A presença do conservadorismo moral, no contexto de origem do Serviço Social, é evidenciada: na formação profissional, no projeto social da Igreja Católica e na cultura brasileira, através das ideias positivistas. A vivência cotidiana, orientada por seus pressupostos valorativos, tende a reproduzir a alienação moral, em seus aspectos já assinalados: a repetição acrítica dos valores, a assimilação rígida dos preceitos e

¹⁶⁴ REISDÖRFER, Lara Aparecida Lissarassa. *Fundamentos Históricos, teóricos e metodológicos do serviço social*. Indaial: Uniasselvi, 2013, p. 30.

¹⁶⁵ REISDÖRFER, 2013, p. 166.

¹⁶⁶ CARDOSO, Priscila Fernanda Gonçalves. *80 anos de formação em Serviço Social: uma trajetória de ruptura com o conservadorismo*. Serviço Social & Sociedade, p. 430–455, 2016.

¹⁶⁷ SIMÕES, 2005, p. 11.

¹⁶⁸ SIMÕES, 2005, p. 27-29.

modos de comportamento, o pensamento ultra generalizador, o preconceito, o conformismo, a discriminação, tendo em vista a não-aceitação do que se adequa aos padrões de comportamento estereotipados como ‘corretos’.¹⁶⁹

O assistente social é um profissional que visa à garantia do acesso de todos às políticas sociais, atuando em situações de violação de direitos humanos e na defesa dos direitos da mulher, da classe trabalhadora, da pessoa idosa, de crianças e adolescentes, de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBTQ+), negros e negras, indígenas, entre outros, e na elaboração de políticas públicas que visem o acesso a esses direitos.¹⁷⁰ A atuação do assistente social tem como foco principal a garantia de direitos humanos, o reconhecimento à liberdade, autonomia, emancipação e expansão dos indivíduos. Os assistentes sociais lutam para a eliminação de todos os tipos de preconceitos, sejam eles de classe, gênero, credo, entre outros nos ambientes públicos e privados.

Para isso, o Código de Ética do Assistente Social traz em seu texto como um dos seus princípios fundamentais: o “exercício do Serviço Social sem ser discriminado/a, nem discriminar, por questões de inserção de classe social, gênero, etnia, religião, nacionalidade, orientação sexual, identidade de gênero, idade e condição física”¹⁷¹. Este princípio reforça que a atuação profissional do assistente social deve ter como uma de suas premissas o respeito e a garantia para que não ocorram discriminações em relação à religião, etnia, classe social, gênero, nacionalidade, orientação sexual, identidade de gênero, idade e condição física.

Este estudo se enquadra em outros importantes princípios fundamentais estabelecidos pelo Código de Ética da profissão, dentre os quais se destacam: ampliação e consolidação da cidadania, considerada tarefa primordial de toda sociedade, com vistas à garantia dos direitos civis sociais e políticos das classes trabalhadoras; empenho na eliminação de todas as formas de preconceito, incentivando o respeito à diversidade, à participação de grupos socialmente discriminados e à discussão das diferenças; opção por um projeto profissional vinculado ao processo de construção de uma nova ordem societária, sem dominação, exploração de classe, etnia e gênero.¹⁷²

O reconhecimento da mediação religiosa no Serviço Social parte do suposto de que a ação assistencial guarda nexos de sentido com valores religiosos. A existência desses nexos possibilita a atribuição de valores religiosos à prática assistencial, mesmo

¹⁶⁹ BARROCO, Maria L. Silva. *Ética e Serviço Social: fundamentos ontológicos*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 74.

¹⁷⁰ BRASIL. Conselho Federal de Serviço Social (CFESS), 2012.

¹⁷¹ BRASIL. Conselho Federal de Serviço Social (CFESS), 2012, p. 24

¹⁷² BRASIL. Conselho Federal de Serviço Social (CFESS), 2012, p. 23.

quando esta ocorre em um ambiente institucional secularizado, como Estado e mercado.¹⁷³

A história do Serviço Social e a influência da religião na sociedade devem ser pensadas de modo similar, pois no decorrer do tempo, religião, cultura, Serviço Social e os sujeitos que os protagonizam se encontram. O sujeito é formado por suas múltiplas identidades, e dentre elas encontra-se a identidade religiosa presente no escopo de uma tradição cultural que se reflete na vida de cada um.

Cultura e religião são fenômenos que se correspondem, pois não só têm raízes na natureza social, de produzir sentido e estabelecer relações sociais, como também abrem espaço de diálogo entre indivíduo e sociedade. A cultura e a religião são vistas como espaços de entendimento. Torna-se difícil sob essa perspectiva separar religião de cultura, pois a religião é um dado da própria cultura, havendo interação entre ambas.¹⁷⁴

O fenômeno religioso está interligado aos impactos culturais do capitalismo, que impõe um processo de colonização no qual os produtos espirituais das sociedades dominantes ganham destaque e as crenças dos povos dominados são violentadas. Como exemplo tem-se o preconceito para com as religiões das nações em desenvolvimento, em especial as religiões de matriz africanas, dado o seu contexto histórico brasileiro e étnico de inferiorização no campo econômico e cultural.¹⁷⁵ Tendo isso em vista, o assistente social identifica as fragilidades da sociedade e trabalha na defesa dos direitos e na implementação de políticas públicas que visem à garantia desses direitos para todo cidadão. É importante destacar que o assistente social deve defender o Estado Laico que, segundo o Conselho Federal de Serviço Social – CFESS é:

Parte das conquistas históricas no campo dos direitos. Representa a afirmação de uma cidadania não tutelada, baseada em direitos, ainda que nos limites burgueses, frente aos quais é inaceitável a intervenção do Estado sobre a liberdade de crença religiosa e igualmente inaceitável qualquer intervenção do Estado fundada em convicções religiosas sobre qualquer aspecto da vida social e da vida privada.¹⁷⁶

Neste contexto, considera-se que a palavra 'laico' significa uma atitude crítica e separadora da interferência da religião organizada na vida pública das sociedades contemporâneas. O Brasil é um Estado laico, sem religião oficial ou obrigatória, ou seja, não

¹⁷³ SIMOES, 2005, p. 57.

¹⁷⁴ OLIVEIRA, Sandra Célia Coelho G. S. S. de. A prática da violência no campo religioso brasileiro. In.: PERETTI, Clélia (Org.) Congresso de Teologia da PUCPR, 10, 2011, Curitiba. *Anais eletrônicos...* Curitiba: Champagnat, 2011. p. 533. [pdf].

¹⁷⁵ KRETZMANN, Carolina Giordani. *Multiculturalismo e diversidade cultural: comunidades tradicionais e proteção do patrimônio comum da humanidade*. 2014. Tese (Doutorado em Direito). Programa de Pós-Graduação em Direito, Universidade de Caxias do Sul – RS. p. 80.

¹⁷⁶ Matéria em que o Conselho Federal de Serviço Social (CFESS) se manifesta acerca do Estado laico no âmbito do Serviço Social no Brasil, 2016. [online].

deve estabelecer preferências ou se manifestar por meio de seus órgãos ou entidades. O Código de Ética do/a Assistente Social de 1993, adota como seus valores fundantes “a liberdade e a justiça social, articulados a partir da exigência democrática, tomada como valor ético central e o único padrão de organização político social capaz de assegurar a explicitação dos valores essenciais da liberdade e da equidade”¹⁷⁷.

No Brasil, apesar da Constituição Republicana de 1891 estabelecer a separação entre a Igreja e o Estado, observa-se investidas conservadoras de cunho religioso, sobretudo, interferindo o caminho democrático e laico no campo da política. De acordo com a Constituição Federal de 1988, Artigo 19:

É vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios:
I - estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público.¹⁷⁸

Tendo em vista a discussão de estado laico apresentada neste estudo, é fundamental o esclarecimento de que Estado laico não significa Estado ateu ou intolerante à liberdade religiosa, mas um Estado não confessional, ou seja, que não tem nenhuma religião oficial, em que a fé seja contextualizada no espaço privado do indivíduo. No contexto da legislação é importante citar o artigo 141, parágrafos 7º ao 10º, da Constituição de 1946 que trouxe uma dimensão na relação entre Estado e Religião diferente da de 1931, assegurando aos brasileiros e estrangeiros residentes no país o direito à liberdade e à assistência religiosa:

§ 7º - É inviolável a liberdade de consciência e de crença e assegurado o livre exercício dos cultos religiosos, salvo o dos que contrariem a ordem pública ou os bons costumes. As associações religiosas adquirirão personalidade jurídica na forma da lei civil.

§ 8º - Por motivo de convicção religiosa, filosófica ou política, ninguém será privado de nenhum dos seus direitos, salvo se a invocar para se eximir de obrigação, encargo ou serviço impostos pela lei aos brasileiros em geral, ou recusar os que ela estabelecer em substituição daqueles deveres, a fim de atender escusa de consciência.

§ 9º - Sem constrangimento dos favorecidos, será prestada por brasileiro (art. 129, nº 5 I e II) assistência religiosa às forças armadas e, quando solicitada pelos interessados ou seus representantes legais, também nos estabelecimentos de internação coletiva.

§ 10 - Os cemitérios terão caráter secular e serão administrados pela autoridade municipal. É permitido a todas as confissões religiosas praticar neles os seus ritos. As associações religiosas poderão, na forma da lei, manter cemitérios particulares.¹⁷⁹

A Constituição de 1969 se destacou em relação à de 1931 e 1946, pois associou o princípio da igualdade à proibição de discriminação em razão de credo religioso, conforme

¹⁷⁷ BRASIL, Conselho Federal de Serviço Social (CFESS), 2012, p. 21.

¹⁷⁸ BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Presidência da República, 1988.

¹⁷⁹ BRASIL. [Constituição (1946)]. Constituição dos Estados Unidos do Brasil. Rio de Janeiro, 1946. [online].

mostra em seu art. 153, parágrafo 1º, “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de sexo, raça, trabalho, credo religioso e convicções políticas. Será punido pela lei o preconceito de raça”¹⁸⁰. A Constituição de 1988, também conhecida como Constituição Cidadã, foi um marco no que refere à garantia de direitos, resultado do esforço político pela redemocratização e símbolo do fim do autoritarismo dos militares.¹⁸¹ Até os dias atuais a Constituição de 1988 é o texto-base que determina os direitos e os deveres dos entes políticos e dos cidadãos do nosso país.

Apesar de constitucionalmente o Brasil ser um Estado laico é possível identificar diversas ações e hábitos que divergem da ideia de um Estado separado da Igreja, como, por exemplo, a maioria dos feriados nacionais terem origem Católica Romana,¹⁸² escrituras religiosas estão presentes em espaços como salas de recepção de repartições públicas, entre outros exemplos que no cotidiano acabam passando despercebidos, mas que ferem a ideia da laicidade. O Brasil, como já citado no primeiro capítulo, é um país onde estão presentes diversas tradições e culturas, ou seja, é um território misto de expressões de fé. A religião se diferencia dos demais campos de atuação do assistente social uma vez que sua manifestação empírica e social não se dá somente por meio de fatores especificamente sociais. A religião também é política, quando em sua forma institucional contempla as relações de poder em disputa com o Estado. A religião se caracteriza como um campo de formação de opinião exercendo influência direta na visão de mundo das pessoas, na condução ética e moral que repercute na democracia e na liberdade a partir do seu caráter ideológico.

A atuação do Serviço Social é diversificada, o profissional, além de atuar diretamente nas políticas de assistência social, possui demandas na área da educação, saúde, terceiro setor, previdência social, empresarial, entre outros. Neste estudo, destaca-se a atuação empresarial uma vez que o público-alvo da pesquisa serão os trabalhadores umbandistas e sua relação com a religião no ambiente de trabalho. Historicamente o serviço social na área empresarial teve seu início em 1941 nas empresas públicas e em 1943 nas empresas privadas, a atuação do assistente social tem como principal objetivo minimizar conflitos que ocorrem na época devido à cena política na qual o movimento operário lutava por melhores condições de trabalho. Essa atuação é intensificada na década de 70 quando a crise de acumulação capitalista requisitou novas orientações, determinando um novo processo da gestão da força de trabalho. Na década de 80,

¹⁸⁰ BRASIL. [Constituição (1967)]. Emenda Constitucional n.1, de 24 de janeiro de. 1969. Brasília, 1969. [online].

¹⁸¹ ADORNO, Sérgio. *História e desventura: o 3º Programa Nacional de Direitos Humanos*. Novos estudos CEBRAP, 2010, p. 5–20.

¹⁸² MARISCAL, Valéria Gerber. A relação entre a laicidade do Estado brasileiro e os feriados religiosos incluídos ou não em lei. 2018. p. 4-6.

com os avanços tecnológicos as empresas passam a demandar desse profissional apoio para a adequação dos trabalhadores ao novo modelo do processo produtivo.¹⁸³

Atualmente a atuação do assistente social em empresas se destaca em três áreas, são elas: 1) Gestão de pessoas, em que o profissional atua com Programas de Treinamento e Desenvolvimento, Programas de Gestão da Qualidade Total, Programa de Qualidade de Vida, Programa de Clima ou Ambiência Organizacional, Programa de Preparação para aposentadoria, dentre outros; 2) Saúde do trabalhador, em que o assistente social desenvolve um papel fundamental na elaboração de projetos, análise e documentação de informações relacionadas à saúde do trabalhador que possam ser utilizadas pela empresa, além de promover ações efetivas para a satisfação dos colaboradores e incentivos para o cuidado com a saúde, contribuindo para a diminuição do afastamento dos colaboradores no trabalho; 3) Desenvolvimento sustentável e sustentabilidade corporativa uma vez que o assistente social é um agente apto a desenvolver ações para criar e disseminar atitudes de valorização humana.¹⁸⁴

No Brasil, a discussão acadêmica que relaciona o Serviço Social e a religião ainda é escassa. Considerando que após 1970, os cursos de Serviço Social adaptaram seus programas curriculares, e passaram a adotar como suporte técnico/científico o marxismo, positivismo, fenomenologia e até as correntes psicossociais para a profissionalização da assistência social.¹⁸⁵ “A mediação religiosa no Serviço Social parte do suposto de que a ação assistencial guarda nexos de sentido com valores religiosos”¹⁸⁶. Os assistentes sociais lidam com diversas situações, em algumas abordagens conhecer os valores religiosos dos usuários torna-se um diferencial na atuação profissional. Como exemplo, têm-se as questões relacionadas ao óbito, a forma com que o usuário lida com a morte do outro está diretamente ligada à sua religião, ou ausência da mesma.

Dentro do princípio da garantia de direitos, a religiosidade dos assistentes sociais é dinamizada quando se relaciona a questões raciais e de gênero. A profissão teve forte influência da Igreja Católica Romana e acabou ignorando a contribuição daqueles que não comungavam desta religião como os negros e índios. “À luz das violências étnicas e do racismo religioso, as e os assistentes sociais, por meio de suas entidades representativas, têm vislumbrado ações para enfrentar as consequências nefastas dessas práticas na formação e no exercício profissional”¹⁸⁷.

¹⁸³ IAMAMOTO; CARVALHO, 1982.

¹⁸⁴ FERREIRA, Paula Isabel Marques. O Serviço Social nas empresas: desafios e oportunidades num campo de intervenção em transformação. *Trabalho Social Global – Global Social Work*, v. 8, n. 14, 2018. p. 147-166.

¹⁸⁵ SIMÕES, 2005, p. 18.

¹⁸⁶ SIMÕES, 2005, p. 57.

¹⁸⁷ ALMEIDA, Magali da Silva. *A Religião como Direito Humano e os desafios ao Serviço Social*. Boletim Conexões Gerais, CRESS/MG, n. 11, 2018. p. 6.

Devido às competências do assistente social, no ambiente corporativo, o profissional é demandado para realizar a mediação de conflitos, sejam eles entre os pares, entre empregado e empregador ou no ambiente familiar do empregado, esta atuação visa contribuir no clima organizacional o que conseqüentemente acarretará numa mudança na produção dos trabalhadores.¹⁸⁸ Atuar no combate às diversas formas de intolerâncias faz com que o assistente social identifique os motivos que desmotivam os trabalhadores e que possam acarretar em adoecimento no trabalho.

2.3 A religião e o mercado de trabalho

*A religião não é apenas um sistema de ideias, ela é antes de tudo um sistema de força.*¹⁸⁹

(Émile Durkheim)

É pelo trabalho que o homem deixa de ser um ser exclusivamente natural, com suas determinações biológicas, e passa a ser, também, um ser social, tendo reações ativas no meio social em que vive. O trabalho se realiza através da interação do homem com a natureza, o que faz com que o homem se diferencie dos animais. As interações dos animais com a natureza caracterizam-se por serem atos instintivos, já o trabalho é uma atividade realizada exclusivamente pelo homem, uma vez que se concretiza sobre os elementos naturais de modo a transformá-los sob a orientação de uma finalidade específica.¹⁹⁰ O trabalho neste contexto do ser social, também se configura um meio para o sustento do homem.

Desde o tempo feudal, o trabalho é encarado como algo importante, o trabalho do homem era para o próprio sustento, ou seja, o trabalhador ganhava alimento e moradia em troca de sua força de trabalho. Lessa aborda que ao trabalhar, o homem modifica a natureza em um bem necessário ao desenvolvimento da humanidade.¹⁹¹ Ao construir algo o trabalhador exercita sua capacidade humana, adquire novos conhecimentos, com isto há o surgimento de necessidades que serão contempladas de acordo com a possibilidade que a sociedade oferecer.

¹⁸⁸ BATISTA, Mônica; MARTINS, Edla Marcia Gomes; CAMOLESI, Ada Bragion. A atuação do assistente social na mediação de conflitos. *UNIVERSITAS*, n. 10, 2013. p. 74.

¹⁸⁹ De acordo com Émile Durkheim, “A religião não é apenas um sistema de ideias, ela é antes de tudo um sistema de força”. Ou seja, ele acreditava que a religião era uma forma de representações coletivas compartilhadas e a analisava como uma ferramenta social. O preconceito e discriminação causada pela intolerância fere o direito social da liberdade religiosa, levando a uma fratura na sociedade em que se inibe a harmonia e paz social.

¹⁹⁰ MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política - Livro I*. [s.l.]. Boitempo. 1988. [pdf]

¹⁹¹ LESSA, Sérgio. *O processo de produção/reprodução social: trabalho e sociabilidade*. Capacitação em serviço social e política social: Módulo 2: Reprodução social, trabalho e Serviço Social. Brasília: CEAD, 1999. p. 21-33.

Segundo Durkheim, a divisão do trabalho normal supõe que o trabalhador debruçado sobre sua tarefa não perca de vista seus colaboradores, aja sobre eles e sofra sua ação. Os serviços econômicos que a divisão do trabalho social pode prestar são relativamente menores em comparação ao efeito moral que ela produz, e sua verdadeira função seria criar, entre dois ou vários indivíduos ou organizações, um sentimento de solidariedade.¹⁹²

Com o advento do capitalismo, a divisão do trabalho fez com que o homem passasse a planejar o trabalho para outros indivíduos executá-lo. O processo de reprodução social corresponde à autossustentação de uma sociedade, com a produção e o consumo, sendo que para ocorrer tal processo é importante que se crie condições para que ele prossiga. À medida que surgem novas necessidades, se originam os Complexos Sociais, que são o estado, a política, o direito, entre outros, estes visam à organização humana.¹⁹³

A divisão social do trabalho, com a diversificação da sociedade e os laços de dependência, traz o que Durkheim conceituou de solidariedade orgânica,¹⁹⁴ na medida em que a divisão do trabalho fosse aumentada, aumentaria também a dependência entre os trabalhadores. As regras impostas pela sociedade no que se refere ao trabalho existem antes dos indivíduos, ou seja, a consciência individual é formada socialmente, logo, a divisão do trabalho traria a dependência um dos outros. O ser humano é um ser social, um sujeito em constante construção e adaptação na relação com o outro e com a natureza. É de extrema importância a sua relação com o seu trabalho e com o meio de produção. A sociedade não existe sem a natureza, segundo Lessa:

Não há qualquer possibilidade de reprodução social sem a transformação da natureza nos meios de produção e meios de subsistência imprescindíveis a cada sociedade. Ou, em outras palavras, a sociedade é impossível sem a natureza – esta última é um pressuposto necessário da primeira. A sociedade, quer a tomemos em termos de sua origem, quer a observemos em termos de sua existência ao longo dos tempos, supõe a natureza como algo prévio, algo que lhe é anterior. Qualquer forma de sociedade seria inviável se ela não dispusesse da natureza como fonte de meios de subsistência e meios de produção. Toda sociedade tem sua existência hipotecada à existência da natureza – o que varia historicamente é a modalidade de organização dos homens para transformarem a natureza: variam, ao longo da história, os objetos produzidos a partir dos elementos naturais, bem como os meios empregados nessa transformação; mas permanece o fato de que a reprodução da sociedade depende da existência da natureza.¹⁹⁵

¹⁹² DURKHEIM, Émile, 1999, *apud* SILVA, Gustavo Melo; NEVES, Jorge Alexandre Barbosa. Divisão do trabalho social e arranjos produtivos locais: reflexos econômicos de efeitos morais de redes interorganizacionais. RAM. *Revista de Administração Mackenzie*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 202-228. 2013. p. 208. [pdf].

¹⁹³ LESSA, 1999, p. 21-33.

¹⁹⁴ DURKHEIM, 2004.

¹⁹⁵ LESSA, Sérgio. *Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo*. 2.ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011. p. 132.

A impossibilidade de existência da sociedade sem a natureza resulta na dependência da sociedade em relação à natureza, ou seja, não há vida social sem a natureza.¹⁹⁶ É por meio do trabalho que o ser social aplica seus esforços, conhecimentos e experiências, ou seja, por meio do trabalho ocorre a troca de esforços mútuos para satisfazer as necessidades pessoais ou as de um grupo, sendo que a recompensa por este esforço pode ser material ou financeira.

O trabalho é fundamental para o desenvolvimento pessoal e social do indivíduo, por este motivo o ambiente de trabalho influencia tanto positivamente quanto negativamente a vida do trabalhador. Um ambiente de trabalho desfavorável pode contribuir para o adoecimento do trabalhador. O trabalho pode ser entendido como um campo de prazer e do crescimento, acenando para a possibilidade de se ter uma ocupação laboral e uma ascensão social, com trocas e experiências psicossociais, mas também pode se tornar uma fonte geradora de sofrimento e de adoecimento.¹⁹⁷

A reprodução social pelo trabalho não se resume à produção de bens e mercadorias, mas é uma atividade exclusivamente humana por trazer consigo determinados elementos, como o pensamento teleológico, ou a projeção ideológica que antecede a objetivação do produto final. O resultado da mediação e da objetivação teologicamente pensada, entre o sujeito e a natureza, direcionada por uma necessidade e valoração do primeiro, será o produto final do trabalho objetivado.¹⁹⁸

Antes de tudo, o trabalho é um processo entre o homem e a Natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a Natureza. [...] Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida. Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a Natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza.¹⁹⁹

O trabalho representa uma das formas de o homem atuar no meio social, representando também uma forma de manifestação cultural, pois está ligada à forma de aquele sujeito se relacionar em sociedade. O trabalho está relacionado com a manutenção da subsistência do homem, pois é relacionado a necessidades essenciais para o ser social, como a alimentação, moradia, vestuário, ou seja, ligado à manutenção de sua subsistência, além de estar relacionado

¹⁹⁶ BIZERRA, Fernando de Araújo. *Trabalho e ser social: uma relação genética*. I Seminário Nacional de Serviço Social Trabalho e Política Social. Florianópolis- SC. 2015. p. 2.

¹⁹⁷ SIMOES, F. I. W.; HASHIMOTO, F. Adoecimento no trabalho: um estudo de caso. *R. Laborativa*, São Paulo. v. 2, n. 2, p. 73-85, out. 2013. p. 76. [pdf]

¹⁹⁸ NETTO, J. P.; BRAZ, M. 2006; BARROCO, M. S. L. 2010 *apud* BRUINJE, Ana Luiza; TUMELERO, Silvana Marta. Trabalho, sociabilidade burguesa e Serviço Social: os desafios da materialização coletiva do Projeto Ético-político profissional. *Anais do 7º Congresso Paranaense de Assistentes Sociais*. Paraná. 2019. p. 1. [pdf]

¹⁹⁹ MARX, 1988, p. 297.

à sua autoestima e realização, uma vez que pode proporcionar reconhecimento, prazer e criatividade.²⁰⁰ O trabalho também está presente nas discussões no âmbito da religião, uma vez que a Bíblia apresenta diversos trechos que abordam o tema:

Esforcem-se para ter uma vida tranquila, cuidar dos seus próprios negócios e trabalhar com as próprias mãos, como nós os instruímos; a fim de que andem decentemente aos olhos dos que são de fora e não dependam de ninguém.²⁰¹

A Bíblia também associa o trabalho à benção divina: “portanto, meus amados irmãos, sede firmes e constantes, sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que o vosso trabalho não é vão no Senhor”²⁰². O trabalho possui valor nas sociedades contemporâneas, ele exerce influência sobre a relação do ser social com o trabalho. Mercado de trabalho é um termo que se refere à oferta e busca por mão de obra que será prestada de forma manual ou intelectual, ou seja, as pessoas trocam sua mão de obra, seu trabalho ou experiência, por algo, seja esta retribuição um salário ou benefício, o mercado de trabalho sofre variações e é o responsável também por influenciar a economia na qual está inserido.²⁰³

Teoricamente, ao pensar no mercado de trabalho não há nenhuma fase no processo seletivo das empresas em que a religião seja um critério para aprovação ou não do empregado. Porém, na prática tem sido diferente. Segundo documento entregue ao Ministério Público do Trabalho em 2015 pela Secretaria de Estado de Assistência Social e Direitos Humanos (SEASDH), 80% das pessoas de religiões de matriz africana no país sofrem sanções no mercado de trabalho. Logo atrás delas, vêm as mulheres muçulmanas, com 70%.²⁰⁴

A falta de oportunidade profissional vivenciada por adeptos a essas religiões tem consequências negativas em suas vidas como um todo. No aspecto psicológico são afetados pela pressão por não conseguir um emprego e pelo preconceito com sua fé, além disso, o desemprego gera consequências em suas vidas financeiras. O processo enraizado da intolerância religiosa se mostra presente e afeta drasticamente a vida das pessoas que orientam sua fé em crenças de perspectivas diferentes das demais, perdem credibilidade profissional independente de ter ou não qualificação, são julgadas por escolhas que não deveriam ser levadas em consideração no mercado de trabalho.

²⁰⁰ CORREA, MARINA A. P. C.; SOUZA, RAFAELLE LOPES. Origem e relação do trabalho com o ser humano e as limitações do trabalho na prisão. *Textos & Contextos*. Porto Alegre. v. 15, n. 1. 2016. p. 126 – 143. [pdf]

²⁰¹ BÍBLIA. *Sagrada Bíblia Católica: Antigo e Novo Testamentos*. Tradução: José Simão. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, 2008. Tessalonicenses 4:11-18.

²⁰² BÍBLIA, 1 Coríntios 15:58, 2008.

²⁰³ BORGES, L., Vaz, G. D. A., Machado, L., & Ribeiro, D. Mercado de trabalho, empregabilidade e suas variações. Instituto Federal De Educação, Ciência E Tecnologia Goiano. 2019. p. 6.

²⁰⁴ MOREIRA, Mariana. Intolerância religiosa reduz chances no mercado de trabalho. *Jornal O Extra*. 2015. [online].

A violação do princípio da liberdade religiosa produz guerras, mata pessoas, exclui grupos, espalha ódio, separa, condena sem tribunal a alteridade e mantém os ‘intolerantes’ no poder. Trata-se do poder de um discurso que, em verdade, acredita que todos devem ter as mesmas crenças. Talvez para facilitar o controle?²⁰⁵

O Centro de Promoção da Liberdade Religiosa & Direitos Humanos (CEPLIR)²⁰⁶, buscou alguns depoimentos e relatos de pessoas que passam ou já passaram por esse tipo de situação no âmbito profissional. Uma das entrevistadas, graduada em Letras e muçulmana, disse:

Nunca sofri intolerância religiosa no trabalho, porque eu nunca nem passei na entrevista. Eu precisei trabalhar por conta própria, porque dentro das instituições eu não consigo emprego. Isso é uma realidade de muitas muçulmanas, o mercado de trabalho para quem usa o hijab²⁰⁷ é bem restrito.²⁰⁸

Nesta mesma entrevista, outro depoimento que chamou atenção foi uma umbandista que afirmou: “As pessoas não entendem (a religião) e realizam uma espécie de preconceito velado. Aham que falar mal de macumbeira é brincadeira. Eu sempre soube respeitar as outras religiões, porém nunca fomos respeitados”²⁰⁹.

Para entender a forma como ocorre a inserção, ou não, dos adeptos das religiões de matriz africana no mercado de trabalho faz-se necessário retornar à história da população negra no país. Conforme já mencionado no capítulo anterior, o processo de exclusão da população negra no Brasil teve início com a chegada dos africanos escravizados se estendendo até após a abolição da escravatura, momento em que o país excluiu a população negra do mercado de trabalho, uma vez que o negro tinha sua liberdade, mas não era aceito como trabalhador no mercado do trabalho livre.²¹⁰ “A alegação dos governantes e do empresariado incidia numa

²⁰⁵ NOGUEIRA, 2020, p. 40.

²⁰⁶ O CEPLIR foi fundado em 2013, no Rio de Janeiro, fruto de uma demanda da sociedade civil, através do GTREL – Grupo de Trabalho pela Liberdade Religiosa, que é constituído de 26 tradições religiosas diferentes, além da Defensoria Pública, Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Conselho Regional de Psicologia, Conselho Regional de Serviço Social, Universidade Federal Fluminense (UFF), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Secretaria de Segurança Pública, Secretaria Estadual de Educação, Secretaria de Administração Penitenciária.

²⁰⁷ O *hijab* é a vestimenta majoritária das mulheres muçulmanas ao redor do mundo. Em praticamente todos os países você encontrará uma seguidora do islã usando esse tipo de vestimenta. Ele consiste basicamente em um véu que se coloca ao redor da cabeça, cobrindo orelhas, pescoço, e o cabelo, e pode ser enrolado da forma que a mulher preferir. Junto ao *hijab*, elas costumam usar roupas que escondem toda parte do corpo, excluindo o rosto, as mãos e pulsos, e pés.

²⁰⁸ BASTOS, Fernanda. Liberdade religiosa: mercado de trabalho discute até onde ela vai: Profissionais enfrentam preconceito contra religião, enquanto lei protege escolhas individuais; na Gol, capela foi reformulada para abrigar funcionários de qualquer crença. *Terra*. 2021. [online].

²⁰⁹ BASTOS, 2021. [online].

²¹⁰ PEREIRA, Edilene Machado. *A vivência de mulheres em cargos executivos em grandes empresas: uma análise interseccional das desigualdades de gênero e de Raça*. Tese (Doutorado em Ciências) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2015. [online].

pretensa não adaptação do negro ao trabalho formal, na falta de escolarização e, principalmente, na não qualificação profissional”²¹¹.

Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), em 2019, a média da taxa de desemprego, no último trimestre daquele ano foi de 11,8%, sendo que as taxas para pardos e negros eram superiores à média nacional, 13,6% e 14,9% respectivamente. Destacou-se também a taxa de 13,9% entre as mulheres. Analisando o perfil destes desempregados na série histórica da mesma pesquisa, verifica-se que em 2012, quase metade eram pardos, 48,9% e 10,2% eram pretos. Comparando com os dados de 2019 estas taxas passaram para 52,9% e 12,8%, respectivamente. Os bancos apresentaram taxas de 40,2% em 2012 e 34,3% em 2019, o que demonstra a queda da taxa de desempregos entre as pessoas brancas e o aumento entre pardos e pretos.²¹²

Cada empresa possui a sua cultura organizacional, e é nessa cultura que deve ser promovida a diversidade e a tolerância religiosa para que situações que ocorreram com as entrevistadas acima possam ser sanadas e a religião passe a não ser um critério de eliminação no mercado de trabalho. O Decreto nº 9.571, de 2018, que estabelece as Diretrizes Nacionais sobre Empresas e Direitos Humanos,²¹³ em seu Art. 8º dispõe:

Caberá às empresas combater a discriminação nas relações de trabalho e promover a valorização e o respeito da diversidade em suas áreas e hierarquias, com ênfase em resguardar a igualdade de salários e de benefícios para cargos e funções com atribuições semelhantes, independentemente de critério de gênero, orientação sexual, étnico-racial, de origem, geracional, religiosa, de aparência física e de deficiência.²¹⁴

Apesar de a legislação prever que compete às empresas o combate à discriminação religiosa, atos de intolerância religiosa continuam a acontecer no mercado de trabalho e muitas vezes os trabalhadores optam pelo silêncio, muitas vezes por medo de perder o emprego. Os modelos gerenciais adotados pelas instituições acompanham as mudanças no cenário social, replicando no ambiente corporativo uma perspectiva vinculada à postura mais humanista diante do mundo.

As mudanças constantes do modelo de gestão organizacional, influenciadas pelas transformações dos moldes econômicos e sociais, impõem uma sociedade mais livre e democrática, que impossibilita um controle explícito do trabalhador. Os modelos administrativos têm evoluído para posturas mais participativas, o que abre espaço para um investimento afetivo, emocional e até mesmo espiritual no trabalho. Esse investimento perpassa pela consideração de tratar as pessoas de um modo completo,

²¹¹ PEREIRA, 2021, p. 172.

²¹² Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD Contínua). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Rio de Janeiro. *IBGE*. 2019.

²¹³ BRASIL. Câmara dos Deputados. Congresso Nacional. *Decreto nº 9.571, de 21 de novembro de 2018*.

²¹⁴ BRASIL. *Decreto nº 9.571, de 21 de novembro de 2018*.

o que significa entendê-las e responder às suas necessidades materiais e não materiais.²¹⁵

Os princípios religiosos moldam a forma de agir das pessoas, seja em aspectos éticos, morais, entre outros, propiciando uma visão concreta do que é certo e errado, influenciando, assim, a conduta do trabalhador dentro do seu espaço laboral. A religião também pode ser considerada como uma ferramenta importante para o enfrentamento do adoecimento do trabalho, uma vez que é por meio dela que o trabalhador busca o sentido à vida organizacional, individual e social.²¹⁶ “Não são raros os casos de pessoas nas empresas que têm nos colegas de trabalho seu único ou principal círculo social, ou seja, a empresa se torna também a extensão do próprio lar dessas pessoas, implicando a criação de espaço de vivências sociais”²¹⁷. Em contraponto a intolerância religiosa pode ser um motivo de adoecimento no trabalho, ou o silêncio relacionado à religião em função do medo da violência religiosa.

Como já mencionado, o ser humano é um ser social, se relaciona com o outro em diversos ambientes. No que se refere ao ambiente organizacional, este indivíduo busca um sentido para este trabalho. Nesta busca pelo sentido do trabalho sua orientação religiosa pode superar os objetivos pessoais, o que faz com que reforce a ligação entre suas crenças pessoais e ocupacionais. Ao ingressar em um trabalho, este ser social traz com ele sua carga de valores, muitas vezes influenciadas pela sua formação religiosa. Portanto, é fundamental compreender o lugar que o trabalho ocupa na vida do trabalhador umbandista, qual sua visão da relação entre sua ocupação profissional e sua religião.

²¹⁵ SILVA, Rogério Rodrigues da. Espiritualidade e religião no trabalho: possíveis implicações para o contexto organizacional. *Psicologia: Ciência e Profissão* [online]. 2008, v. 28, n. 4. p. 772.

²¹⁶ SILVA, 2008, p. 173.

²¹⁷ SILVA, 2008, p. 772.

3 RELAÇÃO DOS UMBANDISTAS COM SUA RELIGIÃO NO AMBIENTE DE TRABALHO

O terceiro capítulo descreverá as percepções de 68 (sessenta e oito) umbandistas em relação à sua religião e como estes fiéis lidam com os atos de intolerância religiosa vivenciados no ambiente de trabalho. A pesquisa foi realizada utilizando a plataforma digital Google Formulário e sua divulgação ocorreu através das Redes Sociais como WhatsApp e Instagram da pesquisadora e do Grupo da Reunião de Umbandistas Mineiros – RUM. De acordo com o último Censo do IBGE, em 2010 havia 2150 umbandistas em Belo Horizonte. Para validação da amostra utilizou-se o nível de confiança de 90% e margem de erro de 10%, chegando a uma amostra adequada de 67 entrevistas.

3.1 Perfil dos entrevistados

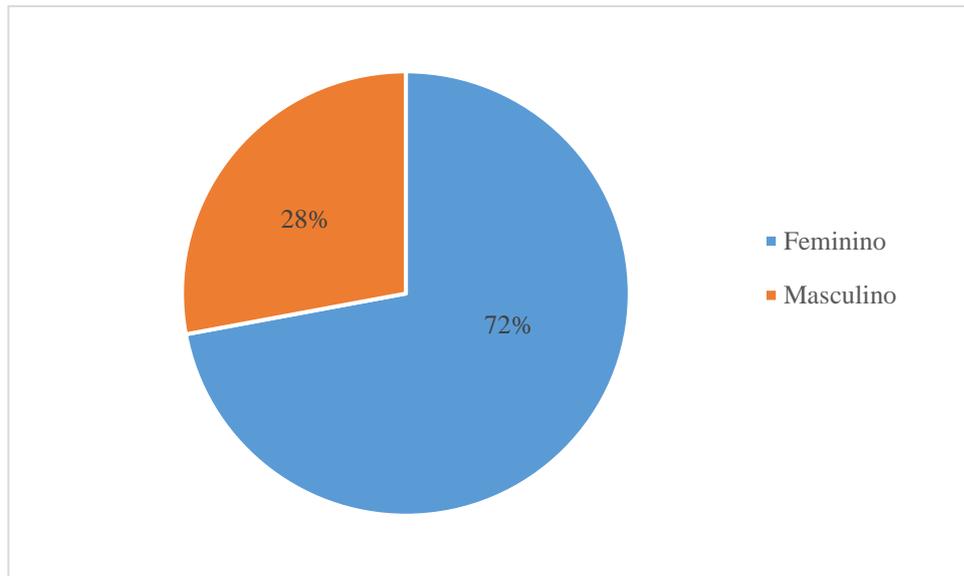
Registra-se que o foco desta pesquisa foi direcionado à uma amostra composta por 68 (sessenta e oito) umbandistas. Atualmente encontram-se cadastrados no RUM 42 terreiros de Umbanda. O acesso aos dirigentes desses terreiros possibilitou a divulgação da pesquisa e levantamento dos dados que serão descritos a seguir. O questionário *online* foi elaborado, via Google Forms, contendo perguntas de múltipla escolha e perguntas abertas e foi dividido em quatro partes: 1) Dados gerais dos umbandistas entrevistados - idade, cor, escolaridade, inserção no mercado de trabalho, entre outros; 2) Percepção dos entrevistados sobre a Umbanda, a origem da religião, a etnia dos frequentadores, entre outras informações; 3) Percepção dos entrevistados sobre a intolerância religiosa; 4) A intolerância religiosa no ambiente de trabalho. Para mais informações sobre o questionário vide Apêndice A.

Para garantir o anonimato, condição para a realização da pesquisa, os nomes dos entrevistados foram omitidos. Aqui, as citações referenciadas como “informação escrita” dizem respeito a esses questionários. Para ter acesso à transcrição integral das entrevistas realizadas, consulte os Anexos da dissertação.²¹⁸

Assim, a partir dos resultados obtidos pela amostra pesquisada, foi possível constatar a seguinte prevalência no perfil dos entrevistados: a) Quanto ao sexo, o estudo demonstrou a prevalência de mulheres (n=49)²¹⁹ em relação aos homens (n=19).

²¹⁸ Entrevistas em anexo.

²¹⁹ Nesta pesquisa n = número de participantes.

Gráfico 4. Entrevistados por sexo²²⁰

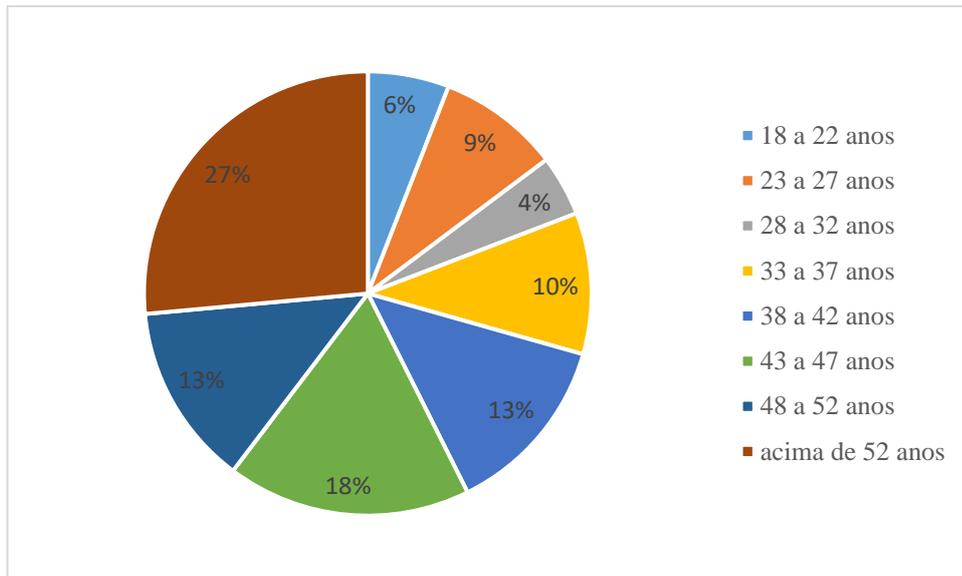
Destaca-se que, diferente de outras religiões que se baseiam no modelo europeu, no que se refere à questão do gênero, na Umbanda, assim como em outras religiões de matriz africana, a mulher ocupa posição de liderança e importância, não sendo vetada sua participação na direção dos terreiros em papéis até de sacerdotisas.

Na África, as mulheres iorubás participavam do conselho dos ministros, tinham organizações próprias e chegaram a liderar um intenso comércio que incluía rotas internacionais. Foi por isso que, na Bahia do início do século XIX, elas conseguiram o que parecia impossível: deram à luz uma organização religiosa que conciliava tradições de diferentes povos, resistindo à exploração da escravidão e à perseguição policial. No candomblé, com diplomacia, inteligência e fé, elas reuniram todos os elementos necessários para garantir ânimo e autoestima ao seu povo. O título que receberam expressa bem o misto de liderança religiosa, chefia política e poder terapêutico que exercem: mães-de-santo.²²¹

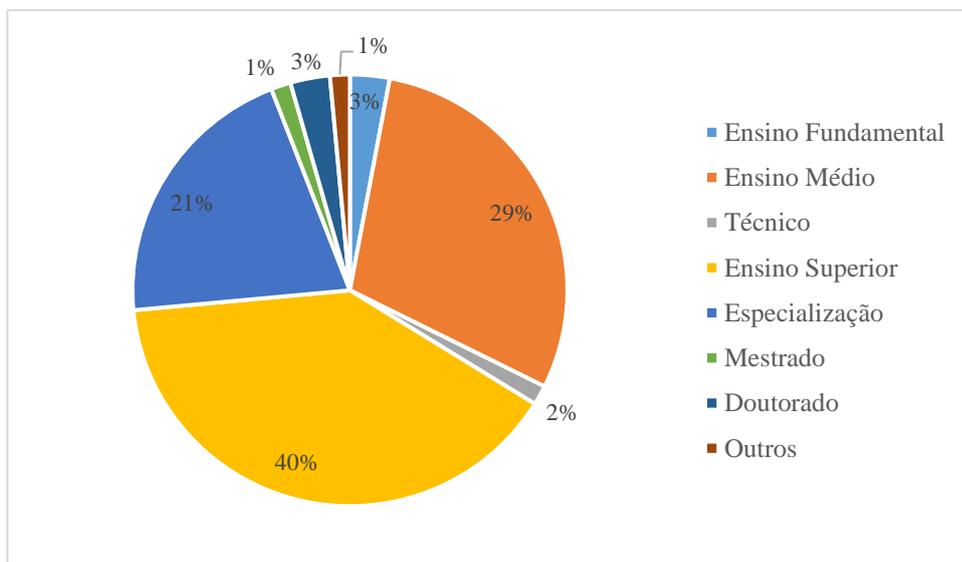
Segundo dados do censo do IBGE de 2010 a proporção de homens e mulheres que se declararam como umbandistas no Brasil era de cerca de 45% e 55% respectivamente. Em relação à idade dos entrevistados cerca de 71% tem 38 anos ou mais (n=48) e os outros 29% têm menos de 38 anos (n=20).

²²⁰ Elaboração própria, baseado nas respostas do questionário.

²²¹ MARIANO, Agnes. *Mãe-de-santo*. Histórias do Povo Negro. 2007. [online].

Gráfico 5. Idade dos entrevistados²²²

Quando se aborda questões relacionadas ao mercado de trabalho faz-se necessário identificar o nível de escolaridade dos entrevistados, uma vez que a qualificação da mão de obra é um importante indicativo para a inserção dos profissionais na condição de trabalhadores ou desempregados. Cerca de 68% dos entrevistados (n=46) possuía algum nível de especialização, seja ela em nível técnico, superior, especialização ou pós-graduação a nível de mestrado e doutorado, 29% (n=20) concluiu o ensino médio e apenas 3% (n=2) estudou até o ensino fundamental.

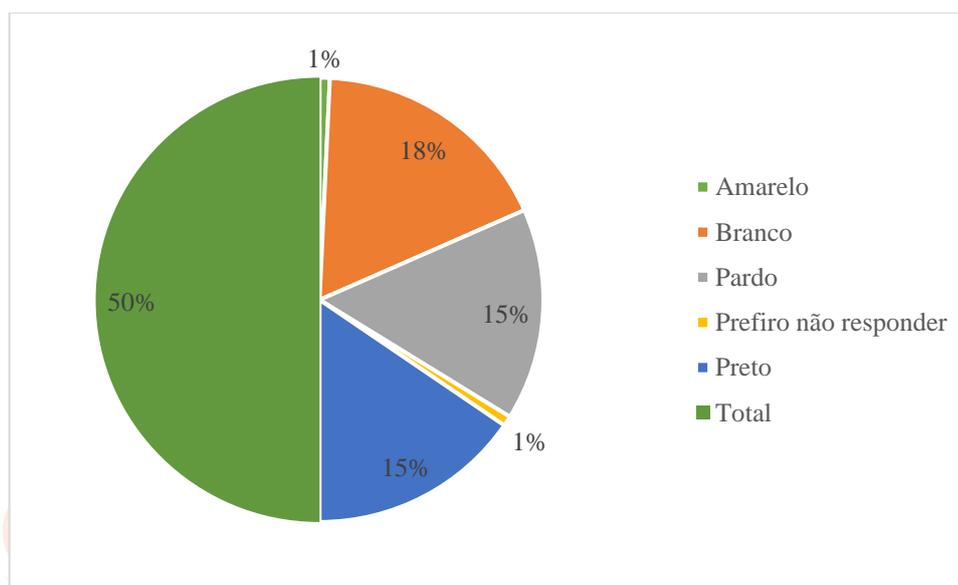
Gráfico 6 – Grau de escolaridade dos entrevistados²²³

²²² Elaboração própria, baseada nas respostas do questionário.

²²³ Elaboração própria, baseada nas respostas do questionário.

Quando questionados sobre a classificação da cor da sua pele, a maior parte dos entrevistados se declarou de cor branca 35% (n=24), seguido pelos pardos e pretos com 31% cada (n=21).

Gráfico 7 – Cor/Raça dos entrevistados²²⁴



Este dado reforça a estatística apresentada pelo censo do IBGE de 2010 de que a maior parte dos umbandistas são brancos.

Quando se trata das religiões afro-brasileiras, as estatísticas sobre os seguidores costumam oferecer números subestimados, o que se deve às circunstâncias históricas nas quais essas religiões surgiram no século XIX, quando o catolicismo era a única religião tolerada no País, a religião oficial, e a fonte básica de legitimidade social. Para se viver no Brasil, mesmo sendo escravo, e principalmente depois, sendo negro livre, era indispensável, antes de mais nada, ser católico. Por isso, os negros que recriaram no Brasil as religiões africanas dos Orixás, Voduns e Inquices se diziam católicos e se comportavam como tais. Além dos rituais de seu ancestrais, frequentavam também os ritos católicos. Continuaram sendo e se dizendo católicos, mesmo com o advento da República, no fim do século XIX, quando o catolicismo perdeu a condição de religião oficial e deixou de ser a única religião tolerada no país.²²⁵

Os dados do Censo do IBGE de 2010 demonstram que o número de pessoas que declaram como umbandistas ou de outras religiões da matriz africana é consideravelmente inferior ao que se declaram como católicos, evangélicos e espíritas. Faz-se necessária uma

²²⁴ Elaboração própria, baseada nas respostas do questionário.

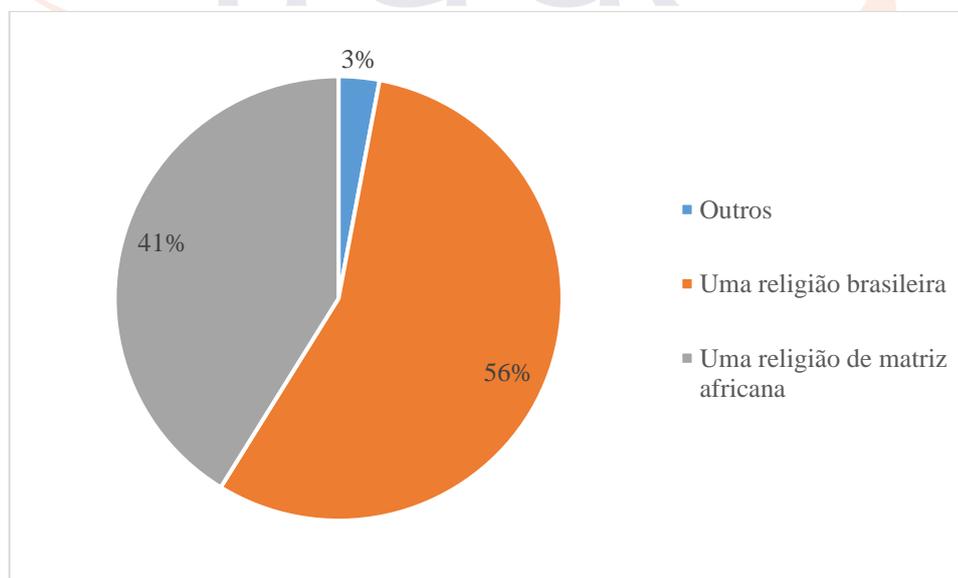
²²⁵ PRANDI, Reginaldo. O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. *Estudos Avançados*, v. 18, n. 52. p. 223-238, 2004. p. 225.

reflexão se esta resposta é reflexo de uma cultura enraizada na população, principalmente no que se refere à população negra, de que aquilo que vem do preto não é bom. Acredita-se que ocultar a sua verdadeira crença seja uma forma de evitar ou até se defender de atos de intolerância religiosa. Muitos brasileiros acabam de declarando católicos a fim de evitar conflitos no ambiente de trabalho, vizinhos, familiares, no ambiente de trabalho ou em outros locais de convívio social.

3.2 Percepção sobre a Umbanda

Na segunda parte do questionário buscou-se entender como os entrevistados viam a religião, qual a percepção sobre o surgimento da Umbanda e como se insere no cenário brasileiro, bem como a definição, segundo os entrevistados, de religiões de matriz africana. Quando questionados sobre o que a Umbanda é, a maior parte dos entrevistados, 56% (n=38) concorda que é uma religião brasileira, 41% (n=28) considera como religião de matriz africana. Todos entrevistados consideram a Umbanda como uma religião.

Gráfico 8. Umbanda é.²²⁶



Após a pergunta objetiva os entrevistados foram motivados a comentar resposta: dos 68 respondentes, 49 emitiram opiniões sobre a resposta anterior. Analisando as respostas, percebe-se que a opinião dos entrevistados não difere do conteúdo abordado nesta dissertação. Entre as respostas destaca-se esta: “traz na sua base a referência dos Orixás africanos, simboliza a

²²⁶ Elaboração própria, baseada nas respostas do questionário.

resistência dos povos negros sobre a repressão e violação de sua fé e crença. Umbanda sobrevive ao racismo.”²²⁷ Outra definição dada por um entrevistado foi: “originou-se no Brasil em 1908 e com 3 fundamentos: luz, caridade e amor. Cremos em Deus, Jesus e na espiritualidade.”²²⁸

Herdamos das culturas indígena e africana a forte ligação com a natureza, o uso das ervas, cachimbos (maracás para os indígenas), os rituais de cura, as danças, os cânticos sagrados, as vestimentas, o transe, a crença na vida após a morte e a comunicação com os mortos, as crenças nos ancestrais, a diversidade de deuses (indígenas) ou orixás (africanos), os preceitos ofertados aos ancestrais (oferendas), a magia. Da cultura branca europeia, herdamos alguns elementos da concepção cristã católica, como a ligação com os santos que no sincretismo são relacionados com os orixás, as rezas, as imagens, maniqueísmo (bem e mal), dentre outros. E ainda uma influência do Kardecismo: ligação com os mortos, crença na reencarnação, rituais de cura.²²⁹

Dentre as respostas, é possível observar que todos os entrevistados entendem que a Umbanda tem em sua origem a herança da cultura africana, europeia e indígena. As palavras: negro, escravo, África, africana e matriz africana apareceram em 25 das 49 respostas, relacionando a Umbanda à cultura dos negros.

Vinda do período de colonização, a mesma trouxe consigo reverberação da matriz africana, e com isso se enraizou na cultura brasileira e a forma de se comunicarem com os ancestrais se tornou mais e mais divulgada e frequentada, colocando seu sincretismo mais conhecido e respeitado.²³⁰

Quando questionados sobre o que são as religiões de matriz africana 66% dos entrevistados (n=45) consideram que são religiões desenvolvidas no Brasil, mas que preservaram significativamente suas origens afro. No Brasil existem diversas religiões que sofrem influências dos escravos e índios; elas recebem nomes de acordo com a região do país que estão localizadas, como: Candomblés, Tambor de Mina, Cabula, Jurema, Macumba, Xangô, entre outras, destas a mais conhecida e estudada é o Candomblé. Ortiz destaca que existem diferenças entre o Candomblé e a Umbanda.

Com efeito, pode se opor umbanda e candomblé como se fossem dois pólos: um representando o Brasil e o outro a África. A umbanda corresponde a integração das práticas afro-brasileiras na moderna sociedade brasileira; o candomblé significaria justamente o contrário, isto é, a conservação da memória coletiva africana no solo brasileiro. É claro que não devemos conceber o candomblé em termos de pureza africana; na verdade ele é um produto afro-brasileiro resultado da bricolagem desta

²²⁷ Umbandista 51, entrevista concedida a Camila Mariana Costa Fonseca. Belo Horizonte, 17 jun. 2022. [Apêndice B].

²²⁸ Umbandista 46, entrevista concedida a Camila Mariana Costa Fonseca. Belo Horizonte, 16 jun. 2022. [Apêndice B].

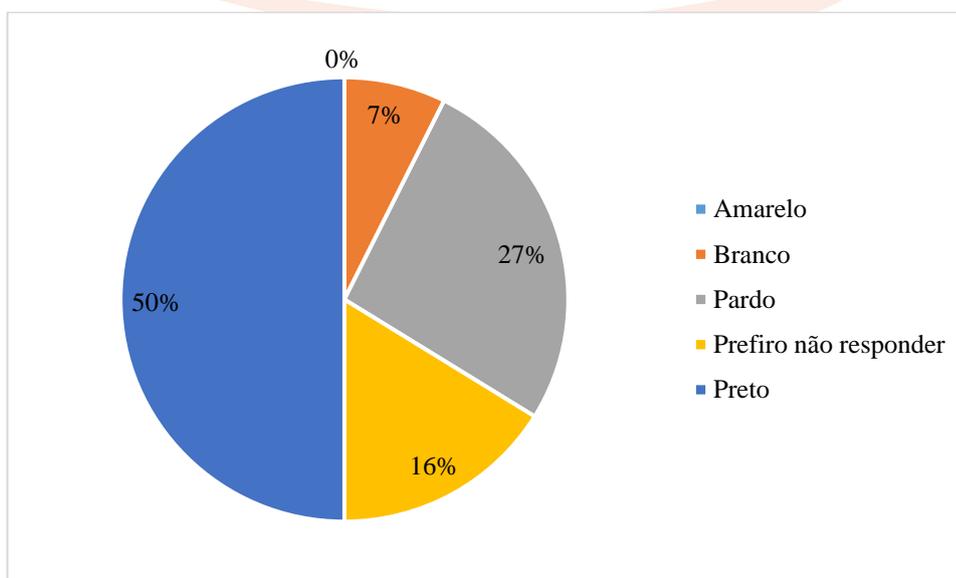
²²⁹ RIBEIRO, Fernanda Lemos. *Umbanda e teologia da felicidade*. São Paulo: Arché, 2013. p. 98.

²³⁰ Umbandista 28, entrevista concedida a Camila Mariana Costa Fonseca. Belo Horizonte, 16 jun. 2022. [Apêndice B].

memória coletiva, sobre matéria nacional brasileira que a história ofereceu aos negros escravos. Entretanto pode-se afirmar que para o candomblé a África continua sendo fonte privilegiada do sagrado, o culto dos deuses negros se opondo a uma sociedade brasileira branca ou embranquecida. Desta forma uma ruptura se inscreve entre a umbanda e o candomblé: para a primeira, a África deixa de constituir em fonte de inspiração sagrada; o que é afro-brasileiro se torna brasileiro. É necessário entender o que queremos dizer com a ruptura; não se trata de ressignificar com esta palavra a ausência do que é negro no seio da umbanda, pelo contrário, insistiremos em todo o nosso trabalho na importância da contribuição africana para a formação da religião umbandista.²³¹

Apesar de todas as semelhanças, o Candomblé traz a herança africana de uma forma mais enraizada, é uma religião que se quer negra e tem em seus fundamentos e princípios a cultura africana, diferente da Umbanda que, por ter nascido na época em que o Brasil vivia um momento de industrialização e urbanização, acabou se afastando de alguns rituais presentes no Candomblé como o sacrifício de animais. Para o padrão de civilização eurocêntrico do período em que o Brasil se encontrava, estes rituais eram vistos como atos que não combinavam com a sociedade. Esta reflexão caracteriza a resistência do povo negro, pois apesar de toda violência e opressão, estas religiões mantiveram a fé nos deuses africanos. “A umbanda é uma religião brasileira, diferente do que muitos dizem, não é uma religião de matriz africana. Ela nasceu no Brasil e desde a época vem se moldando de acordo com a região/cultura etc.”²³².

Gráfico 9. Etnia dos umbandistas segundo os entrevistados²³³



²³¹ ORTIZ, 1999, p. 16.

²³² Umbandista 64, entrevista concedida a Camila Mariana Costa Fonseca. Belo Horizonte, 27 jun. 2022. [Apêndice B].

²³³ Elaboração própria, baseada nas respostas do questionário.

Ainda com o objetivo de entender a percepção dos entrevistados em relação à Umbanda, foi realizada uma pergunta sobre a etnia dos frequentadores dos terreiros, contradizendo as informações oficiais do Censo do IBGE: 77% (n=52) dos entrevistados responderam que a predominância de adeptos nos terreiros é de pessoas pretas ou pardas, sendo 50% e 27% respectivamente.

Figura 5. Integrantes da Casa de Caridade Força no Caminho em culto na natureza²³⁴



Como já abordado no Capítulo 1 dessa dissertação, o Censo de 2010 identificou que havia uma maioria branca entre os adeptos da religião. Este dado reforça a hipótese levantada nesta pesquisa de que o preconceito e a violência vivenciados pelos umbandistas está diretamente relacionado com a sua relação com a cultura do negro. A figura 5, acima ilustra as características étnicas de um dos terreiros de Umbanda de Belo Horizonte. Segundo o Pai de Santo do terreiro dos 60 médiuns de sua corrente, apenas 10% são negros, este dado reforça as informações do censo de 2010.

3.3 Percepção sobre a intolerância religiosa

Na terceira parte do questionário buscou-se entender a percepção dos entrevistados em relação à intolerância religiosa e sua relação com o racismo. A primeira pergunta sobre o tema foi se o entrevistado concordava ou não com a frase: “A rejeição e apologia contra qualquer

²³⁴ Imagem do arquivo fotográfico da Casa de Caridade Força no Caminho, 2018.

religião de matriz africana é uma forma de racismo.”²³⁵ Os resultados, conforme esperado, foram: 65% (n=48) acreditam muitíssimo nisso, 13% (n=9) acreditam muito nisso, 13% (n=9) acreditam mais ou menos nisso, 1% (n=1) acredita muito pouco nisso, 6% (n=4) Não acredita nem um pouco nisso e 1% (n=1) preferiu não responder. Este dado pode estar indicando a presença do racismo contra religiões afro-brasileiras, ou seja, a intolerância religiosa vivenciada pelos umbandistas não está ligada apenas aos ritos religiosos em si. Essa hipótese deverá ser investigada, por meio de estudos que permitam uma análise de causalidade. .

Em números estatísticos a umbanda é uma religião com o número de adeptos significativamente inferior a outras religiões, como a Católica e a Evangélica, porém, os dados da intolerância, apresentados no capítulo 2 desta dissertação, não são proporcionais ao número de umbandistas, ou seja, as religiões afro-brasileiras são o principal alvo de atos de intolerância religiosa, ou são os que mais denunciam as agressões sofridas, principalmente por grupos pentecostais e neopentecostais.

O combate aos cultos afro-brasileiros, além de basear nos ideários bíblico e idiossincrático mencionados, em termos práticos visa converter os adeptos das religiões rivais, e por meio disso, dizimar a concorrência espírita nos estratos populares com o fechamento de centros espíritas, tendas de umbanda e terreiros de candomblé existentes, sobretudo, nas redondezas dos templos evangélicos. Sua beligerância radica, portanto, igualmente em interesses proselitistas, expansionistas e institucionais. Visa conquistar a maior fatia do mercado religioso e, ao mesmo tempo, impor o poder religioso do seu grupo sobre concorrentes, que como se sabe, detêm pouco poder de reação.²³⁶

Nas últimas décadas, os evangélicos se tornaram os principais protagonistas de uma redefinição do campo religioso²³⁷ no Brasil²³⁸. Com o objetivo de angariar mais fiéis e a busca pela ascensão da sua religião, as religiões afro-brasileiras se tornam o principal alvo dos ataques de alguns líderes de determinados segmentos evangélicos. Dos 68 entrevistados, 82% (n=56) afirmaram já terem sofrido algum tipo de preconceito devido a sua religião, sendo que 18% (n=12) afirmaram não terem sofrido nenhum tipo de preconceito. Dos entrevistados que sofreram algum tipo de violência, 36% (n=20) são da cor preta. Em conformidade com os dados

²³⁵ Apêndice A.

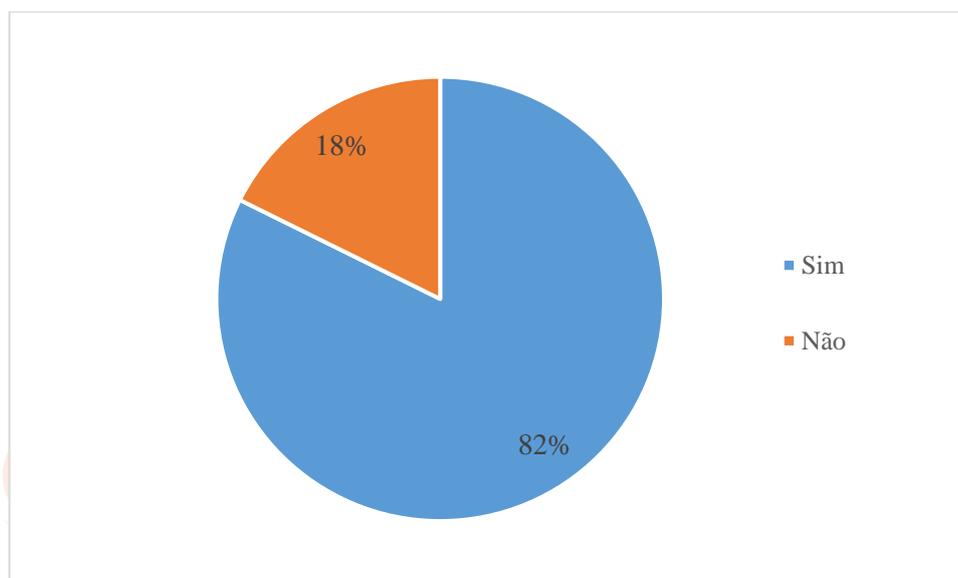
²³⁶ MARIANO, R. Pentecostais em ação: A demonização dos cultos afro-brasileiros. In: SILVA, Vagner Gonçalves da. (Org.). *Intolerância religiosa: Impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: Edusp, 2007, v. 1, p. 119-147.

²³⁷ De acordo com o Observatório da Laicidade na Educação da Universidade Federal Fluminense, campo religioso é como os sociólogos designam o espaço social onde agentes e instituições disputam o monopólio nas relações com o sagrado. Portanto, um campo de conflito, no qual cada religião se apresenta como verdadeira, autêntica, até mesmo como tendo sido criada diretamente pela divindade.

²³⁸ GIUMBELLI, Emerson. Um projeto de cristianismo hegemônico. (Org). SILVA, Vagner Gonçalves. In: *Intolerância Religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2007, p. 149-170.

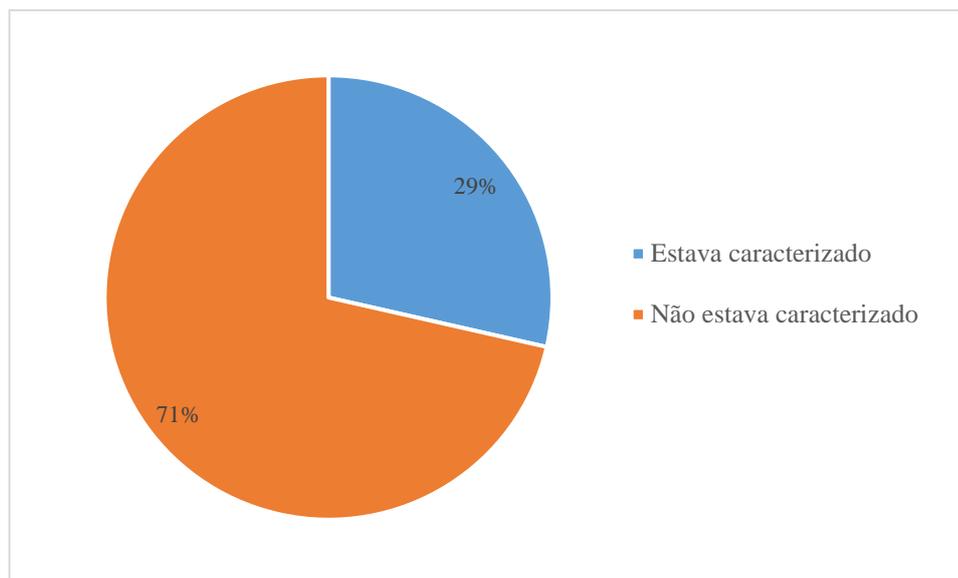
anteriores, essas respostas mostram que, apesar de a Umbanda ter mais frequentadores brancos, há relatos de preconceito sofrido pelos participantes em relação a sua religião, isto se deve ao fato da religião ser afro-brasileira e estar associada a cultura africana. Isso reforça a necessidade de estudos para investigar se esse preconceito está relacionado aos ritos, de forma isolada, ou se essa intolerância encontra causalidade na origem racial dessa religião.

Gráfico 10. Entrevistados que sofreram algum preconceito devido à religião²³⁹



Para os entrevistados que declaram terem sido vítimas de alguma forma de violência devido à religião, perguntou-se em ciclo social se havia sofrido tal violência. A maior parte dos entrevistados, 36% (n=20), declarou que a violência veio de pessoas do trabalho, 27% (n=15) de familiares, 18% (n=10) de amigos, 16% (n=9) de pessoas desconhecidas. Estes dados reforçam que o ambiente de trabalho é o local onde ocorrem mais atos de intolerância religiosa contra os umbandistas. Ainda segundo a pesquisa, para sofrer atos de violência não é necessário estar caracterizado como umbandista.

²³⁹ Elaboração própria, baseada nas respostas do questionário.

Gráfico 11. Caracterização dos entrevistados como umbandistas no momento da violência sofrida.²⁴⁰

Ao descrever os atos de violência sofridos, os entrevistados relatam: “trabalhava em instituição evangélica e como não quis participar dos cultos deram um jeitinho de me demitir”²⁴¹; “em uma reunião de trabalho mencionei a religião e nunca mais fui convocado vindo a ser demitido meses depois”; “disseram que não teriam medo de mim, pois o Deus deles é maior”²⁴²; “no meu trabalho, quando os alunos perguntam minha religião e eu digo que sou umbandista, sempre escuto que sou macumbeira, que isso é coisa do demônio”²⁴³; “estavam falando sobre o espiritismo, souberam que eu era umbandista. Questionaram ‘então você não é espírita, você mexe com macumba e feitiço, são coisas diferentes’”²⁴⁴. Estes relatos demonstram como acontecem os atos de intolerância sendo a característica mais marcante a perseguição religiosa que consiste numa constante e permanente desqualificação da religiosidade do outro, descambando muitas vezes para a ofensa verbalizadas.

Quando entrei na empresa, a gerente não perguntou minha religião.
Em uma conversa no intervalo do serviço a gerente, conversando sobre religião e percebendo que eu não discutia a respeito, me perguntou porque não entrava na conversa. E qual minha religião?
Simplesmente respondi que sou umbandista.

²⁴⁰ Elaboração própria, baseada nas respostas do questionário.

²⁴¹ Umbandista 2, entrevista concedida a Camila Mariana Costa Fonseca. Belo Horizonte, 16 jun. 2022. [Apêndice B].

²⁴² Umbandista 13, entrevista concedida a Camila Mariana Costa Fonseca. Belo Horizonte, 16 jun. 2022. [Apêndice B].

²⁴³ Umbandista 54, entrevista concedida a Camila Mariana Costa Fonseca. Belo Horizonte, 17 jun. 2022. [Apêndice B].

²⁴⁴ Umbandista 64, entrevista concedida a Camila Mariana Costa Fonseca. Belo Horizonte, 27 jun. 2022. [Apêndice B].

Me apontou como macumbeira, feitiçeira, que minha religião me torna uma pessoa hipócrita, não poderia fazer uma faculdade, que isso me destruiria!²⁴⁵

Atos de intolerância religiosa como estes vivenciados pelos entrevistados em seus locais de trabalho geram a desmotivação do trabalhador, ou até mesmo o adoecimento, uma vez que contraria princípios básicos ao ser humano. O risco de adoecer no trabalho é maior em ambientes em que as demandas que fazem parte do trabalho são altas e os recursos do trabalho e pessoais são limitados. Dentre as demandas citadas estão os conflitos interpessoais com os colegas e/ou superiores, onde ocorrem os atos de violência relatados acima. Como consequência desses atos “acontece o processo de adoecimento que está associado ao desenvolvimento de estados negativos (desconforto e/ou sofrimento), além de reduzir os níveis de engajamento e satisfação no trabalho”²⁴⁶.

Visando compreender o entendimento dos entrevistados acerca do conceito de intolerância religiosa, realizou-se uma pergunta objetiva. Dentre as respostas tem-se que 35% (n=24) dos entrevistados consideram que a intolerância religiosa é o desrespeito ao direito das pessoas de manterem as suas crenças religiosas; 25% (n=17) consideram que intolerância religiosa é uma forma de violência, física ou simbólica, que tem por objetivo a negação e a supressão de uma religião em detrimento de outra; 21% (n=14) responderam que intolerância religiosa é um termo que descreve a atitude mental caracterizada pela falta de habilidade ou vontade em reconhecer e respeitar práticas e crenças religiosas de terceiros, ou a sua ausência; 3% (n=2) não opinou. Um dos entrevistados declarou que:

Nada mais é que racismo estrutural, reflexo da escravidão que se perpetua até hoje! Por isso se dizer ‘espírita’ é muito mais aceito (porque por mais que tenha sim sofrido julgamentos) é uma religião europeia e majoritariamente branca e, se é branco é bom! Agora se dizer Umbandista e /ou Candomblecista é de preto, é ruim, faz mal porque é do demônio.²⁴⁷

Quando questionados sobre quais são os principais motivos para que ocorram atos de intolerância religiosa, os entrevistados demonstraram que o principal motivo é o desconhecimento sobre a crença do outro, porém não descartaram as demais opções de resposta que foram o preconceito racial, ausência de liberdade de religião e pluralismo religioso, bem como o fanatismo religioso. A liberdade religiosa é um direito humano básico, e sua preservação, seja no âmbito privado ou coletivo do indivíduo, constitui como um elemento

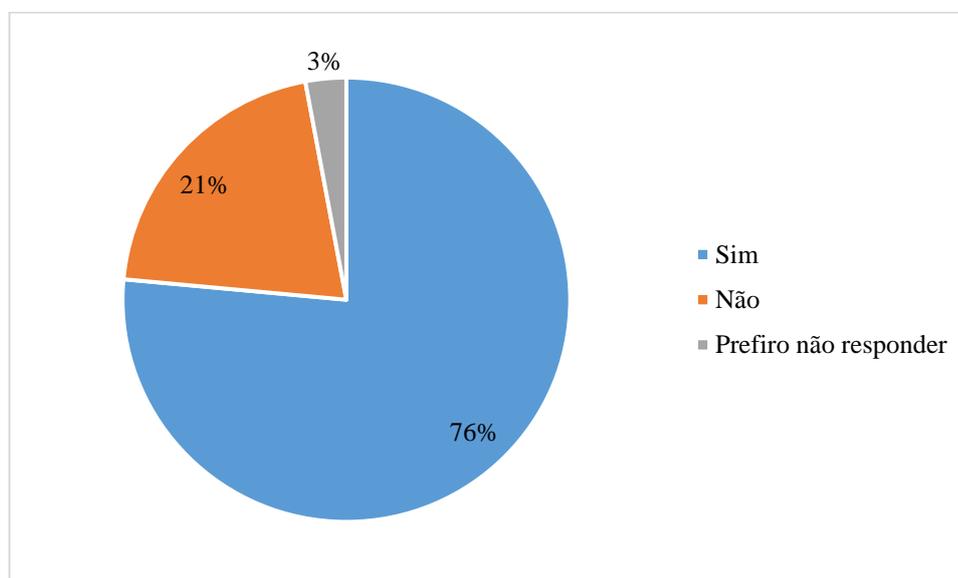
²⁴⁵ Umbandista 39, entrevista concedida a Camila Mariana Costa Fonseca. Belo Horizonte, 16 jun. 2022. [Apêndice B].

²⁴⁶ Instituto Federal de Minas Gerais. Como ocorre o adoecimento no trabalho? *IFMG*, 2021 [online]. -

²⁴⁷ Umbandista 11, entrevista concedida a Camila Mariana Costa Fonseca. Belo Horizonte, 16 jun. 2022. [Apêndice B].

agregador da sociedade. Visando identificar a percepção dos entrevistados em relação ao coletivo, perguntou-se sobre os atos de violência praticados contra os terreiros de Umbanda.

Gráfico 12. Entrevistados que tem conhecimento de algum ato de violência contra terreiros de Umbanda²⁴⁸



Incentivados a descrever os atos de violência que têm conhecimento, os entrevistados declararam: “o terreiro de Umbanda Casa Espírita Império dos Orixás de Nossa Senhora da Conceição e São Jorge Guerreiro já foi invadido mais de uma vez, as pessoas foram ameaçadas e destruíram símbolos religiosos”²⁴⁹; “não apenas um, mas vários. Constantemente vejo notícias de destruição de vários terreiros de umbanda em diversas regiões”²⁵⁰; “terreiro teve suas imagens quebradas por praticante da igreja evangélica”²⁵¹; “na porta do meu terreiro tinha um bilhete pregado que Só Jesus salva”²⁵²; entre outros.

Visando identificar a percepção dos entrevistados acerca da ligação entre a intolerância religiosa vivenciada pelos umbandistas e o preconceito étnico racial, para fechar esta parte do questionário foi realizada a pergunta. Como esperado a maior parte dos entrevistados, ou seja 77% (n=52), acredita que esta relação é real, 16% (n=11) acreditam que não e 7% (n=5) preferiu

²⁴⁸ Elaboração própria, baseada nas respostas do questionário.

²⁴⁹ Umbandista 54, entrevista concedida a Camila Mariana Costa Fonseca. Belo Horizonte, 17 jun. 2022. [Apêndice B].

²⁵⁰ Umbandista 64, entrevista concedida a Camila Mariana Costa Fonseca. Belo Horizonte, 27 jun. 2022. [Apêndice B].

²⁵¹ Umbandista 3, entrevista concedida a Camila Mariana Costa Fonseca. Belo Horizonte, 16 jun. 2022. [Apêndice B].

²⁵² Umbandista 12, entrevista concedida a Camila Mariana Costa Fonseca. Belo Horizonte, 16 jun. 2022. [Apêndice B].

não opinar. No intuito de entender como os entrevistados vêm essa relação, realizou-se uma pergunta aberta, na qual todas serão descritas a seguir:

- O preconceito é generalizado e a ligação da nossa origem faz a diferença;
- Ligam a cor à religião, como se fosse uma agravante e a confirmação de que não é bom. Isso é coisa de preto (como se o branco não pudesse participar);
- Sim, os negros são a maioria;
- Muitos pensam que os negros são inferiores;
- As pessoas ligam a umbanda a cor da pele;
- Se todo um continente foi ESCRAVIZADO durante centenas de anos, pelo simples fato de sua COR DE PELE que, por ser diferente não era considerada "humano". Porque suas práticas e culto ao seu deus, deuses e divindades seriam aceitas?
- Existe sim porque na sociedade brasileira ainda persiste esse tipo de intolerância e isso pode ser fruto da falta de conhecimento;
- A falta de conhecimento e o racismo sempre andaram juntos. Desinformação;
- A origem da Umbanda está inscrita no racismo pela origem africana;
- Por ser uma religião na qual vem de matrizes do povo preto, existe esse preconceito ainda hoje;
- Infelizmente, fundamentalistas de outras religiões consideram umbanda religião de "povo preto";
- Não vemos o mesmo preconceito a religião kardecista, o nosso problema é de origem racial;
- Cor da pele;
- Diz que Umbanda é somente para negros;
- Os preconceituosos associam o negro ao mau/mal e ao demônio;
- As pessoas associam a cor da pessoa a religião, preto ou pardo e pobre, vestido com roupa branca, só pode ser macumbeiro;
- Para a grande parte da população só os negros são macumbeiros;
- Devido muitos terreiros ser dirigidos por pais e mães negras;
- Sim, como a Umbanda foi e é uma religião africana, e se o ser humano tem uma cor escura é conhecido como preto ou escravo
- Somos Povos de Matriz Africana então cultuamos nossa fé, merecemos respeito;
- Os ataques não foram roubos, mas desrespeito as imagens contidas no terreiro, vandalismo, opressão, violência;
- Acham que é religião de negro;
- Visão de superioridade;
- A maioria é por religião mais existe por raça cor;
- No Brasil a violação dos direitos da população negra se estende a qualquer manifestação deste segmento. O racismo ainda se mantém;
- A população entende que tudo que vem originalmente da população preta é ruim. Fruto do racismo;
- O racismo está na raiz da sociedade brasileira. O preconceito contra as religiões praticadas pelos escravos existe até hj e isso tem muito mais a ver com o racismo do que com o preconceito com a religião;
- Esta en todos los países la campaña de ofio a lo desconocido a lo no blanco porqué lo oscuro lo negro es feo es fiablo es odio un gran error;
- Tudo ta ligado;
- Nitidamente o preconceito tem uma relação com a origem negra e africana dos cultos de umbanda e candomblé;
- A religião é marginalizada assim como os negros são;
- Religiões que não são de matriz africana sofrem muito menos preconceitos;
- Atribuem/classificam a religião a cor da pele;
- Essa religião vem de raízes pretas e é vista até hoje como "coisa de preto";
- Os intolerantes acreditam que todo umbandista é preto, uma vez que repudiam a nossa religião e já possuem o preconceito com a cor preta. Além disso, por acharem

que a Umbanda veio da África, acreditam que todos os praticantes possuem raízes africanas, como a cor;

- O Brasil é um país racista e a Umbanda, os Orixás são negros;
- Sim são agravos sociais que delimitam a cor da pele e opção religiosa, falta de conhecimento e julgamento com o próximo.²⁵³

Os relatos descritos acima demonstram que a percepção dos entrevistados vai de encontro com as hipóteses que justificaram a realização dessa pesquisa, uma vez que reforçam que a violência contra a Umbanda está ligada ao racismo e à falta de conhecimento sobre seus fundamentos e princípios. Apesar de ser uma religião onde a maioria dos adeptos são brancos, sua ideologia está pautada na herança dos povos negros e indígenas. Como já mencionado nesta dissertação a Umbanda visa a inclusão de todos, sejam eles pretos, amarelos, brancos, ricos ou pobres.

3.4 A intolerância religiosa e o mercado de trabalho em Belo Horizonte

Na quarta e última parte do questionário objetivou-se entender como ocorrem os atos de intolerância religiosa no ambiente de trabalho dos umbandistas, e com este intuito foram realizadas perguntas que contemplassem desde o processo de entrevista ao ato de violência em si. Quando questionados sobre a declaração ou não da religião durante um processo seletivo, 55% (n=37) afirmam responder naturalmente qual é, 24% (n=16) afirmam nunca ter passado por isso, 7% (n=5) afirmam ter outra opinião por medo do preconceito, 6% (n=4) omite a religião, 4% (n=3) preferem não responder e mudam de assunto e 4% (n=3) afirmam que depende da entrevista.

Vale ressaltar que perguntar a religião do candidato durante uma entrevista de emprego pode ser considerado como uma forma de discriminação. A Lei 9029 de 1995 proíbe práticas discriminatórias para efeitos admissionais ou de permanência da relação de trabalho por sexo, origem, raça, cor, estado civil, situação familiar e idade, e apesar de não relacionar a religião em seu texto, Fernando Kede, advogado especializado em Direito do Trabalho Empresarial afirma:

Perguntas sobre religião, orientação sexual, posicionamento político, time de futebol, deficiência, gravidez ou assuntos familiares são sempre constrangedoras e podem configurar discriminação, além de ferir a LGPD (Lei Geral de Proteção de Dados).

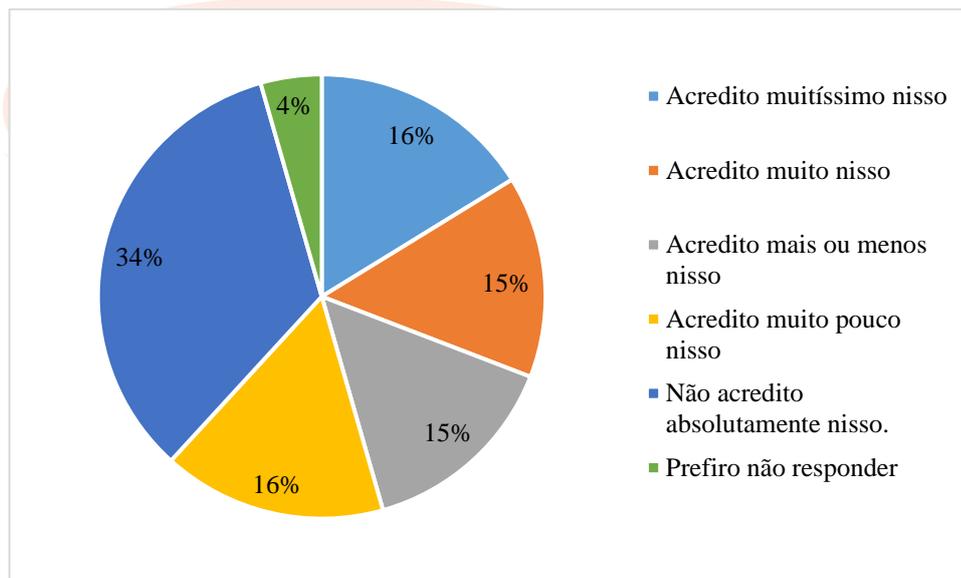
²⁵³ Apêndice B.

Além do mais, as respostas não vão afetar em nada na avaliação do desempenho e da produtividade do candidato.²⁵⁴

Neste sentido, não é comum o questionamento sobre a religião do trabalhador de forma declarada, porém não existem dados que apresentem práticas de discriminação em relação ao assunto realizadas de forma velada. Discriminações como estas podem ser percebidas nas organizações, sejam elas públicas ou privadas, por meio de pesquisas de clima organizacional. Estas pesquisas são realizadas principalmente pelos setores de recursos humanos ou gestão de pessoas, setor no qual a maior parte dos assistentes sociais atua dentro de uma organização.

A pergunta seguinte teve como objetivo identificar a percepção dos entrevistados sobre a relação da religião e a inserção do mercado de trabalho dos umbandistas. Para isso apresentou-se a afirmação: a religião não interfere na inserção do trabalhador no mercado de trabalho, 50% (n=34) dos entrevistados afirmou acreditar pouco ou não acreditar nesta afirmação.

Gráfico 13. A religião não interfere na inserção do trabalhador no mercado de trabalho²⁵⁵



No intuito de verificar como os trabalhadores se relacionam com sua fé no ambiente de trabalho, foi realizado o questionamento se os entrevistados haviam vivenciado algum tipo de intolerância religiosa nesse ambiente: 44% (n=30) dos entrevistados responderam que sim, destes, 53% (n=16) foram sofridos pelo próprio entrevistado, 23% (n=7) por um colega próximo e 17% (n=5) por um colega com pouco contato com entrevistado. No que se refere aos agressores, 37% (n= 11) foram praticados por um colega próximo e 27% (n=8) por um colega

²⁵⁴ KEDE, Fernando. Especialista elenca perguntas proibidas em entrevista de emprego: advogado alerta que questões relativas à vida íntima do candidato ferem a lei. *Jornal Jurid.* 2021. [online].

²⁵⁵ Elaboração própria, baseado nas respostas do questionário.

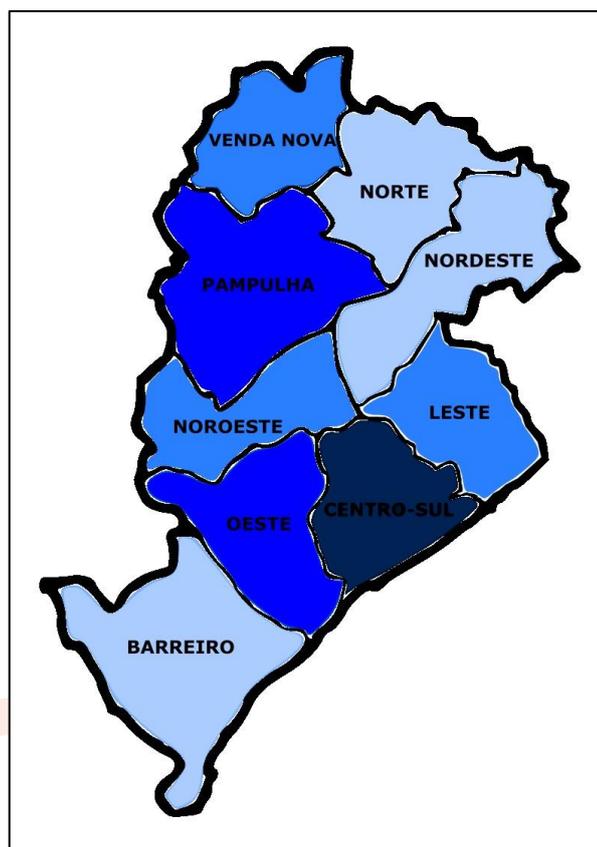
com pouco contato e 17% (n=5) por um superior. No que refere à localização desses atos de intolerância religiosa, 83% (n=25) estavam no município de Belo Horizonte.

Em Belo Horizonte não houve escravidão, mas, a memória coletiva reabilita um espaço imaginário: espaço esse que entrecruza o tempo presente e o tempo passado, gerando o limiar da cultura. A memória revive através do fenômeno religioso a plasticidade do espaço e do tempo que no ritual condensa-se no sagrado que após o término desse ritual, se torna fluído no espaço e tempo profano.²⁵⁶

O município de Belo Horizonte é dividido em nove regionais, que servem para definir ações específicas para a população de cada parte da cidade. São elas: Barreiro, Nordeste, Oeste, Pampulha, Noroeste, Norte, Centro-Sul, Leste e Venda Nova. No intuito de ilustrar os atos de intolerância religiosa relatados pelos entrevistados e realizados no município apresenta-se abaixo o mapa de Belo Horizonte de acordo com a distribuição da intolerância identificada nesta pesquisa, as regionais foram destacadas de acordo com o número de atos de intolerância religiosa ocorridos em seus limites, sendo a regional mais escura o local onde ocorreram mais atos de intolerância e a mais clara a regional com menor número de atos de intolerância conforme declaração dos entrevistados. Destaca-se que 2 (dois) entrevistados não souberam informar a regional em que se encontravam no momento que sofreram a violência.

²⁵⁶ FERREIRA, A. C.; MAIA, A. M. A Umbanda e sua manifestação na região metropolitana de Belo Horizonte: da tradição à contemporaneidade. *Anais dos Simpósios da ABHR...*, [S. l.], v. 12, n. 1, 2011. [online].

Figura 6. Mapa dos atos de intolerância religiosa distribuídos no município de Belo Horizonte²⁵⁷



Apesar de a pesquisa apresentar dados de uma amostra dos umbandistas em Belo Horizonte, é possível identificar que os atos de intolerância religiosa contra religiões afro-brasileiras, como é o caso da Umbanda, estão diretamente ligadas à questão racial. No âmbito da assistência social, ou melhor, da Política Nacional de Assistência Social (PNAS), as discriminações étnicas e raciais são promotoras de vulnerabilidades que precisam ser enfrentadas, na busca pela garantia de direitos estabelecida nesta política. Porém a PNAS somente será universal se for imparcial, e só será imparcial se reconhecer as diferenças e especificidades de seus usuários.

No meio acadêmico as relações entre religião e ambiente trabalho são pouco discutidas, não foram encontrados materiais com foco no adoecimento do trabalhador em função da discriminação de sua crença. O que se observa é que pouco se fala sobre religião e tolerância religiosa nos meios corporativos, e esta ausência se deve à falsa ideia de que o Brasil é o país das diversidades e não existam preconceitos em relação à religião no ambiente corporativo. Leva-se ao “pé da letra” a frase que firma que “política, futebol e religião não se discute”. Porém a tolerância religiosa no ambiente corporativo não é um comportamento padrão.

²⁵⁷ Elaboração própria, baseado nas respostas do questionário.

Muitos empregados que, em razão de crenças religiosas, têm restrições alimentares ou limitações de horário de trabalho em determinados dias (como feriados religiosos, não reconhecidos no calendário nacional ou mesmo aos sábados, como os judeus e presbiterianos), usam guias de orixás, entre outras questões que os vinculam às suas religiões, são constantemente alvo de olhares, comentários, estigmas, ou seja, são, muitas vezes, discriminados. Ingênuo acreditar que estereótipos ligados à religião não sejam comuns e, não raro, desagregadores e nocivos àqueles que são alvo de tal intolerância.²⁵⁸

Para evitar a discriminação, muitos trabalhadores deixam de seguir seus rituais religiosos, assim não precisam dar explicações e evitam a demissão em função de uma discriminação religiosa que muitas vezes é velada e substituída por outro motivo plausível. Adotar um comportamento “neutro” em relação a crença é visto como uma forma de se resguardar e garantir o emprego.

Se o mundo corporativo apenas afastasse as pessoas de suas religiões já seria suficiente para tratar do tema com mais frequência e ênfase. Mas não se trata apenas disso. Ao não colocar o tema da tolerância religiosa na pauta cotidiana e na recente e importante chamada pauta de ‘diversidade’, ao permitir esse equivocado senso comum de não tratar de religião por ser um assunto ‘polêmico’, o que se verifica é uma série de atos de discriminação e preconceito no dia a dia, o que transforma o ambiente laboral de muitos empregados em um lugar hostil, não livre de assédio e que leva muitas pessoas ao injustificado afastamento de suas religiões.²⁵⁹

É papel do assistente social desconstruir práticas que camuflam as diferenças e realçam as desigualdades, proporcionando, assim, uma mudança de paradigma na área de Proteção Social no meio corporativo e também fora dele. Os Conselhos Regionais e o Conselho Federal do Serviço Social – CRESS e CFESS – realizaram ao longo dos últimos anos campanhas que visam a sensibilização dos profissionais em relação à toda forma de discriminação. A Figura 7 abaixo, ilustra uma das campanhas realizadas pelo conjunto CFESS/CRESS no ano de 2018.

²⁵⁸ LINERO, Cibelle. Diversidade e intolerância religiosa nos ambientes de trabalho. *CONJUR*. 2021. [online].

²⁵⁹ LINERO, 2021.

Figura 7. Cartaz da Campanha Assistentes Sociais no Combate ao Racismo - 2018.²⁶⁰



A religião é um direito fundamental assegurado na Constituição Federal a todas as pessoas, porém, nosso cotidiano tem retratado um quadro de violência contra os adeptos de religiões não hegemônicas, historicamente discriminadas, a exemplo das religiões afro-brasileiras. A intolerância e o racismo religioso perpetrados contra essas expressões de religiosidade não atingem apenas sua representação simbólica, mas, sua base material que garante a seus fiéis, o acesso aos fundamentos ontológicos, ritualísticos e históricos, bem como

²⁶⁰ Campanha do Conselho Federal de Serviço Social e Conselhos Regionais com o objetivo de incentivar a promoção de ações de combate ao racismo no cotidiano profissional de assistentes sociais, ampliando a percepção sobre as diversas expressões do racismo.

a memória do legado civilizatório da população negra e indígena no Brasil. De fato, a discriminação decorrente da violência racial se resvala atingindo as políticas sociais. Cabe ressaltar muito já se avançou na luta da garantia desses direitos e isso se deve à participação ativa dos Movimentos Negros e de Mulheres Negras no Brasil.

Além das campanhas realizadas pelos conselhos que fiscalizam e dão dinamicidade ao Serviço Social, a atuação deste profissional deve estar embasada em seu código ética que têm como princípios fundamentais: “empenho na eliminação de todas as formas de preconceito, incentivando o respeito à diversidade, à participação de grupos socialmente discriminados e à discussão das diferenças”²⁶¹ e “exercício do Serviço Social sem ser discriminado/a, nem discriminar, por questões de inserção de classe social, gênero, etnia, religião, nacionalidade, orientação sexual, identidade de gênero, idade e condição física”²⁶². O trabalho de assistentes sociais tem relação direta com as demandas da população que vivencia todos os tipos de discriminação e o combate ao preconceito são compromissos dos profissionais conforme previsto no Código de Ética dos/as Assistentes Sociais e nas campanhas realizadas pelos conselhos de classe.



²⁶¹ BRASIL. Conselho Federal de Serviço Social (CFESS), 2012. p. 23-24.

²⁶² BRASIL. Conselho Federal de Serviço Social (CFESS), 2012. p. 23-24.

CONCLUSÃO

A questão central desta dissertação foi compreender a percepção dos umbandistas em relação à intolerância religiosa sofrida dentro do ambiente de trabalho. Ao longo desta pesquisa foi possível verificar que as publicações relacionadas à intolerância religiosa dentro do ambiente de trabalho são escassas, uma vez que foram encontradas publicações sobre o direito à liberdade religiosa no ambiente laboral, mas pouco se falou em relação aos atos de intolerância voltados à praticantes de religiões afro-brasileiras no espaço organizacional.

A pesquisa nasceu do interesse da pesquisadora em entender o motivo de muitos trabalhadores umbandistas não falam sobre sua crença no ambiente de trabalho, ao contrário de trabalhadores de outras religiões. Em conversas com dirigentes de terreiros de Umbanda e com pessoas que não são da crença e através de leituras a pesquisadora percebeu a existência do preconceito, não em função da etnia dos frequentadores dos terreiros, pois este são de maioria branca, mas relacionado a ligação da religião com a cultura africana.

A proposta de inserir o Serviço Social neste debate vai de encontro com os princípios do Código de Ética e o projeto ético político da profissão, que são incisivos em relação a atuação do profissional nos casos em que ocorrem diversos tipos de discriminação. O CFESS e os CRESS já discutem questões como o racismo e a intolerância religiosa em campanhas e publicações, mas é preciso ampliar esta discussão, uma vez que a atuação do assistente social está diretamente ligada à elaboração e implantação de políticas públicas que visem o enfrentamento dos problemas sociais e a busca da superação de todas as formas de preconceito, intolerância e superação do racismo.

A Umbanda é uma religião brasileira, mas a sua nacionalidade não assegura o seu reconhecimento e a livre realização de seu culto. Grupos como o RUM, em Belo Horizonte, possuem um papel fundamental na luta pelo direito à liberdade religiosa dos fiéis das religiões afro-brasileiras. Os trabalhadores se sintam coagidos a denunciarem os atos de intolerância sofridos, sejam eles de forma velada ou declarada. O racismo parece estar enraizado na população brasileira, o negro ainda sente os reflexos do período colonial e tudo o que remete à sua cultura é alvo de preconceito.

O trabalho, no sentido de ocupação laboral, é fundamental para que o indivíduo seja inserido na sociedade, seja social ou economicamente. Para o trabalhador, a religiosidade no ambiente organizacional interfere na forma em que se dão as relações interpessoais. Neste cenário justifica-se a importância da atuação do assistente social, uma vez que uma de suas

principais atribuições no ambiente organizacional é a articulação de ações que visem à melhoria da qualidade de vida no trabalho, redução do absenteísmo, entre outros.

O campo pesquisado representa a “ponta de um iceberg”, os dados oficiais do IBGE que estão relacionados à religião da população brasileira e de outras pesquisas com o objetivo de mapear a Umbanda, especificamente o mapeamento realizado em Belo Horizonte foram realizadas há mais de 10 anos. É preciso atualizar os dados e ampliar o horizonte dos estudos sobre a intolerância religiosa incluindo também religiões não afro-brasileiras e discutindo seus impactos no contexto laboral. Dessa forma, será possível comparar os resultados, tendo em vista as religiões de várias origens, e contribuir com uma política social de combate a esse tipo de discriminação. Essa ação poderá contribuir para um novo modelo de cultura organizacional, em que prevaleça a igualdade, o bom relacionamento entre as equipes e o respeito às diferenças.



REFERÊNCIAS

ADORNO, Sérgio. História e desventura: o 3º. Programa Nacional de Direitos Humanos. *Novos estudos CEBRAP*, mar. 2010, p. 5–20.

ALMEIDA, Magali da Silva. A Religião como Direito Humano e os desafios ao Serviço Social. *Boletim Conexões Gerais, CRESS/MG*, n. 11, 2018. p. 6. Disponível em: <https://cress-mg.org.br/Upload/Pics/ab/ab3ffb7d-9803-485e-a6a3-4e55c6e6962a.pdf> Acesso em: 31 jun. 2022.

Anais do 7º Congresso Paranaense de Assistentes Sociais: “O Trabalho do/a Assistente Social em Tempo de Retrocessos: Defesa de Direitos e Lutas Emancipatórias”. *Anais...* Ponta Grossa, Paraná, 2019.

ASSUNÇÃO, L. *O reino dos mestres*. Rio de Janeiro: Pallas, 2010.

BAMPI, Mariana. *As Oxuns do mundo real: a tradição das mulheres na Umbanda*. Nonada. 2016. Disponível em: <https://www.nonada.com.br/2016/07/as-oxuns-do-mundo-real-a-tradicao-das-mulheres-na-umbanda/>. Acesso em: 12 fev. 2021.

BARROCO, Maria L. Silva. *Ética e Serviço social: fundamentos ontológicos*. São Paulo: Cortez, 2001.

BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1971.

BASTIDE. R., *La Rencontre frird Dieux Africains et des Esprits Indies*, in *Archives*, n. 49, 1975, Apud ORTIZ, R., 1999.

BASTOS, Fernanda. Liberdade religiosa: mercado de trabalho discute até onde ela vai: Profissionais enfrentam preconceito contra religião, enquanto lei protege escolhas individuais; na Gol, capela foi reformulada para abrigar funcionários de qualquer crença. 2021. *Terra*. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/educacao/carreira/liberdade-religiosa-mercado-de-trabalhodiscuteateondeelavai,5db2622c605f4f4c68f020d1fd2aa920zfbabfk.html>. Acesso em: 28 dez. 2021.

BATISTA, Mônica; MARTINS, Edla Marcia Gomes; CAMOLESI, Ada Bragion. A atuação do assistente social na mediação de conflitos. *UNIVERSITAS*, n. 10, 2013. Disponível em: <http://mail.revistauniversitas.inf.br/index.php/UNIVERSITAS/article/view/16>. Acesso em: 20 ago. 2022.

BERGO, Renata Silva. *Quando O SANTO chama: O terreiro de umbanda como contexto de aprendizagem na prática*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação. Belo Horizonte, 2011.

BÍBLIA. *Sagrada Bíblia Católica: Antigo e Novo Testamentos*. Tradução: José Simão. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, 2008.

BIZERRA, Fernando de Araújo. *Trabalho e ser social: uma relação genética*. I Seminário Nacional de Serviço Social Trabalho e Política Social. Florianópolis- SC. 2015.

BLOG Serviço Social. Trabalho, sociabilidade burguesa e Serviço Social: os desafios da materialização coletiva do Projeto Ético-político profissional. Disponível em: <http://servicosocial-erenilza.blogspot.com/2016/09/as-principais-correntes-filosoficas-e.html>. Acesso em: 01 mar. 2022.

BLOG Winfrey e Dodge. Pesquisa revela países com maior nível de intolerância. 2021 <https://www.bloomberg.com.br/blog/pesquisa-revela-paises-com-maior-nivel-de-intolerancia/> Acesso em: 30 de dez. de 2021.

BORGES, L., *et al.* Mercado de trabalho, empregabilidade e suas variações. Instituto Federal De Educação, Ciência E Tecnologia Goiano. 2019.

BRASIL, CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL (CFESS). Código de ética Profissional do/a Assistente Social. Lei 8.662/93 de regulamentação da profissão. - 10ª. ed. rev. e atual. Brasília, 2012.

BRASIL, Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Balanço anual: Disque 100 registra mais de 500 casos de discriminação religiosa. 2019. [on-line]. <https://www.gov.br/mdh/pt-br>. Acesso em: 14 nov. 2021.

BRASIL. (Constituição Republicana de (1891)]. Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao91.htm. Acesso em 28 nov. 2021.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Presidência da República, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em: 20 jun. 2022.

BRASIL. [Constituição (1967)]. Emenda Constitucional n.1, de 24 de janeiro de. 1969. Brasília, 1969. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao67emc69.htm. Acesso em: 21 jun. 2022.

BRASIL. [Constituição (1967)]. Emenda Constitucional n. 1, de 24 de janeiro de. 1969. Brasília, 1969.

BRASIL. Câmara dos Deputados. Congresso Nacional. *Decreto nº 9.571, de 21 de novembro de 2018*. [Estabelece as Diretrizes Nacionais sobre Empresas e Direitos Humanos]. Brasília: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/decreto/D9571.htm. Acesso em: 28 nov. 2021

BRASIL. Conselho Federal de Serviços Social (CFESS). Código de ética Profissional do/a Assistente Social. Lei 8.662/93 de regulamentação da profissão. 10. ed. rev. e atual. Brasília, 2012

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos direitos Humanos. Dados da Violação dos Direitos Humanos: painel com dados de denúncias de violações de direitos humanos recebidas pela ONDH de jul/2020 a dez/2021, 2021.

BRASIL. [Constituição (1946)]. Constituição dos Estados Unidos do Brasil. Rio de Janeiro, 1946. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao46.htm. Acesso em: 20 jun. 2022.

BRITO, Alice. “Terreiro de umbanda é atacado em Esmeraldas: 'A cada depredação a maldade piora', segundo líder religioso do espaço, é a terceira vez neste mês que o local é vandalizado”. *Jornal O Tempo*, 30 jun. 2022. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/cidades/terreiro-de-umbanda-e-atacado-em-esmeraldas-a-cada-depredacao-a-maldade-piora-1.2692177>. Acesso em: 01 jul. 2022.

BROWN, Diana et al. *Umbanda e política*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985. Disponível em: <<https://repositorio.usp.br/item/000750510>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

BRUINJE, Ana Luiza; TUMELERO, Silvana Marta. Trabalho, sociabilidade burguesa e Serviço Social: os desafios da materialização coletiva do Projeto Ético-político profissional. *Anais do 7º Congresso Paranaense de Assistentes Sociais*. Paraná. 2019.

CARDOSO, Priscila Fernanda Gonçalves. 80 anos de formação em Serviço Social: uma trajetória de ruptura com o conservadorismo. *Serviço Social & Sociedade*, p. 430–455, 2016.

CARNEIRO, Ana Clara Tomaz; DE MENEZES, Marilda Aparecida. Transmissão da Tradição Umbandista: ou o Lampejo da Narração. *Estudos de Religião*, v. 35, n. 1, p. 109-126.

CORREA, MARINA A. P. C.; SOUZA, RAFAELLE LOPES. Origem e relação do trabalho com o ser humano e as limitações do trabalho na prisão. *Textos & Contextos*. Porto Alegre. v. 15, n. 1, p. 126 – 143. 2016. [pdf]

CREMER, Eduardo. "Bullying": a violência na escola contemporânea sob o enfoque da abordagem Gestáltica. *IGT rede*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 22, p. 111-195, 2015. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180725262015000100007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 18 ago. 2022.

CUMINO, Alexandre. *História da Umbanda: uma religião brasileira*. São Paulo: Madras, 2015.

CUMINO, Alexandre; QUEIROZ, Rodrigo. *Caridade: Amor e Perversão*. Editora Madras. São Paulo. 2017.

DEUS, Zélia Amador de. O corpo negro como marca identitária na diáspora africana. XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais, 2011, Salvador. *Anais...* Salvador, XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais v. 11, p. 1-11.

DURKHEIM, Émile, 1999, apud SILVA, Gustavo Melo; NEVES, Jorge Alexandre Barbosa. Divisão do trabalho social e arranjos produtivos locais: reflexos econômicos de efeitos morais de redes interorganizacionais. *RAM. Revista de Administração Mackenzie*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 202-228. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-69712013000100009>. Acesso em: 20 dez. 2021. p. 208. [pdf].

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social*. 2.ed. São Paulo: Martins Fonte, 2004.

ETIMOLOGIA. *Caridade*. Disponível em: <https://www.gramatica.net.br/origem-das-palavras/etimologia-de-caridade>. Acesso em: 05 de abril de 2021.

EURICO, Márcia Campos. A percepção do assistente social acerca do racismo institucional. *Serviço Social & Sociedade*. 2013, n. 114. pp. 290-310. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-66282013000200005>. Acesso em: 10 jul. 2022. p. 292.

FARAH, Paulo Daniel. Combates à xenofobia, ao racismo e à intolerância. *Revista USP*, n. 114, p. 11–30, 2017.

FERREIRA, A. C.; MAIA, A. M. A Umbanda e sua manifestação na região metropolitana de Belo Horizonte: da tradição à contemporaneidade. *Anais dos Simpósios da ABHR*, [S. l.], v. 12, n. 1, 2011. Disponível em: <https://revistaplura.emnuvens.com.br/anais/article/view/221>. Acesso em: 1 ago. 2022.

FERREIRA, Paula Isabel Marques. O Serviço Social nas empresas: desafios e oportunidades num campo de intervenção em transformação. *Trabajo Social Global – Global Social Work*, v. 8, n. 14, 147-166, 2018. Disponível em: <https://recil.ensinulusofona.pt/handle/10437/9774>. Acesso em: 20 ago. 2022.

FLOR do NASCIMENTO, Wanderson Flor. Intolerância ou racismo? *Jornal Hora Grande*, Outubro - Ano XXI - Edição 167. 2016.

FONSECA, Alexandre Brasil; ADAD, Clara Jane (Orgs.). *Relatório sobre intolerância e violência religiosa no Brasil (2011-2015): resultados preliminares*. Brasília: Secretaria Especial de Direitos Humanos, 2016.

FÓRNEAS, Vitor. Casos de intolerância religiosa crescem 23% em Minas Gerais: praticantes do candomblé e umbanda reclamam da sensação de impunidade pelos crimes cometidos. *Jornal O Tempo*, On-line. 2 mai. 2022. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/cidades/casos-de-intolerancia-religiosa-crescem-23-em-minas-gerais-1.2661076>. Acesso em: 19 jul. 2022.

FURUYA, Yoshiaki. *Umbandização dos cultos populares na Amazônia: a integração ao Brasil?* Shakai Kagaku Ronshú. Universidade de Kyúshú, v. 31, p. 11-59, 1994.

GALTUNG J. Violence, peace and peace research. *Journal of Peace Research*. Oslo, v.6, n.3, p.167-191, set. 1969.

GIMENES, Nilson Roberto da Silva. BULLYING RELIGIOSO NA ESCOLA E A RESPONSABILIDADE CIVIL. *Revista Acadêmica da Faculdade de Direito do Recife*, [S.l.], v. 87, n. 2, jan. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/ACADEMICA/article/view/1667>. Acesso em: 31 jul. 2022.

GOMES, Laurentino. *Escravidão: do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares*. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019. v. 1.

GUIMARÃES, Marcelo Rezende. *Um novo mundo é possível*. São Leopoldo: Ed. Sinodal, 2004.

HISTÓRIA PRETA: Branqueamento Racial do Brasil [Locução de]: Thiago André. [S. l.]: B9, 29 mar. 2019. *Podcast*. Disponível em: <https://www.b9.com.br/shows/historiapreta/branqueamento-racial-no-brasil>. Acesso em: 20 jun. 2020.

HISTÓRIA PRETA: Branqueamento racial do Brasil [Locução de]: Thiago André. [S. l.]: B9, 29 mar. 2019. *Podcast*. (00 min, 23seg – 01 min, 32 seg)

IAMAMOTO, M. V. O Brasil das desigualdades: “questão social”, trabalho e relações sociais. *SER Social*, [S. l.], v. 15, n. 33, p. 326–342, 2014. DOI: 10.26512/ser_social.v15i33.13051. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/SER_Social/article/view/13051. Acesso em: 6 mar. 2022.

IAMAMOTO, M. V. *Renovação e conservadorismo no Serviço Social: Ensaio crítico*. São Paulo: Cortez, 1992.

IAMAMOTO, M. V.; CARVALHO, R. *Relações sociais e Serviço Social no Brasil: esboço de uma interpretação históricometodológica*. São Paulo: Cortez, 1982.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo de 2010*. Brasília, 2010.

Instituto Federal de Minas Gerais. Como ocorre o adoecimento no trabalho? *IFMG*. 2021. Disponível em: <https://www.ifmg.edu.br/portal/progep/desenvolvimento-de-pessoas/qualidade-de-vida-no-trabalho/como-ocorre-o-adoecimento-no-trabalho>. Acesso em: 25 jul. 2022.

KEDE, Fernando. Especialista elenca perguntas proibidas em entrevista de emprego: advogado alerta que questões relativas à vida íntima do candidato ferem a lei. *Jornal Jurid*. 2021. Disponível em: <https://www.jornaljurid.com.br/noticias/especialista-elencas-perguntas-proibidas-em-entrevista-de-emprego>. Acesso em: 25 jul. 2022.

KRETZMANN, Carolina Giordani. *Multiculturalismo e diversidade cultural: comunidades tradicionais e proteção do patrimônio comum da humanidade*. 2014. Tese de Doutorado. Universidade de Caxias do Sul

LANDIM, Leilah. *apud SIMÕES, Pedro. Assistente Sociais e Religião: um estudo Brasil / Inglaterra*, 1993.

LEITE, Fabiano Aparecido Costa. *Eu, Deus e Irene: o autor no discurso religioso da Umbanda*. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) - Faculdade Unida de Vitória, Vitória, 2013.

LESSA, Sérgio. *O processo de produção\reprodução social: trabalho e sociabilidade. Capacitação em serviço social e política social: Módulo 2: Reprodução social, trabalho e Serviço Social*. Brasília: CEAD, 1999. p. 21-33.

LESSA, Sérgio. *Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo*. 2.ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

LINERO, Cibelle. Diversidade e intolerância religiosa nos ambientes de trabalho. *CONJUR*. 2021. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2021-out-28/linero-diversidade-intolerancia-religiosa-ambientes-trabalho>. Acesso em: 25 jul. 2022.

LOWY, Michel. *Ideologia e ciência social*. São Paulo: Cortez, 1985.

MAIA, Anderson Marinho. *Entre outras manifestações de fé, a Umbanda: comunidades quilombolas, contextos e práticas da religiosidade afrodescendente*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Belo Horizonte, 2019.

MANDELA, Nelson. *Long Walk to Freedom*. s.n: Abacus, 1995.

Mapeamento das Comunidades Tradicionais de Terreiro nas capitais e regiões metropolitanas dos estados de Minas Gerais, Pará, Pernambuco e Rio Grande do Sul. *Mapeando Axé*. Disponível em: https://www.mapeandoaxe.org.br/cd/paginas/terreiros_belohorizonte.htm. Acesso em: 25 nov. 2021.

MARIANO, Agnes. *Mãe-de-santo, Histórias do Povo Negro*. Disponível em: <https://historiasdopovonegro.wordpress.com/fe-2/maes-de-santo/>. Acesso em: 25 de junho de 2022.

MARX, K. *O Capital*. Vol. I. Tomo I. Coleção: Os economistas. Tradução Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Nova Cultura, 1988.

MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política - Livro I*. [s.l.]. Boitempo. 1988.

MINAYO, M. C. S. O contexto da violência social no Brasil. In: *Violência e saúde [online]*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006. Temas em Saúde collection, pp. 25-30. p. 25. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/y9sxc>. Acesso em: 18 set.2021.

MIRANDA, Ana Paula Mendes de. Entre o privado e o público: considerações sobre a (in) criminalização da intolerância religiosa no Rio de Janeiro. *Anuário Antropológico*, n. v.35 n.2, p. 125–152, 2010.

MOREIRA, Mariana. Intolerância religiosa reduz chances no mercado de trabalho. *Jornal O Extra*. 2015. Disponível em: <https://extra.globo.com/economia-e-financas/emprego/intolerancia-religiosa-reduz-chances-no-mercado-de-trabalho-15876508.htm>. Acesso em: 22 mar. 2022.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999, p. 17-20.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: Seminário Nacional Relações Raciais e Educação, 3. *Anais...* 2003, Rio de Janeiro. Disponível em: https://www.geledes.org.br/kabengele-munanga-uma-abordagem-conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-identidade-e-etnia/?gclid=Cj0KCQjwssyJBhDXARIsAK98ITQIEDL3wGAcZUxAlCc0uS3W30IquKyVjTkdQQYglcOREv85fTwQp4aAkAXEALw_wcB. Acesso em 05 agosto 2021.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. *Entre a cruz e a encruzilhada*. São Paulo, Edusp, 1996.

NETTO, J. P.; BRAZ, M. 2006; BARROCO, M. S. L. 2010 *apud* BRUINJE, Ana Luiza; TUMELERO, Silvana Marta. Trabalho, sociabilidade burguesa e Serviço Social: os desafios da materialização coletiva do Projeto Ético-político profissional. *Anais do 7º Congresso Paranaense de Assistente Sociais*. Paraná. 2019.

NOGUEIRA, Sidnei. *Intolerância Religiosa*. São Paulo: Ed. Jandaíra. 2020.

OLIVEIRA, Edístia M. A. P. de; CHAVES, Helena L. A. 80 anos do Serviço Social no Brasil: marcos históricos balizados nos códigos de ética da profissão. *Serviço Social & Sociedade*. N 128. 2017. p. 143-163. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0101-6628.098>. Acesso em: 12 fev. 2021. [pdf]

OLIVEIRA, Felipe de. Após sair de culto de candomblé, menina de 11 anos leva pedrada no Rio. *Jornal Folha de São Paulo*. 16 jun. 2015. Disponível em: <https://m.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/06/1642819-apos-sair-de-culto-de-candomble-menina-de-11-anos-leva-pedrada-no-rio.shtml>. Acesso em: 10 jan 2022.

OLIVEIRA, José Henrique Motta de. *Das Macumbas à Umbanda: uma análise histórica da construção de uma religião brasileira*. Limeira, SP: Editora do Conhecimento, 2008.

OLIVEIRA, Sandra Célia Coelho G. S. S. de. A prática da violência no campo religioso brasileiro. In.: PERETTI, Clélia (Org.) Congresso de Teologia da PUCPR, 10, 2011, Curitiba: Champagnat, 2011. *Anais...* Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/congressoteologia/2011/>. Acesso em: 24 jul. 2020.

OLIVEIRA, Sandra Célia Coelho G. S. S. de. A prática da violência no campo religioso brasileiro. In.: PERETTI, Clélia (Org.) Congresso de Teologia da PUCPR, 10, 2011, Curitiba. *Anais eletrônicos*. Curitiba: Champagnat, 2011. p. 533. [pdf]

ORTIZ, R. *A morte branca do feiticeiro negro: Umbanda e sociedade brasileira*. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

PAULO FRANCO, G. As religiões de matriz africana no Brasil: luta, resistência e sobrevivência. *Sacrilegens*, [S. l.], v. 18, n. 1, p. p. 30–46, 2021. DOI: 10.34019/2237-6151.2021.v18.34154. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/sacrilegens/article/view/34154>. Acesso em: 15 ago. 2022.

PEREIRA, Edilene Machado. *A vivência de mulheres em cargos em cargos executivos em grandes empresas: uma análise interseccional das desigualdades de gênero e de Raça*. Tese (Doutorado em Ciências) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras. Araraquara, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/134120>. Acesso em: 18 dez. 2021.

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad Contínua). *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística* (IBGE). Rio de Janeiro. IBGE. 2019

Pesquisa realizada pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) e a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), em parceria com a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) e a Fundação Cultural Palmares (FCP).

PIERRE SANCHIS. *As religiões dos brasileiros*. Horizonte Puc Mg, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 28-43, 1998.

PIERUCCI, F. Bye, bye, Brasil: o declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. *Estudos Avançados*, São Paulo, v.18, n. 52, p. 17-28, set-dez. 2004.

PINTO, Márcia Cristina Costa; FERREIRA, Ricardo Franklin. Relações raciais no Brasil e a construção da identidade da pessoa negra. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, São João Del-Rei, v. 9, n. 2, p. 257-266, dez. 2014. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180989082014000200011&lng=pt&nrm=iso. Acessos em: 11 out. 2020.

PRANDI, Reginaldo. O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. *Estudos Avançados*. 2004, v. 18, n. 52 [Acesso em: 3 Agosto 2022], pp. 223-238. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142004000300015>. Epub 06 Dez 2004.

PRANDI, Reginaldo. *Raça e religião*. Novos Estudos Cebrap, São Paulo, n.42, p. 113-129, 1995.

QUINALHA, Renan, 2016, *apud* NOGUEIRA, Sidnei. *Intolerância Religiosa*. São Paulo: Ed. Jandaíra. 2020. p. 58.

RAMOS, Lediane Pereira. Justificativas da Igreja Católica para o escravagismo: no Brasil colônia. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*. São Paulo, v.7. n.9. set. 2021. p. 607-610.

REISDÖRFER, Lara Aparecida Lissarassa. *Fundamentos históricos, teóricos e metodológicos do serviço social*. Indaial: Uniasselvi, 2013.

RICO, E. de M. *Teoria do serviço social de empresa: objeto e objetivos*. 2. ed.

ROHDE, Bruno Faria. Umbanda, uma Religião que não nasceu: Breves Considerações sobre uma Tendência Dominante na Interpretação do Universo Umbandista. *REVER: Revista de Estudos da Religião*, v. 9, 2009.

ROUANET, S. P. O Eros da Diferença. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 2003. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0902200307.htm>. Acesso em: 10 de outubro de 2021.

SANTIAGO, Silviano. *Vale quanto pesa: Apesar de dependente, universal*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p. 15-16.

SANTOS, W. E. O Negro, o Serviço Social e a Assistência Social. *Boletim Conexões Gerais*, CRESS/MG, 30 nov. 2012. p. 2. São Paulo: Cortez Editora, 1982.

SILVA, Adilson Santiago da; PEREIRA, Sandro. Complexo de superioridade nas comunidades cristãs. *Teologia e Espiritualidade*. Curitiba. 2016.

SILVA, Gustavo Melo; NEVES, Jorge Alexandre Barbosa. Divisão do trabalho social e arranjos produtivos locais: reflexos econômicos de efeitos morais de redes interorganizacionais. *RAM. Revista de Administração Mackenzie*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 202-228. 2013.

SILVA, Jackeline Araujo. O código de ética do/a assistente social e o projeto ético-político: uma trajetória histórica de mudanças. I Seminário Nacional de Serviço Social Trabalho e Política Social. *Anais...* Florianópolis- SC. 2015.

SILVA, Rogério Rodrigues da. Espiritualidade e religião no trabalho: possíveis implicações para o contexto organizacional. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 28, n. 4, p. 768-779, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932008000400009>. Acesso em: 31 jul. 2022.

SIMÕES, F. I. W.; HASHIMOTO, F. Adoecimento no trabalho: um estudo de caso. *R. Laborativa*, São Paulo. v. 2, n. 2, p. 73-85, 2013.

SIMÕES, Lucas. O quarto ataque: Terreiro de umbanda Casa Espírita Império dos Orixás, em Mário Campos, volta a ser alvo de ação criminoso. É o quarto ataque a terreiros de umbanda da Região Metropolitana de BH desde julho do ano passado. *Jornal O Beltrano*. 2022. Disponível em: <https://www.obeltrano.com.br/portfolio/o-quarto-ataque>. Acessado em 17 jul. 2022.

SIMÕES, Pedro. *Assistente sociais e religião: um estudo Brasil / Inglaterra*. São Paulo: Cortez. 2005.

SOUZA, R. L., & CORREA, M. A. P. da C. Origem e relação do trabalho com o ser humano e as limitações do trabalho na prisão / Origin and work relationship with human being and labor limitations in prison. *Textos & Contextos* (Porto Alegre), 15(1), 2016, p.126-143.

TRINDADE, Diamantino Fernandes. *História da Umbanda no Brasil*. Limeira, SP: Editora do Conhecimento, 2014.

VOCABULARIO. In: DICIO Dicionário *Online* de Português. Brasil. 2009-2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/mercado/>. Acesso em: 01 fev. 2022.



APÊNDICE A

INTOLERÂNCIA RELIGIOSA NO MERCADO DE TRABALHO: a perspectiva dos trabalhadores umbandistas em relação ao silêncio sobre sua religião na cidade de Belo Horizonte

Prezado (a),

Ao responder as perguntas abaixo, você estará participando de uma "pesquisa de campo" relativa à dissertação de mestrado de Camila Mariana Costa Fonseca, sob orientação do Professor Abdruschin Schaeffer Rocha, no contexto do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória. A presente pesquisa tem como objetivo coletar informações a respeito das percepções dos trabalhadores umbandistas em relação aos atos de intolerância religiosa no seu ambiente de trabalho. Ressalta-se que o anonimato das respostas ao presente questionário será preservado, sem qualquer menção aos nomes ou identidade dos participantes. Desde já agradecemos sua compreensão e a participação neste trabalho. É de suma importância, então, que você nos ajude respondendo com sinceridade as questões propostas. Obrigada!

* Required

1. Email *

2. Termo de ciência. *

Check all that apply.

Estou ciente de que as informações serão utilizadas e divulgadas como dados de pesquisa, sem a utilização dos nomes dos respectivos respondentes.

3. Sexo: *

Mark only one oval.

- Masculino
 Feminino
 Prefiro não responder

4. Idade *

Mark only one oval.

- até 17 anos
- 18 a 22 anos
- 23 a 27 anos
- 28 a 32 anos
- 33 a 37 anos
- 38 a 42 anos
- 43 a 47 anos
- 48 a 52 anos
- acima de 52 anos

5. Como você classifica sua cor: *

Mark only one oval.

- Preto
- Pardo
- Amarelo
- Branco
- Indígena
- Prefiro não responder

6. Qual a sua Religião *

Mark only one oval.

- Umbanda
- Sem religião
- Prefiro não responder
- Other: _____

7. Qual foi o curso mais elevado que você já concluiu? *

Mark only one oval.

- Nunca estudei/nunca fui à escola
- Ensino Fundamental
- Ensino Médio
- Ensino Superior
- Especialização
- Mestrado
- Doutorado
- Prefiro não responder
- Other: _____

8. Você está inserido no mercado de trabalho? *

Mark only one oval.

- Sim
- Não
- Prefiro não responder

9. Se sim, qual é o seu cargo/função.

Skip to question 10

**A RELIGIÃO
UMBANDA**

**1º OBJETIVO: VERIFICAR A PERCEPÇÃO DOS ENTREVISTADOS
SOBRE A UMBANDA**

10. Em sua opinião, a Umbanda é: *

Mark only one oval.

- Uma religião de matriz africana
- Uma religião brasileira
- Não é considerada uma religião
- Other: _____

11. Comente a resposta acima:

12. Em sua opinião, como podem ser definidas as religiões de matrizes africanas? *

Mark only one oval.

- São religiões praticadas na África
- São religiões fortemente influenciadas pelas religiões africanas
- São religiões demoníacas, portanto, não aceitáveis do ponto-de-vista da verdade
- São religiões desenvolvidas no Brasil, mas que preservaram significativamente suas origens afro
- Prefiro não responder

13. Na sua opinião, a maior parte dos frequentadores da Umbanda são de etnia: *

Mark only one oval.

- Preto
- Pardo
- Amarelo
- Branco
- Indígena
- Prefiro não responder

**INTOLERÂNCIA
RELIGIOSA****2º OBJETIVO: VERIFICAR A PERCEPÇÃO DOS ENTREVISTADOS SOBRE
INTOLERÂNCIA RELIGIOSA**

14. Na sua opinião, a rejeição e apologia contra qualquer religião de matriz africana é uma forma de racismo. *

Mark only one oval.

- Acredito muitíssimo nisso
- Acredito muito nisso
- Acredito mais ou menos nisso
- Acredito muito pouco nisso
- Não acredito absolutamente nisso.
- Prefiro não responder

15. Você já sofreu algum tipo de preconceito devido a sua religião? *

Mark only one oval.

- Sim
- Não
- Prefiro não responder

16. Se sim, este preconceito veio de pessoas de qual ciclo social?

Mark only one oval.

- Trabalho
- Família
- Amigos
- Pessoas desconhecidas
- Prefiro não responder
- Não se aplica

17. Quando sofreu o preconceito você estava caracterizado como adepto da sua religião?

Mark only one oval.

- Sim
- Não
- Prefiro não responder
- Não se aplica

18. Comente como aconteceu o ato do preconceito.

19. O que você entende por intolerância religiosa? *

Mark only one oval.

- É um crime de ódio que fere a liberdade e a dignidade humana.
- A intolerância religiosa é o desrespeito ao direito das pessoas de manterem as suas crenças religiosas
- Intolerância religiosa é um termo que descreve a atitude mental caracterizada pela falta de habilidade ou vontade em reconhecer e respeitar práticas e crenças religiosas de terceiros, ou a sua ausência.
- Intolerância religiosa é uma forma de violência, física ou simbólica, que tem por objetivo a negação e a supressão de uma religião em detrimento de outra.
- Prefiro não responder.
- Other: _____

20. Para você quais são os principais motivos para que ocorram atos de intolerância religiosa? *

Mark only one oval.

- Preconceito Racial.
- Desconhecimento sobre a crença do outro.
- Ausência de liberdade de religião e pluralismo religioso.
- Fanatismo religioso.
- Prefiro não responder
- Other: _____

21. Você tem conhecimento de algum ato de violência sofrido por algum terreiro de Umbanda? *

Mark only one oval.

- Sim
- Não
- Prefiro não responder

22. Se sim, descreva este ato.

23. Você considera que existe alguma relação entre o preconceito étnico racial (racismo) e a intolerância religiosa? *

Mark only one oval.

- Sim
- Não
- Prefiro não responder

24. Se sim, descreva essa relação.

**MERCADO DE TRABALHO
E INTOLERÂNCIA
RELIGIOSA**

**3º OBJETIVO: VERIFICAR COMO SE DÁ OS ATOS DE
INTOLERÂNCIA RELIGIOSA NO MERCADO DE TRABALHO**

25. Quando participa de um processo seletivo, ao ser questionado sobre sua religião, você: *

Mark only one oval.

- Responde naturalmente qual é
- Omite sua religião
- Prefere não responder e muda de assunto
- Afirma ter outra religião por medo do preconceito
- Nunca passei por isso
- Other: _____

26. A religião não interfere na inserção do trabalhador no mercado de trabalho. *

Mark only one oval.

- Acredito muitíssimo nisso
- Acredito muito nisso
- Acredito mais ou menos nisso
- Acredito muito pouco nisso
- Não acredito absolutamente nisso.
- Prefiro não responder

27. As pessoas do meu ambiente de trabalho sabem qual a minha religião. *

Mark only one oval.

- Sim, minha religião é algo que declaro para todos
- Sim, apenas meus colegas mais próximos sabem da minha religião
- Sim, apenas meu superiores sabem da minha religião
- Não, prefiro não falar sobre religião no ambiente de trabalho
- Prefiro não responder

28. Caso você omita sua religião, como você se sente em relação a esse silêncio?

Mark only one oval.

- Tenho vontade de mudar de religião, pois me sinto desrespeitado
- Sinto desrespeitado, mas isso não abala minha fé
- Isso é indiferente para mim
- Prefiro não responder
- Other: _____

29. Você já vivenciou algum tipo de intolerância no ambiente de trabalho. *

Mark only one oval.

- Sim
- Não
- Prefiro não responder

30. Se sim, o ato de intolerância foi sofrido por:

Mark only one oval.

- Mim
- Um colega próximo
- Um colega que tenho pouco contato
- Um superior
- Prefiro não responder
- Other: _____

31. Se sim, o ato de intolerância foi praticado por:

Mark only one oval.

- Um colega próximo
- Um colega que tenho pouco contato
- Um superior
- Prefiro não responder
- Other: _____

32. Em qual localidade você estava quando vivenciou a intolerância religiosa no ambiente de trabalho?

Mark only one oval.

- Belo Horizonte
- Região Metropolitana de Belo Horizonte
- Other: _____

33. Se você estava em Belo Horizonte especifique a regional

Mark only one oval.

- Barreiro
- Centro
- Leste
- Nordeste
- Noroeste
- Norte
- Oeste
- Pampulha
- Sul
- Venda Nova
- Other: _____

This content is neither created nor endorsed by Google.

Google Forms

APÊNDICE B

Umbandista 1

6/16/2022 11:31:41

Masculino

48 a 52 anos

Branco

Umbanda

Ensino Superior

Sim

Gerente comercial

Uma religião brasileira

Prefiro não responder

São religiões desenvolvidas no Brasil, mas que preservaram significativamente suas origens afro

Preto

Acredito muito nisso

Sim

Pessoas desconhecidas

Não

Tenho sofrido preconceito na locação de imóvel para o terreiro, já tive mais de 15 locais negados

Intolerância religiosa é uma forma de violência, física ou simbólica, que tem por objetivo a negação e a supressão de uma religião em detrimento de outra.

Desconhecimento sobre a crença do outro.

Sim

Prefiro não responder

Sim

Prefiro não responder

Não acredito absolutamente nisso.

Sim, minha religião é algo que declaro para todos

Não

Não se aplica

Não se aplica

Responde naturalmente qual é

Não se aplica

Não se aplica

Sinto desrespeitado, mas isso não abala minha fé

Umbandista 2

6/16/2022 11:35:39

Feminino

acima de 52 anos

Preto

Umbanda

Ensino Superior

Sim

Analista recursos humanos

Uma religião brasileira

Única religião brasileira

São religiões fortemente influenciadas pelas religiões africanas

Preto

Acredito muitíssimo nisso

Sim

Trabalho

Não

Trabalhava instituição evangélica e como não quis participar dos cultos deram um jeitinho de me demitir

Intolerância religiosa é uma forma de violência, física ou simbólica, que tem por objetivo a negação e a supressão de uma religião em detrimento de outra.

Desconhecimento sobre a crença do outro.

Não

Não se aplica
 Sim
 O preconceito é generalizado e a ligação da nossa origem faz a diferença
 Acredito muitíssimo nisso
 Sim, minha religião é algo que declaro para todos
 Sim
 Mim
 Um colega que tenho pouco contato
 Responde naturalmente qual é
 Belo Horizonte
 Não sei qual a regional
 Sinto desrespeitado, mas isso não abala minha fé

Umbandista 3

6/16/2022 11:37:47
 Feminino
 23 a 27 anos
 Branco
 Umbanda
 Especialização
 Sim
 Biomédica
 Uma religião brasileira
 Prefiro não responder
 São religiões desenvolvidas no Brasil, mas que preservaram significativamente suas origens afro
 Preto
 Acredito muitíssimo nisso
 Sim
 Amigos
 Não
 Não se aplica
 A intolerância religiosa é o desrespeito ao direito das pessoas de manterem as suas crenças religiosas
 Desconhecimento sobre a crença do outro.
 Não
 Terreiro teve suas imagens quebradas por praticamente da igreja evangélica.
 Não
 Prefiro não responder
 Acredito muito pouco nisso
 Sim, apenas meus colegas mais próximos sabem da minha religião
 Não
 Não se aplica
 Não se aplica
 Afirma ter outra religião por medo do preconceito
 Não se aplica
 Não se aplica
 Sinto desrespeitado, mas isso não abala minha fé

Umbandista 4

6/16/2022 11:41:08
 Masculino
 38 a 42 anos
 Branco
 Umbanda
 Doutorado
 Sim
 Professor
 Uma religião brasileira
 A umbanda no Brasil tem registro de seu início em 1908, em Niterói RJ.
 São religiões fortemente influenciadas pelas religiões africanas
 Prefiro não responder

Acredito mais ou menos nisso

Sim

Trabalho

Não

Comentários ignorantes contrários à prática e à doutrina

Intolerância religiosa é uma forma de violência, física ou simbólica, que tem por objetivo a negação e a supressão de uma religião em detrimento de outra.

Desconhecimento sobre a crença do outro.

Sim

É recorrente notícias de vandalismo, depredação e agressão a umbandistas e seus templos.

Prefiro não responder

Prefiro não responder

Acredito muito pouco nisso

Não, prefiro não falar sobre religião no ambiente de trabalho

Sim

Comentários desrespeitosos sobre religiões diversas, sejam outras linhas espíritas ou mesmo outras práticas não espíritas são comuns. Ignorância e desrespeito.

Prefiro não responder

Nunca passei por isso

Belo Horizonte

Oeste

Isso é indiferente para mim

Umbandista 5

6/16/2022 11:45:55

Feminino

38 a 42 anos

Preto

Umbanda

Especialização

Sim

Professora pib

Uma religião brasileira

Uma Religiao criada no Brasil de origem africana.

São religiões desenvolvidas no Brasil, mas que preservaram significativamente suas origens afro

Preto

Acredito muitíssimo nisso

Sim

Família

Sim

Fiquei recolhida para obrigação de santo e quando voltei, e tinha preceitos a cumprir era ridiculizada. Alvo de conversinhas

Intolerância religiosa é um termo que descreve a atitude mental caracterizada pela falta de habilidade ou vontade em reconhecer e respeitar práticas e crenças religiosas de terceiros, ou a sua ausência.

Desconhecimento sobre a crença do outro.

Sim

Aqui eles são apedrejados, impedidos de tocar por causa dos atabaques

Sim

Um esta ligado ao outro. Por a religião de matriz africana ser praticada por sua grande maioria por negros

Não acredito absolutamente nisso.

Sim, minha religião é algo que declaro para todos

Sim

Um colega próximo

Um colega que tenho pouco contato

Responde naturalmente qual é

Montes Claros MG

Não se aplica

Prefiro não responder

Umbandista 6



6/16/2022 11:47:59

Feminino

23 a 27 anos

Pardo

Umbanda

Ensino Médio

Sim

Esteticista autônomo

Uma religião brasileira

Prefiro não responder

São religiões desenvolvidas no Brasil, mas que preservaram significativamente suas origens afro

Preto

Acredito muitíssimo nisso

Sim

Trabalho

Sim

Não se aplica

Intolerância religiosa é uma forma de violência, física ou simbólica, que tem por objetivo a negação e a supressão de uma religião em detrimento de outra.

Fanatismo religioso.

Sim

Prefiro não responder

Sim

Prefiro não responder

Acredito muito pouco nisso

Sim, minha religião é algo que declaro para todos

Sim

Um colega que tenho pouco contato

Um colega próximo

Responde naturalmente qual é

Belo Horizonte

Oeste

Sinto desrespeitado, mas isso não abala minha fé

Umbandista 7

6/16/2022 11:50:05

Feminino

33 a 37 anos

Preto

Umbanda

Ensino Médio

Sim

Vendedora

Uma religião brasileira

Somos de uma religião Brasileira pelo menos a que eu sigo pois hoje vai se criando denominações e escapa um pouco da real raiz.

São religiões desenvolvidas no Brasil, mas que preservaram significativamente suas origens afro

Preto

Acredito muitíssimo nisso

Sim

Trabalho

Não

Ao saber a pessoa não comia nada que eu levasse,era sempre desconfiada.

Intolerância religiosa é uma forma de violência, física ou simbólica, que tem por objetivo a negação e a supressão de uma religião em detrimento de outra.

Desconhecimento sobre a crença do outro.

Sim

Hoje não se passa uma semana sem reportagem sobre,terreiros atacados,queimado. E nossa realidade o ataque aos nossos terreiros.

Sim

Ligam a cor a religião, como se fosse uma agravante e a confirmação de que não é bom. Isso é coisa de preto (como se o branco não pudesse participar)

Não acredito absolutamente nisso.

Sim, apenas meus colegas mais próximos sabem da minha religião

Sim

Mim

Um colega que tenho pouco contato

Sinto na conversa se posso falar se não sinto segurança falo que sou católica e isso me dói mas é uma "defesa" já sou preta tenho que me esforçar 3x mais que as outras e falar de religião é complicado dirá quando você sente que o entrevistador é evangélico.

Belo Horizonte

Centro

Me sinto acuada, judas mas respiro e logo penso que preciso trabalhar e Deus vai entender.

Umbandista 8

6/16/2022 11:56:10

Feminino

38 a 42 anos

Preto

Umbanda

Ensino Superior

Sim

Recepção

Uma religião brasileira

Religião Brasil com origem em África

São religiões desenvolvidas no Brasil, mas que preservaram significativamente suas origens afro

Pardo

Acredito muitíssimo nisso

Sim

Pessoas desconhecidas

Sim

Pessoas não sabem

A intolerância religiosa é o desrespeito ao direito das pessoas de manterem as suas crenças religiosas

Ausência de liberdade de religião e pluralismo religioso.

Sim

O meu terreiro sofreu agressão de um vizinho

Sim

Sim os negros são a maioria

Não acredito absolutamente nisso.

Sim, minha religião é algo que declaro para todos

Não

Não se aplica

Não se aplica

Responde naturalmente qual é

Não se aplica

Não se aplica

Prefiro não responder

Umbandista 9

6/16/2022 11:59:52

Masculino

43 a 47 anos

Branco

Umbanda

Especialização

Sim

Coordenador de TI

Uma religião brasileira

Fundada no Brasil por Zelio de Moraes em 1908

São religiões fortemente influenciadas pelas religiões africanas

Pardo

Acredito muitíssimo nisso

Sim

Trabalho

Não

Em uma reunião de trabalho mencionei a religião e nunca mais fui convocado vindo a ser demitido meses depois
Intolerância religiosa é uma forma de violência, física ou simbólica, que tem por objetivo a negação e a supressão de uma religião em detrimento de outra.

Fanatismo religioso.

Sim

Intolerância e agressão moral de ex filhos santo o que pra mim é pior ainda

Sim

Muitos pensam que os negros são inferiores

Acredito muito pouco nisso

Sim, minha religião é algo que declaro para todos

Sim

Um colega que tenho pouco contato

Um colega próximo

Responde naturalmente qual é

Belo Horizonte

Centro

Sinto desrespeitado, mas isso não abala minha fé

Umbandista 10

6/16/2022 12:07:03

Feminino

48 a 52 anos

Pardo

Umbanda

Ensino Médio

Sim

Vendedora

Uma religião de matriz africana

Respeito, preceitos, liberdade

São religiões desenvolvidas no Brasil, mas que preservaram significativamente suas origens afro

Preto

Acredito muitíssimo nisso

Sim

Família

Não

Recusou um convite para ser madrinha do meu casamento e um outro familiar disse de forma agressiva que eu dei minha filha para a religião.

Prefiro não responder.

Desconhecimento sobre a crença do outro.

Prefiro não responder

No momento uma mãe perdeu a guarda de sua filha de 24 anos.

Sim

As pessoas ligam a um andar a cor da pele.

Não acredito absolutamente nisso.

Sim, apenas meus colegas mais próximos sabem da minha religião

Sim

Um colega que tenho pouco contato

Um colega que tenho pouco contato

Afirma ter outra religião por medo do preconceito

Belo Horizonte

Venda Nova

Sinto desrespeitado, mas isso não abala minha fé

Umbandista 11

6/16/2022 12:07:38

Feminino

18 a 22 anos

Preto

Umbanda

Ensino Médio

Sim

Copywriter.

Uma religião de matriz africana

A Umbanda é uma religião Afro-brasileira trazida pelo povo Bantu (negros africanos em Diáspora) que chegaram ao Brasil no início do século 16 para serem escravos.

Nossa religião é uma religião ancestral que se cultua ancestrais da terra.

" Os ancestrais sustentam a comunidade e a comunidade se estende para os ancestrais "

Isso é exemplificado nas linhas de trabalho da Umbanda;

Os pilares da Umbanda se dá aos pretos velhos e caboclos, e isso acontece porque ambos são os ancestrais pioneiros da terra! Os indígenas e os Negros Africanos.

A prática de Umbanda é fundada através da Hospitalidade Bantu (o ato atender e socorrer a comunidade, não é algo caridoso mas sim, uma prática social desse povo).

São religiões desenvolvidas no Brasil, mas que preservaram significativamente suas origens afro

Prefiro não responder

Acredito muitíssimo nisso

Sim

Família

Não

Em casa como uma forma de piada e ridicularização da minha prática religiosa;

Na rua eu estava com uma guia de proteção de oxalá e a mulher disse que eu "judia" e precisava ir na igreja.

Nada mais é que racismo estrutural, reflexo da escravidão que se perpetua até hoje! Por isso se dizer "espírita" é muito mais aceito (porque por mais que tenha sim sofrido julgamentos) é uma religião europeia e majoritária mente branca e, se é branco é bom! Agora se dizer Umbandista e /ou Candomblecista é de preto, é ruim, faz mal porque é do demônio.

Preconceito Racial.

Sim

Terreiros são incendiados, violentados a toda hora e todo momento!

Sim

Se todo um continente foi ESCRAVIZADO durante centenas de anos, pelo simples fato de sua COR DE PELE que, por ser diferente não era considerada "humano".

Porque suas práticas e culto ao seu deus, deuses e divindades seriam aceitas?

Prefiro não responder

Sim, minha religião é algo que declaro para todos

Não

Não se aplica

Não se aplica

Responde naturalmente qual é

Não se aplica

Não se aplica

Não omito!

Umbandista 12

6/16/2022 12:13:01

Feminino

43 a 47 anos

Pardo

Umbanda

Ensino Superior

Sim

Comercial vendas

Uma religião brasileira

Nascida no Rio de Janeiro que sintetiza vários elementos das religiões africanas, indígenas e cristãs.

São religiões desenvolvidas no Brasil, mas que preservaram significativamente suas origens afro

Preto

Acredito muitíssimo nisso

Sim

Família

Não

Tanto no trabalho e na família as pessoas sabem que eu sou umbandista, sempre tem aquele receio de conversar outra vez de chegar perto acha que vou praticar algum mal.

Intolerância religiosa é um termo que descreve a atitude mental caracterizada pela falta de habilidade ou vontade em reconhecer e respeitar práticas e crenças religiosas de terceiros, ou a sua ausência.

Todos listados acima.

Sim

Na porta do meu terreiro tinha um bilhete pregado que Só Jesus salva.

Sim

Existe sim porque na sociedade brasileira ainda persiste esse tipo de intolerância e isso pode ser fruto da falta de conhecimento.

Acredito mais ou menos nisso

Sim, apenas meus colegas mais próximos sabem da minha religião

Não

Não se aplica

Não se aplica

Responde naturalmente qual é

Não se aplica

Não se aplica

Sinto desrespeitado, mas isso não abala minha fé

Umbandista 13

6/16/2022 12:15:30

Feminino

43 a 47 anos

Branco

Umbanda

Especialização

Sim

Analista de Projetos

Uma religião brasileira

A Umbanda nasceu no Brasil

São religiões desenvolvidas no Brasil, mas que preservaram significativamente suas origens afro

Pardo

Acredito muito nisso

Sim

Pessoas desconhecidas

Não

Disseram que não teriam medo de mim, pois o Deus deles é maior.

É um crime de ódio que fere a liberdade e a dignidade humana.

Fanatismo religioso.

Sim

Destruição dos templos

Prefiro não responder

Prefiro não responder

Acredito mais ou menos nisso

Sim, minha religião é algo que declaro para todos

Sim

Mim

Por Colega de religião diferente

Responde naturalmente qual é

Belo Horizonte

Oeste

Prefiro não responder

Umbandista 14

6/16/2022 12:16:38

Feminino



acima de 52 anos
 Branco
 Umbanda
 Ensino Médio
 Não
 Aposentada
 Uma religião brasileira
 De matriz africana
 São religiões desenvolvidas no Brasil, mas que preservaram significativamente suas origens afro
 Branco
 Acredito mais ou menos nisso
 Sim
 Família
 Não
 Falta de conhecimento
 Intolerância religiosa é um termo que descreve a atitude mental caracterizada pela falta de habilidade ou vontade em reconhecer e respeitar práticas e crenças religiosas de terceiros, ou a sua ausência.
 Desconhecimento sobre a crença do outro.
 Sim
 Prefiro não responder
 Sim
 A falta de conhecimento e o racismo sempre andaram juntos. Desinformação.
 Não acredito absolutamente nisso.
 Não, prefiro não falar sobre religião no ambiente de trabalho
 Não
 Um colega próximo
 Prefiro não responder
 Nunca passei por isso
 Belo Horizonte
 Não se aplica
 Isso é indiferente para mim


 PPGPCR
 Faculdade Unida de Vitória

Umbandista 15

6/16/2022 12:34:23

Feminino
 acima de 52 anos
 Branco
 Umbanda
 Ensino Superior
 Não
 Não se aplica
 Uma religião brasileira
 Prefiro não responder
 São religiões fortemente influenciadas pelas religiões africanas
 Branco
 Acredito muitíssimo nisso
 Não
 Não se aplica
 Não se aplica
 Não se aplica
 Intolerância religiosa é uma forma de violência, física ou simbólica, que tem por objetivo a negação e a supressão de uma religião em detrimento de outra.
 Desconhecimento sobre a crença do outro.
 Sim
 Prefiro não responder
 Sim
 Prefiro não responder
 Acredito muitíssimo nisso
 Sim, apenas meus colegas mais próximos sabem da minha religião
 Não

Não se aplica
 Não se aplica
 Omite sua religião
 Não se aplica
 Não se aplica
 Sinto desprezado, mas isso não abala minha fé

Umbandista 16

6/16/2022 12:43:22

Feminino

acima de 52 anos

Pardo

Umbanda

Especialização

Sim

Diretor/ socia

Uma religião de matriz africana

Os escravidão ao serem submetidos à religião católica imposta pelos portugueses, utilizaram as mesmas imagens para garantir suas crenças de origem .

São religiões desenvolvidas no Brasil, mas que preservaram significativamente suas origens afro

Pardo

Acredito muito nisso

Sim

Trabalho

Sim

Apenas respondi que me religião definia minha forma de agir na vida

Intolerância religiosa é uma forma de violência, física ou simbólica, que tem por objetivo a negação e a supressão de uma religião em detrimento de outra.

Ausência de liberdade de religião e pluralismo religioso.

Não

Ouvi dizer mas não presenciei

Sim

A origem da umbanda está inscrita no racismo pela origem africana

Não acredito absolutamente nisso.

Sim, minha religião é algo que declaro para todos

Sim

Mim

Um colega próximo

Nunca passei por isso

Belo Horizonte

Sul

Isso é indiferente para mim

Umbandista 17

6/16/2022 12:51:09

Masculino

18 a 22 anos

Pardo

Umbanda

Ensino Médio

Sim

Gestor de redes sociais

Uma religião brasileira

Uma religião brasileira, que nasceu em 1908 por Zélio Fernandinho de Moraes, no Rio de Janeiro, Niterói.

São religiões desenvolvidas no Brasil, mas que preservaram significativamente suas origens afro

Preto

Acredito mais ou menos nisso

Sim

Pessoas desconhecidas

Sim

Comentários, olhares negativos

A intolerância religiosa é o desrespeito ao direito das pessoas de manterem as suas crenças religiosas
Desconhecimento sobre a crença do outro.

Sim

Destruição e vandalismos de desconhecidos.

Sim

Por ser uma religião na qual vem de matrizes do povo preto, existe esse preconceito ainda hoje.

Acredito muitíssimo nisso

Sim, minha religião é algo que declaro para todos

Não

Não sofri

Desconheço

Responde naturalmente qual é

Belo Horizonte

Noroeste

Sinto desrespeitado, mas isso não abala minha fé

Umbandista 18

6/16/2022 13:03:48

Feminino

acima de 52 anos

Branco

Umbanda

Ensino Médio

Sim

Representante comercial

Uma religião de matriz africana

Prefiro não responder

São religiões fortemente influenciadas pelas religiões africanas

Branco

Acredito muitíssimo nisso

Não

Não se aplica

Não se aplica

Não se aplica

A intolerância religiosa é o desrespeito ao direito das pessoas de manterem as suas crenças religiosas

Fanatismo religioso.

Não

Não se aplica

Sim

Prefiro não responder

Acredito mais ou menos nisso

Sim, minha religião é algo que declaro para todos

Não

Não se aplica

Não se aplica

Responde naturalmente qual é

Não se aplica

Não se aplica

Prefiro não responder

Umbandista 19

6/16/2022 13:30:40

Feminino

acima de 52 anos

Branco

Umbanda

Ensino Superior

Prefiro não responder

Não se aplica

Uma religião brasileira

A umbanda é a única religião brasileira. Foi criada pelos escravos, para ser praticada no Brasil. A forma inteligente que tiveram de continuar seu culto aos Orixás.

São religiões fortemente influenciadas pelas religiões africanas

Preto

Acredito muitíssimo nisso

Não

Não se aplica

Não se aplica

Não se aplica

A intolerância religiosa é o desrespeito ao direito das pessoas de manterem as suas crenças religiosas

Desconhecimento sobre a crença do outro.

Sim

Prefiro não responder

Sim

Infelizmente ,fundamentalistas de outras religiões consideram umbanda religião de "povo preto".

Acredito muito pouco nisso

Sim, minha religião é algo que declaro para todos

Não

Não se aplica

Não se aplica

Responde naturalmente qual é

Não se aplica

Não se aplica

Prefiro não responder

Umbandista 20

6/16/2022 13:38:36

Feminino

43 a 47 anos

Branco

Umbanda

Ensino Médio

Não

Não se aplica

Uma religião de matriz africana

Umbanda é caridade, paz e amor.

São religiões desenvolvidas no Brasil, mas que preservaram significativamente suas origens afro

Branco

Acredito muitíssimo nisso

Sim

Família

Sim

Não sabia que você tinha mudado de religião. Simplesmente falei que não e expliquei frequento a católica por minha mãe e por meu pai sou espírita, umbanda melhor dizendo.

É um crime de ódio que fere a liberdade e a dignidade humana.

Desconhecimento sobre a crença do outro.

Sim

Falta de respeito pelo terreiro e suas imagens. Quebrando, colocando fogo num local sagrado.

Sim

Prefiro não responder

Acredito muito nisso

Sim, apenas meus colegas mais próximos sabem da minha religião

Não

Um colega que tenho pouco contato

Um colega que tenho pouco contato

Afirma ter outra religião por medo do preconceito

Não se aplica

Leste

Sinto desrespeitado, mas isso não abala minha fé

Umbandista 21

6/16/2022 13:38:42

Feminino

33 a 37 anos

Branco

Umbanda

Ensino Médio

Sim

Administrativo

Uma religião brasileira

A umbanda é uma religião surgida nos subúrbios do Rio de Janeiro. Em 15 de novembro de 1908, Zélio Fernandino de Moraes, nascido em São Gonçalo/RJ, teria incorporado o Caboclo das Sete Encruzilhadas. Este espírito o teria ajudado a criar a religião de Umbanda.

São religiões desenvolvidas no Brasil, mas que preservaram significativamente suas origens afro

Preto

Acredito muito pouco nisso

Sim

Trabalho

Não

No trabalho, estava comentando sobre um evento que tinha tido no dia dos pretos velhos, dia 13 de Maio, e a pessoa começou a criticar, falando que era macumba, que essa religião não era de Deus, e um monte de baboseiras!

Intolerância religiosa é uma forma de violência, física ou simbólica, que tem por objetivo a negação e a supressão de uma religião em detrimento de outra.

Desconhecimento sobre a crença do outro.

Sim

Somente que já vi em reportagem! Pessoalmente não conheço nenhum!

Sim

Prefiro não responder

Prefiro não responder

Sim, minha religião é algo que declaro para todos

Sim

Mim

Um colega que tenho pouco contato

Nunca passei por isso

Região Metropolitana de Belo Horizonte

Não se aplica

Não omito.

Umbandista 22

6/16/2022 13:56:01

Feminino

48 a 52 anos

Pardo

Umbanda

Ensino Médio

Não

Não se aplica

Uma religião de matriz africana

Bom tudo começou na África a religião e com nossos ancestrais chegando no nosso país

São religiões desenvolvidas no Brasil, mas que preservaram significativamente suas origens afro

Prefiro não responder

Acredito muitíssimo nisso

Sim

Família

Sim

Por ser uma pessoa nova no meu da religião que eu não sou capaz de está na religião.

A intolerância religiosa é o desrespeito ao direito das pessoas de manterem as suas crenças religiosas

Ausência de liberdade de religião e pluralismo religioso.

Prefiro não responder
 Prefiro não responder
 Prefiro não responder
 Prefiro não responder
 Acredito muitíssimo nisso
 Prefiro não responder
 Prefiro não responder
 Não se aplica
 Prefiro não responder
 Responde naturalmente qual é
 Não se aplica
 Não se aplica
 Não estou trabalhando

Umbandista 23

6/16/2022 14:03:09

Masculino

48 a 52 anos

Pardo

Umbanda

Ensino Superior

Sim

Funcionário Público

Uma religião brasileira

Com parte da raiz africana

São religiões desenvolvidas no Brasil, mas que preservaram significativamente suas origens afro

Preto

Acredito muitíssimo nisso

Não

Não se aplica

Não se aplica

Não se aplica

A intolerância religiosa é o desrespeito ao direito das pessoas de manterem as suas crenças religiosas

Fanatismo religioso.

Sim

Queima e destruição do sagrado

Não

Prefiro não responder

Acredito muitíssimo nisso

Sim, minha religião é algo que declaro para todos

Não

Não se aplica

Um colega que tenho pouco contato

Responde naturalmente qual é

Não se aplica

Não se aplica

Prefiro não responder

Umbandista 24

6/16/2022 14:03:37

Feminino

acima de 52 anos

Branco

Umbanda

Ensino Médio

Sim

Professora p especiais

Uma religião brasileira

Prefiro não responder

São religiões desenvolvidas no Brasil, mas que preservaram significativamente suas origens afro

Branco
 Acredito mais ou menos nisso
 Sim
 Trabalho
 Não
 Me falaram q faço maldades,feitiços a sou do mal!
 A intolerância religiosa é o desrespeito ao direito das pessoas de manterem as suas crenças religiosas
 Desconhecimento sobre a crença do outro.
 Sim
 Prefiro não responder
 Não
 Prefiro não responder
 Acredito muito nisso
 Sim, minha religião é algo que declaro para todos
 Sim
 Mim
 Um colega próximo
 Responde naturalmente qual é
 Belo Horizonte
 Pampulha
 Isso é indiferente para mim

Umbandista 25

6/16/2022 14:10:07

Feminino

48 a 52 anos

Preto

Umbanda

Especialização

Não

Não se aplica

Uma religião de matriz africana

Pois todo nosso fundamento é baseado nós ensinamentos passados por nossos antepassados

São religiões fortemente influenciadas pelas religiões africanas

Preto

Acredito muitíssimo nisso

Sim

Pessoas desconhecidas

Sim

Estava de branco na sexta e os dois homens falaram está amarrado em nome de Jesus.

A intolerância religiosa é o desrespeito ao direito das pessoas de manterem as suas crenças religiosas

Preconceito Racial.

Sim

Terreiro em Bicas que foi ameaçado e acabou sofrendo ataque.

Sim

Não vemos o mesmo preconceito a religião kardecista, o nosso problema é de origem racial.

Acredito muitíssimo nisso

Sim, minha religião é algo que declaro para todos

Não

Não se aplica

Não se aplica

Responde naturalmente qual é

Não se aplica

Não se aplica

Isso é indiferente para mim

Umbandista 26

6/16/2022 14:11:17

Feminino

48 a 52 anos

Branco
 Umbanda
 Ensino Superior
 Sim
 Cuidadora de Idosos
 Uma religião de matriz africana
 Prefiro não responder
 São religiões fortemente influenciadas pelas religiões africanas
 Preto
 Acredito muitíssimo nisso
 Sim
 Amigos
 Não
 Não se aplica
 A intolerância religiosa é o desrespeito ao direito das pessoas de manterem as suas crenças religiosas
 Desconhecimento sobre a crença do outro.
 Sim
 Prefiro não responder
 Não
 Prefiro não responder
 Não acredito absolutamente nisso.
 Sim, apenas meus colegas mais próximos sabem da minha religião
 Não
 Não se aplica
 Não se aplica
 Afirma ter outra religião por medo do preconceito
 Não se aplica
 Não se aplica
 Prefiro não responder

Umbandista 27

6/16/2022 14:19:24
 Feminino
 48 a 52 anos
 Preto
 Umbanda
 Ensino Superior
 Não
 Não se aplica
 Uma religião brasileira
 Seu surgimento foi no Brasil.
 São religiões desenvolvidas no Brasil, mas que preservaram significativamente suas origens afro
 Pardo
 Acredito muito nisso
 Não
 Não se aplica
 Não se aplica
 Não se aplica
 A intolerância religiosa é o desrespeito ao direito das pessoas de manterem as suas crenças religiosas
 Desconhecimento sobre a crença do outro.
 Sim
 Quebraram e colocaram fogo nos objetos. Falta total de respeito.
 Sim
 Cor da pele.
 Acredito muito pouco nisso
 Prefiro não responder
 Prefiro não responder
 Prefiro não responder
 Prefiro não responder
 Nunca passei por isso

Não se aplica
 Não se aplica
 Sinto desrespeitado, mas isso não abala minha fé

Umbandista 28

6/16/2022 14:41:59

Masculino

acima de 52 anos

Branco

Umbanda

Especialização

Sim

Prior

Uma religião brasileira

Vinda do período de colonização, a mesma trouxe consigo reverberação da matriz africana, e com isso se enraizou na cultura brasileira e a forma de se comunicarem com os ancestrais se tornou mais e mais divulgada e frequentada, colocando seu sincretismo mais conhecido e respeitado.

São religiões desenvolvidas no Brasil, mas que preservaram significativamente suas origens afro

Preto

Não acredito absolutamente nisso.

Não

Pessoas desconhecidas

Não se aplica

Nunca tive problemas neste particular, visto que sempre sento e converso e explano para a pessoa os conceitos, com isso evito incitar distorções provenientes de interpretações errôneas. Muitas vezes a intolerância religiosa vem da inverdade imposta por algum pre-conceito determinado por pregações caluniosas, que preferem escravizar do que permitir a evolução do ser.

Intolerância religiosa é um termo que descreve a atitude mental caracterizada pela falta de habilidade ou vontade em reconhecer e respeitar práticas e crenças religiosas de terceiros, ou a sua ausência.

Fanatismo religioso.

Não

Não se aplica

Não

Prefiro não responder

Acredito muitíssimo nisso

Não, prefiro não falar sobre religião no ambiente de trabalho

Não

Prefiro não responder

Prefiro não responder

Responde naturalmente qual é

Belo Horizonte

Não se aplica

Isso é indiferente para mim

Umbandista 29

6/16/2022 15:03:44

Feminino

23 a 27 anos

Pardo

Umbanda

Ensino Médio

Sim

Microempreendedor

Uma religião de matriz africana

Prefiro não responder

São religiões praticadas na África

Pardo

Acredito muitíssimo nisso

Sim

Família

Sim
 Não se aplica
 É um crime de ódio que fere a liberdade e a dignidade humana.
 Desconhecimento sobre a crença do outro.
 Não
 Não se aplica
 Sim
 Prefiro não responder
 Não acredito absolutamente nisso.
 Não, prefiro não falar sobre religião no ambiente de trabalho
 Não
 Não se aplica
 Não se aplica
 Omite sua religião
 Não se aplica
 Não se aplica
 Sinto desrespeitado, mas isso não abala minha fé

Umbandista 30

6/16/2022 15:05:19

Masculino

28 a 32 anos

Preto

Umbanda Omolokô

Ensino Superior

Sim

Operador de telemarketing

Uma religião de matriz africana

Todas as religiões brasileiras ou não, que cultuam Orixá, tem sua matriz na África

São religiões desenvolvidas no Brasil, mas que preservaram significativamente suas origens afro

Pardo

Acredito muitíssimo nisso

Sim

Família

Não

Não se aplica

É um crime de ódio que fere a liberdade e a dignidade humana.

Fanatismo religioso.

Sim

Prefiro não responder

Sim

Prefiro não responder

Não acredito absolutamente nisso.

Sim, apenas meus colegas mais próximos sabem da minha religião

Não

Não se aplica

Não se aplica

Responde naturalmente qual é

Não se aplica

Não se aplica

Sinto desrespeitado, mas isso não abala minha fé

Umbandista 31

6/16/2022 15:15:18

Feminino

38 a 42 anos

Pardo

Umbanda

Ensino Superior

Sim

Auxiliar administrativo
 Uma religião brasileira
 Identificação, fé
 São religiões desenvolvidas no Brasil, mas que preservaram significativamente suas origens afro
 Preto
 Acredito mais ou menos nisso
 Sim
 Trabalho
 Não
 Foi dito que umbanda e do mal
 A intolerância religiosa é o desrespeito ao direito das pessoas de manterem as suas crenças religiosas
 Desconhecimento sobre a crença do outro.
 Sim
 Prefiro não responder
 Sim
 Diz que umbanda e somente para negros
 Acredito mais ou menos nisso
 Sim, apenas meus colegas mais próximos sabem da minha religião
 Sim
 Um colega próximo
 Um colega próximo
 Responde naturalmente qual é
 Belo Horizonte
 Contagem
 Isso é indiferente para mim

Umbandista 32

6/16/2022 15:25:43

Masculino

38 a 42 anos

Pardo

Umbanda

Ensino Superior

Sim

Chef de Cozinha

Uma religião de matriz africana

Prefiro não responder

São religiões desenvolvidas no Brasil, mas que preservaram significativamente suas origens afro

Prefiro não responder

Acredito mais ou menos nisso

Sim

Amigos

Não

Não se aplica

Intolerância religiosa é uma forma de violência, física ou simbólica, que tem por objetivo a negação e a supressão de uma religião em detrimento de outra.

Desconhecimento sobre a crença do outro.

Não

Não se aplica

Não

Prefiro não responder

Acredito mais ou menos nisso

Sim, minha religião é algo que declaro para todos

Sim

Um colega próximo

Prefiro não responder

Responde naturalmente qual é

Região Metropolitana de Belo Horizonte

Não se aplica

Prefiro não responder

Umbandista 33

6/16/2022 15:30:39

Masculino

48 a 52 anos

Branco

Umbanda

Doutorado

Sim

Professor

Brasileira e de matriz africana

Surgiu no Brasil mas com herança africana.

São religiões desenvolvidas no Brasil, mas que preservaram significativamente suas origens afro

Prefiro não responder

Acredito muitíssimo nisso

Sim

Família

Não

São atos sutis em que a pessoa preconceituosa fala indiretamente mas não verbaliza claramente para evitar revide.

Intolerância religiosa é uma forma de violência, física ou simbólica, que tem por objetivo a negação e a supressão de uma religião em detrimento de outra.

Preconceito racial e fanatismo .

Sim

Existem inúmeras reportagens que mostram isto.

Sim

Os preconceituosos associam o negro ao mau/mal e ao demônio.

Acredito mais ou menos nisso

Não, prefiro não falar sobre religião no ambiente de trabalho

Não

Não se aplica

Não se aplica

Nunca passei por isso

Não se aplica

Não se aplica

Aprendi e descobri que saber a religião do outro não me diz respeito e espero que façam o mesmo comigo.

Umbandista 34

6/16/2022 15:42:05

Feminino

acima de 52 anos

Pardo

Umbanda

Ensino Superior

Sim

Professor de educação infantil/séries iniciais.

Uma religião de matriz africana

Eu li em alguns livros.

São religiões desenvolvidas no Brasil, mas que preservaram significativamente suas origens afro

Pardo

Acredito mais ou menos nisso

Sim

Família

Não

Não se aplica

Intolerância religiosa é uma forma de violência, física ou simbólica, que tem por objetivo a negação e a supressão de uma religião em detrimento de outra.

Fanatismo religioso.

Sim

A mídia passa direto na tv, atos de vandalismo que acontecem em terreiros de umbanda .

Sim

As pessoas associam a cor da pessoa a religião, preto ou pardo e pobre, vestido com roupa branca, só pode ser macumbeiro.

Acredito muito pouco nisso

Sim, apenas meus colegas mais próximos sabem da minha religião

Não

Prefiro não responder

Prefiro não responder

Prefere não responder e muda de assunto

Não se aplica

Não se aplica

Isso é indiferente para mim

Umbandista 35

6/16/2022 15:44:17

Masculino

acima de 52 anos

Preto

Umbanda

Ensino Médio

Não

Não se aplica

Uma religião brasileira

Uma religião que louva os espíritos, uma religião cristica

São religiões desenvolvidas no Brasil, mas que preservaram significativamente suas origens afro

Preto

Acredito muitíssimo nisso

Sim

Amigos

Sim

Falei sobre um ato no terreiro e ele comentou que era bobagem

Intolerância religiosa é um termo que descreve a atitude mental caracterizada pela falta de habilidade ou vontade em reconhecer e respeitar práticas e crenças religiosas de terceiros, ou a sua ausência.

Desconhecimento sobre a crença do outro.

Sim

Vi pela televisão que atearam fogo em uns terreiros em São Paulo

Sim

Para a grande parte da população so os negros são macumbeiros

Acredito muito nisso

Sim, minha religião é algo que declaro para todos

Não

Não entendi

Um colega próximo

Responde naturalmente qual é

Belo Horizonte

Sul

Prefiro não responder

Umbandista 36

6/16/2022 15:50:56

Feminino

48 a 52 anos

Preto

Umbanda

Ensino Superior

Sim

Auxiliar de Serviços Gerais

Uma religião de matriz africana

Devido ser uma religião onde tem fundamentos , e faz caridade prática de bem sem olhar a quem.

São religiões fortemente influenciadas pelas religiões africanas

Preto
 Acredito muitíssimo nisso
 Sim
 Família
 Sim
 Minha irmã por ser Pastora Evangélica não gostava de frequentar minha casa.
 A intolerância religiosa é o desrespeito ao direito das pessoas de manterem as suas crenças religiosas
 Desconhecimento sobre a crença do outro.
 Sim
 Em um curso no CENARAB sobre direitos e deveres de terreiros tive conhecimento de vários tipos de intolerância religiosa, em um dos Terreiros dos participantes contaram até de invasão sem permissão na casa devido barulhos dos atabaque.
 Sim
 Devido muitos terreiros ser dirigidos por pais e mães negras.
 Acredito mais ou menos nisso
 Sim, minha religião é algo que declaro para todos
 Sim
 Já sofri intolerância em outra empresa que trabalhei
 Um colega próximo
 Prefere não responder e muda de assunto
 Belo Horizonte
 Norte
 Neste local onde trabalho me sinto bem, pois existem muitas pessoas do axé, então me sinto respeitada de acordo com minha religião.

Umbandista 37

6/16/2022 16:16:42

Feminino

33 a 37 anos

Preto

Umbanda

Técnico

Sim

Técnico de enfermagem

Uma religião de matriz africana

Origem maravilhosa

São religiões praticadas na África

Pardo

Acredito muito nisso

Sim

Trabalho

Não

Todas as vezes que são dito que macumba é coisa do demônio, sinto intolerância

A intolerância religiosa é o desrespeito ao direito das pessoas de manterem as suas crenças religiosas

Desconhecimento sobre a crença do outro.

Sim

Vários quebrando o terreiro

Sim

Prefiro não responder

Acredito muito nisso

Sim, apenas meus colegas mais próximos sabem da minha religião

Sim

Um colega que tenho pouco contato

Um colega que tenho pouco contato

Infelizmente depende do lugar

Belo Horizonte

Noroeste

Sinto desrespeitado, mas isso não abala minha fé

Umbandista 38

6/16/2022 16:50:17

Masculino

28 a 32 anos

Preto

Umbanda

Ensino Fundamental

Sim

Barbeiro

Uma religião de matriz africana

Veio trazida pelos negros como uma forma de se conectar os ancestrais né que são os espíritos para poder aliviar a sua dor e conte os seus pensamentos

São religiões desenvolvidas no Brasil, mas que preservaram significativamente suas origens afro

Preto

Acredito muitíssimo nisso

Sim

Amigos

Não

Estava na barbearia para cortar meu cabelo e o barbeiro com os meus outros conhecidos que eu chamava de amigo me chamaram de macumbeiro ficaram rindo

A intolerância religiosa é o desrespeito ao direito das pessoas de manterem as suas crenças religiosas

Fanatismo religioso.

Não

Não se aplica

Não

Prefiro não responder

Acredito muitíssimo nisso

Sim, apenas meus colegas mais próximos sabem da minha religião

Não

Prefiro não responder

Prefiro não responder

Responde naturalmente qual é

Belo Horizonte

Venda Nova

Sinto desrespeitado, mas isso não abala minha fé

Umbandista 39

6/16/2022 17:03:25

Feminino

18 a 22 anos

Pardo

Umbanda

Ensino Médio

Sim

Atendente

Uma religião de matriz africana

Prefiro não responder

São religiões fortemente influenciadas pelas religiões africanas

Preto

Acredito muitíssimo nisso

Sim

Trabalho

Sim

Quando entrei na empresa,a gerente não perguntou minha religião.

Em uma conversa no intervalo do serviço,a gerente conversando sobre religião, percebendo que não discutia a respeito,me perguntou porque não entrava na conversa? E qual minha religião?

Simplesmente respondi que sou umbandista.

Me apontou como macumbeira,feiticeira,que minha religião me torna uma pessoa hipócrita, não poderia fazer uma faculdade ,que isso me destruiria!

A intolerância religiosa é o desrespeito ao direito das pessoas de manterem as suas crenças religiosas

Desconhecimento sobre a crença do outro.

Não
 Não se aplica
 Sim
 Sim, como a umbanda foi e é uma religião da africana, e se o ser humano tem uma cor escura e conhecido como preto ou escravo
 Não acredito absolutamente nisso.
 Sim, minha religião é algo que declaro para todos
 Sim
 Mim
 Um superior
 Responde naturalmente qual é
 Belo Horizonte
 Pampulha
 Sinto desrespeitado, mas isso não abala minha fé

Umbandista 40

6/16/2022 17:09:24
 Feminino
 23 a 27 anos
 Preto
 Umbanda
 Ensino Superior
 Sim
 Professora de Educação Infantil
 Uma religião de matriz africana
 Prefiro não responder
 São religiões desenvolvidas no Brasil, mas que preservaram significativamente suas origens afro
 Preto
 Acredito muitíssimo nisso
 Sim
 Amigos
 Não
 Pessoas dizendo que religiões desse tipo só tem magia negra, feitiços e faz ruindade.
 A intolerância religiosa é o desrespeito ao direito das pessoas de manterem as suas crenças religiosas
 Desconhecimento sobre a crença do outro.
 Sim
 Terreiros que foram incendiados, imagens destruídas.
 Sim
 Prefiro não responder
 Não acredito absolutamente nisso.
 Sim, minha religião é algo que declaro para todos
 Sim
 Mim
 Um colega que tenho pouco contato
 Responde naturalmente qual é
 Belo Horizonte
 Noroeste
 Isso é indiferente para mim

Umbandista 41

6/16/2022 17:42:23
 Feminino
 38 a 42 anos
 Preto
 Umbanda
 Ensino Superior
 Sim
 Administrativa
 Uma religião brasileira
 Prefiro não responder

São religiões desenvolvidas no Brasil, mas que preservaram significativamente suas origens afro
 Preto
 Acredito muitíssimo nisso
 Sim
 Trabalho
 Não
 Não se aplica
 A intolerância religiosa é o desrespeito ao direito das pessoas de manterem as suas crenças religiosas
 Desconhecimento sobre a crença do outro.
 Sim
 Prefiro não responder
 Sim
 Prefiro não responder
 Não acredito absolutamente nisso.
 Não, prefiro não falar sobre religião no ambiente de trabalho
 Sim
 Um colega próximo
 Um colega próximo
 Omite sua religião
 Belo Horizonte
 Venda Nova
 Sinto desrespeitado, mas isso não abala minha fé

Umbandista 42

6/16/2022 17:50:02

Feminino

acima de 52 anos

Preto

Umbanda

Ensino Superior

Sim

Gestora Ambiental

Uma religião de matriz africana

Prefiro não responder

São religiões fortemente influenciadas pelas religiões africanas

Preto

Acredito muitíssimo nisso

Sim

Trabalho

Sim

São várias atitudes no gesto

É um crime de ódio que fere a liberdade e a dignidade humana.

Ausência de liberdade de religião e pluralismo religioso.

Sim

Quando ocorre uma sessão os vizinhos chamam a polícia

Sim

Somos Povos de Matriz Africana então cultuamosnossa fé merecemos respeito

Acredito muitíssimo nisso

Sim, minha religião é algo que declaro para todos

Sim

Mim

Um colega próximo

Responde naturalmente qual é

Belo Horizonte

Barreiro

Prefiro não responder

Umbandista 43

6/16/2022 19:16:24

Feminino

43 a 47 anos

Branco

Umbanda

Especialização

Sim

Sou professora concursada do Estado de Minas Gerais

Uma religião brasileira

ORIGINOU-SE NO BRASIL EM 1908 E COM 3 FUNDAMENTOS: LUZ, CARIDADE E AMOR. E CREMOS EM DEUS, JESUS E NA ESPIRITUALIDADE.

São religiões desenvolvidas no Brasil, mas que preservaram significativamente suas origens afro

Prefiro não responder

Acredito muitíssimo nisso

Sim

Amigos

Não

CRITICANDO MINHA ESCOLHA; TENTANDO ME PERSUADIR A MUDAR, DIZENDO ESTAR REALIZANDO RITUAIS DEMONÍACOS; ME IGNORANDO E ALGUNS ATÉ EXCLUINDO.

Intolerância religiosa é uma forma de violência, física ou simbólica, que tem por objetivo a negação e a supressão de uma religião em detrimento de outra.

MARCARIA TODAS AS OPÇÕES ACIMA.

Sim

TERREIRO DE UMBANDA QUE É ATACADO NA REGIÃO METROPOLITANA VÁRIAS VEZES.

Sim

OS ATAQUES NÃO FORAM ROUBOS, MAS DESRESPEITO AS IMAGENS CONTIDAS NO TERREIRO, VANDALISMO, OPRESSÃO, VIOLÊNCIA.

Acredito muito nisso

Sim, apenas meus colegas mais próximos sabem da minha religião

Não

Não se aplica

Não se aplica

Nunca passei por isso

Não se aplica

Não se aplica

Prefiro não responder

Umbandista 44

6/16/2022 20:56:34

Feminino

43 a 47 anos

Prefiro não responder

Umbanda

Ensino Superior

Não

Não se aplica

Uma religião de matriz africana

Prefiro não responder

São religiões desenvolvidas no Brasil, mas que preservaram significativamente suas origens afro

Prefiro não responder

Acredito muitíssimo nisso

Sim

Pessoas desconhecidas

Não

Numa entrevista me perguntam minha religião. Ao responder umbanda, não conseguiram esconder que tem preconceito por não saber o que se trata. Ou até mesmo, por carregarem pré conceitos impostos pela sociedade.

É um crime de ódio que fere a liberdade e a dignidade humana.

Desconhecimento sobre a crença do outro.

Sim

Pessoas que quebram os terreiros, por acharem que, nestes locais, são praticado atos que têm alguma ligação com o demônio que eles mesmos criaram.

Prefiro não responder

Prefiro não responder
 Não acredito absolutamente nisso.
 Sim, minha religião é algo que declaro para todos
 Sim
 Um colega próximo
 Um colega próximo
 Responde naturalmente qual é
 Belo Horizonte
 Pampulha
 Sinto desrespeitado, mas isso não abala minha fé

Umbandista 45

6/16/2022 21:50:00

Masculino

43 a 47 anos

Branco

Umbanda

Ensino Fundamental

Sim

Mecânico automotivo nível 3

Uma religião de matriz africana

Umbanda com fundamento omoloco

São religiões desenvolvidas no Brasil, mas que preservaram significativamente suas origens afro

Pardo

Não acredito absolutamente nisso.

Não

Não se aplica

Não se aplica

Não vejo como racismo vejo como medo desconfiança pois até quem dis não concorda r já pelo menos uma vez passou pela cabeça pedir ajuda a nossos guias

Intolerância religiosa é um termo que descreve a atitude mental caracterizada pela falta de habilidade ou vontade em reconhecer e respeitar práticas e crenças religiosas de terceiros, ou a sua ausência.

Desconhecimento sobre a crença do outro.

Sim

Foi em uma padaria que mau tratou um cliente por estar usando o branco

Não

Prefiro não responder

Não acredito absolutamente nisso.

Sim, apenas meus colegas mais próximos sabem da minha religião

Não

Não se aplica

Não se aplica

Nunca passei por isso

Não se aplica

Não se aplica

Isso é indiferente para mim

Umbandista 46

6/16/2022 21:58:00

Feminino

acima de 52 anos

Branco

Umbanda

Ensino Superior

Sim

ACS Agente comunitário

Uma religião de matriz africana

A umbanda veio com os escravos.

São religiões desenvolvidas no Brasil, mas que preservaram significativamente suas origens afro

Prefiro não responder

Acredito muitíssimo nisso

Não

Não se aplica

Não se aplica

Não se aplica

A intolerância religiosa é o desrespeito ao direito das pessoas de manterem as suas crenças religiosas

Preconceito Racial.

Não

Não se aplica

Sim

Prefiro não responder

Não acredito absolutamente nisso.

Sim, minha religião é algo que declaro para todos

Não

Não se aplica

Não se aplica

Responde naturalmente qual é

Não se aplica

Não se aplica

Prefiro não responder

Umbandista 47

6/16/2022 22:10:49

Feminino

38 a 42 anos

Pardo

Umbanda

Ensino Superior

Sim

Professora

Uma religião de matriz africana

Porque teve origem na África

São religiões desenvolvidas no Brasil, mas que preservaram significativamente suas origens afro

Prefiro não responder

Acredito muito nisso

Sim

Amigos

Não

Comprando artigos religioso

A intolerância religiosa é o desrespeito ao direito das pessoas de manterem as suas crenças religiosas

Desconhecimento sobre a crença do outro.

Sim

Muitos casos na Internet

Sim

Acham que é religião de negro

Acredito muito nisso

Não, prefiro não falar sobre religião no ambiente de trabalho

Não

Prefiro não responder

Prefiro não responder

Prefere nao responder e muda de assunto

Não se aplica

Não se aplica

Sinto desrespeitado, mas isso não abala minha fé

Umbandista 48

6/17/2022 3:51:02

Masculino

33 a 37 anos

Pardo

Umbanda
 Ensino Médio
 Sim
 Motorista rodoviário
 Uma religião de matriz africana
 E uma religião africana praticada pelos nossos ancestrais africanos senhores escravos .
 São religiões desenvolvidas no Brasil, mas que preservaram significativamente suas origens afro
 Pardo
 Não acredito absolutamente nisso.
 Sim
 Pessoas desconhecidas
 Não
 O preconceito foi devido a postagens pessoas cê afastaram pelo fato de eu ser hunbandista falam q e macumbeiro.
 É um crime de ódio que fere a liberdade e a dignidade humana.
 Desconhecimento sobre a crença do outro.
 Não
 Não se aplica
 Não
 Prefiro não responder
 Acredito mais ou menos nisso
 Sim, minha religião é algo que declaro para todos
 Não
 Não se aplica
 Não se aplica
 Responde naturalmente qual é
 Não se aplica
 Não se aplica
 Isso é indiferente para mim

Umbandista 49

6/17/2022 8:18:26

Masculino

acima de 52 anos

Branco

Umbanda

Ensino Médio

Sim

Comercial

Uma religião brasileira

União de raças no Brasil

São religiões desenvolvidas no Brasil, mas que preservaram significativamente suas origens afro

Preto

Não acredito absolutamente nisso.

Sim

Trabalho

Não

Predominância evangélica no trabalho

Intolerância religiosa é um termo que descreve a atitude mental caracterizada pela falta de habilidade ou vontade em reconhecer e respeitar práticas e crenças religiosas de terceiros, ou a sua ausência.

Desconhecimento sobre a crença do outro.

Sim

Ataque à casas espíritas e a pessoas.

Sim

Visão de superioridade

Acredito muito nisso

Sim, minha religião é algo que declaro para todos

Sim

Mim

Prefiro não responder

Responde naturalmente qual é
 Belo Horizonte
 Centro
 Prefiro não responder

Umbandista 50

6/17/2022 9:58:15

Feminino

33 a 37 anos

Amarelo

Umbanda

Ensino Superior

Sim

Empresária

Uma religião brasileira

Só paz

Prefiro não responder

Pardo

Acredito mais ou menos nisso

Sim

Família

Não

Por evangélicos

Intolerância religiosa é um termo que descreve a atitude mental caracterizada pela falta de habilidade ou vontade em reconhecer e respeitar práticas e crenças religiosas de terceiros, ou a sua ausência.

Desconhecimento sobre a crença do outro.

Sim

Por fogo na umbanda

Sim

A maioria é por religião mais existe por raça cor

Não acredito absolutamente nisso.

Não, prefiro não falar sobre religião no ambiente de trabalho

Sim

Um colega próximo

Um colega próximo

Omite sua religião

Rondônia

Rondônia

Sinto desrespeitado, mas isso não abala minha fé

Umbandista 51

6/17/2022 10:33:59

Feminino

acima de 52 anos

Preto

Umbanda

Especialização

Não

Não se aplica

Uma religião de matriz africana

Traz na sua base a referência dos orixas africanos, simboliza a resistência dos povos negros sobre a repressão e violação de sua fé e crença. Umbanda sobrevive ao racismo

São religiões desenvolvidas no Brasil, mas que preservaram significativamente suas origens afro

Pardo

Acredito muitíssimo nisso

Sim

Trabalho

Sim

Deboche que a minha religião salva, porque não salva o donos das casa de santo

Intolerância religiosa é uma forma de violência, física ou simbólica, que tem por objetivo a negação e a supressão de uma religião em detrimento de outra.

Preconceito Racial.

Sim

São Luiz do Maranhão, a casa foi incendiada

Sim

No Brasil a violação dos direitos da população negra se estende a qualquer manifestação deste segmento. O racismo ainda se mantém.

Acredito muito nisso

Sim, minha religião é algo que declaro para todos

Sim

Mim

Um superior

Responde naturalmente qual é

Belo Horizonte

Nordeste

Prefiro não responder

Umbandista 52

6/17/2022 10:58:21

Masculino

23 a 27 anos

Pardo

Umbanda

Ensino Superior

Sim

Secretariado em Prefeitura Municipal

Uma religião de matriz africana

Nossa religião vem oriunda e descendente de nossos ancestrais povos negros africanos.

São religiões desenvolvidas no Brasil, mas que preservaram significativamente suas origens afro

Preto

Acredito muitíssimo nisso

Sim

Família

Não

Intolerância ofensas e insultos dentro de casa, pelo meu segmento religioso escolhido

É um crime de ódio que fere a liberdade e a dignidade humana.

Desconhecimento sobre a crença do outro.

Sim

Ataques, depredações, e invasões a terreiros de umbanda

Sim

Prefiro não responder

Acredito mais ou menos nisso

Sim, minha religião é algo que declaro para todos

Não

Não se aplica

Não se aplica

Responde naturalmente qual é

Não se aplica

Não se aplica

Prefiro não responder

Umbandista 53

6/17/2022 11:32:32

Feminino

43 a 47 anos

Preto

Umbanda

Especialização

Sim

Contadora
 Uma religião brasileira
 Brasileira, mas fundamentada nas matrizes africanas
 São religiões desenvolvidas no Brasil, mas que preservaram significativamente suas origens afro
 Preto
 Acredito muitíssimo nisso
 Sim
 Trabalho
 Não
 Falas preconceituosas no ambiente de trabalho
 A intolerância religiosa é o desrespeito ao direito das pessoas de manterem as suas crenças religiosas
 Preconceito Racial.
 Sim
 Prefiro não responder
 Sim
 A população entende que tudo que vem originalmente da população preta é ruim. Fruto do racismo
 Não acredito absolutamente nisso.
 Não, prefiro não falar sobre religião no ambiente de trabalho
 Sim
 Um colega próximo
 Um superior
 Afirma ter outra religião por medo do preconceito
 Belo Horizonte
 Centro
 Sinto desrespeitado, mas isso não abala minha fé

Umbandista 54

6/17/2022 11:32:32

Feminino

acima de 52 anos

Branco

Umbanda

Especialização

Sim

Professora

Uma religião brasileira

A umbanda é uma religião brasileira que apresenta vários elementos das religiões africanas

São religiões desenvolvidas no Brasil, mas que preservaram significativamente suas origens afro

Preto

Acredito muitíssimo nisso

Sim

Trabalho

Não

No meu trabalho, quando os alunos perguntam a minha religião e eu digo que sou umbandista, sempre escuto que sou macumbeira, que isso é coisa do demônio.

Intolerância religiosa é um termo que descreve a atitude mental caracterizada pela falta de habilidade ou vontade em reconhecer e respeitar práticas e crenças religiosas de terceiros, ou a sua ausência.

Fanatismo religioso.

Sim

O terreiro de Umbanda Casa Espírita Império dos Orixas de Nossa Senhora da Conceição e São Jorge Guerreiro já foi invadido mais de uma vez, as pessoas foram ameaçadas e destruíram símbolos religiosos.

Sim

O racismo está na raiz da sociedade brasileira. O preconceito contra as religiões praticadas pelos escravos existe até hj e isso tem muito mais a ver com o racismo do que com o preconceito com a religião.

Acredito muito pouco nisso

Sim, minha religião é algo que declaro para todos

Sim

Mim

Alunos

Nunca passei por isso

Belo Horizonte
Leste
Eu não omito a minha religião

Umbandista 55

6/17/2022 12:50:40

Feminino

acima de 52 anos

Preto

Umbanda

Estufio periodismo y locución radial

Não

Iyaliriya del ile Oya Guerrera Argentina

Uma religião de matriz africana

El racismo xenofobia discriminacion e intolerancia religiosa matriz afro en la matanza es en todo el mundo todos los paises odian lo desconocido lamentablemente

São religiões fortemente influenciadas pelas religiões africanas

Preto

Acredito muitíssimo nisso

Sim

Prefiro não responder

Sim

Arrojaron piedras al ile en una gira festejo dia pai ogum luego entraron gritando para golpearme insultaron y amenazaron con matarme si tocava yineta

É um crime de ódio que fere a liberdade e a dignidade humana.

Preconceito Racial.

Sim

Han gokpeado denunciado inventaron abusos para quedarse con el ile

Sim

Esta en todos los paises la campaña de ofio a lo desconocido a lo no blanco porque lo oscuro lo negro es feo es fiablo es odio un gran error

Acredito muitíssimo nisso

Sim, minha religião é algo que declaro para todos

Sim

Mim

Vecinxs

Responde naturalmente qual é

Gregorio de laferrere la matanza Argentina

Oeste

Tenho vontade de mudar de religião, pois me sinto desrepeitado

Umbandista 56

6/17/2022 14:31:15

Masculino

acima de 52 anos

Pardo

Umbanda

Ensino Superior

Sim

Empresario

Afro Brasileira amerindia

A Umbanda ele e uma pluralidade de cultura

São religiões desenvolvidas no Brasil, mas que preservaram significativamente suas origens afro

Prefiro não responder

Acredito muitíssimo nisso

Sim

Pessoas desconhecidas

Não

Mais pelos evangélico , que diz ta queimado

Intolerância religiosa é uma forma de violência, física ou simbólica, que tem por objetivo a negação e a supressão de uma religião em detrimento de outra.

Ausência de liberdade de religião e pluralismo religioso.

Sim

A casa da Mae de Santo queimada , apedrejada , pregação na porta do terreiro dentre outros

Sim

Tu ta ligado

Acredito muitíssimo nisso

Sim, minha religião é algo que declaro para todos

Não

Prefiro não responder

Prefiro não responder

Responde naturalmente qual é

Fortaleza - Ceara

Não se aplica

Sinto desrespeitado, mas isso não abala minha fé

Umbandista 57

6/17/2022 14:47:07

Feminino

28 a 32 anos

Pardo

Umbanda

Especialização

Sim

Empreendedora

Uma religião brasileira

A umbanda é uma religião de origem brasileira com fundamentos e cultos baseados na cultura africana.

São religiões desenvolvidas no Brasil, mas que preservaram significativamente suas origens afro

Pardo

Acredito muitíssimo nisso

Sim

Amigos

Não

Comumente temos que "explicar" que a nossa religião não está relacionada a maldade

Intolerância religiosa é uma forma de violência, física ou simbólica, que tem por objetivo a negação e a supressão de uma religião em detrimento de outra.

Preconceito Racial.

Sim

Recentemente uma casa de uma conhecida foi invadida e depredada, claramente por intolerância religiosa.

Sim

Nitidamente o preconceito tem uma relação com a origem negra e africana dos cultos de umbanda e candomblé.

Não acredito absolutamente nisso.

Sim, minha religião é algo que declaro para todos

Não

Não se aplica

Não se aplica

Nunca passei por isso

Não se aplica

Não se aplica

Prefiro não responder

Umbandista 58

6/17/2022 17:31:22

Feminino

43 a 47 anos

Preto

Umbanda

Ensino Superior

Sim

Microbiologista
 Uma religião brasileira
 Tem sim influência africana mas nasceu dentro das senzalas brasileiras.
 São religiões desenvolvidas no Brasil, mas que preservaram significativamente suas origens afro
 Preto
 Acredito muitíssimo nisso
 Sim
 Trabalho
 Não
 Sempre ouço comentários que é coisa do diabo
 Intolerância religiosa é um termo que descreve a atitude mental caracterizada pela falta de habilidade ou vontade em reconhecer e respeitar práticas e crenças religiosas de terceiros, ou a sua ausência.
 Ausência de liberdade de religião e pluralismo religioso.
 Sim
 Terreiros invadidos e destruídos
 Sim
 A religião é marginalizada assim como os negros são.
 Acredito muito pouco nisso
 Sim, apenas meus colegas mais próximos sabem da minha religião
 Sim
 Mim
 Um colega próximo
 Nunca passei por isso
 Belo Horizonte
 Leste
 Prefiro não responder

Umbandista 59

6/25/2022 22:32:36

Feminino

43 a 47 anos

Pardo

Umbanda

Ensino Médio

Sim

Vendedora

Uma religião brasileira

Prefiro não responder

Prefiro não responder

Prefiro não responder

Prefiro não responder

Não

Prefiro não responder

Prefiro não responder

Não sofri preconceito

Intolerância religiosa é um termo que descreve a atitude mental caracterizada pela falta de habilidade ou vontade em reconhecer e respeitar práticas e crenças religiosas de terceiros, ou a sua ausência.

Desconhecimento sobre a crença do outro.

Não

Não se aplica

Não

Prefiro não responder

Não acredito absolutamente nisso.

Sim, minha religião é algo que declaro para todos

Não

Prefiro não responder

Prefiro não responder

Responde naturalmente qual é

Região Metropolitana de Belo Horizonte

Venda Nova

Sinto desrespeitado, mas isso não abala minha fé

Umbandista 60

6/27/2022 8:51:21

Feminino

33 a 37 anos

Branco

Umbanda

Mestrado

Sim

Sócia proprietária e médica veterinária

Uma religião de matriz africana

Uma religião brasileira de matriz africana

São religiões fortemente influenciadas pelas religiões africanas

Pardo

Acredito muitíssimo nisso

Não

Não se aplica

Não se aplica

Não se aplica

Intolerância religiosa é um termo que descreve a atitude mental caracterizada pela falta de habilidade ou vontade em reconhecer e respeitar práticas e crenças religiosas de terceiros, ou a sua ausência.

Desconhecimento sobre a crença do outro.

Sim

Com frequência vejo na imprensa notícias de terreiros atacados e destruídos.

Sim

Religiões que não são de matriz africana sofrem muito menos preconceitos.

Acredito mais ou menos nisso

Sim, minha religião é algo que declaro para todos

Não

Não se aplica

Não se aplica

Nunca passei por isso

Não se aplica

Não se aplica

Prefiro não responder

Umbandista 61

6/27/2022 9:03:58

Feminino

43 a 47 anos

Pardo

Umbanda

Especialização

Sim

Advogada

Uma religião de matriz africana

Prefiro não responder

São religiões desenvolvidas no Brasil, mas que preservaram significativamente suas origens afro

Pardo

Acredito muito nisso

Não

Não se aplica

Não se aplica

Não se aplica

Intolerância religiosa é um termo que descreve a atitude mental caracterizada pela falta de habilidade ou vontade em reconhecer e respeitar práticas e crenças religiosas de terceiros, ou a sua ausência.

Desconhecimento sobre a crença do outro.

Sim

Depredação, pichações, violência física e verbal contra seus membros

Sim
 Atribuem/classificam a religião a cor da pele
 Não acredito absolutamente nisso.
 Sim, apenas meus colegas mais próximos sabem da minha religião
 Sim
 Um colega que tenho pouco contato
 Um superior
 Responde naturalmente qual é
 Belo Horizonte
 Sul
 Sinto desrespeitado, mas isso não abala minha fé

Umbandista 62

6/27/2022 9:04:33
 Masculino
 38 a 42 anos
 Branco
 Umbanda
 Ensino Médio
 Não
 Não se aplica
 Uma religião brasileira
 Uma religião brasileira, formada da mescla de várias vertentes religiosas, promovendo através dela a união dessas vertentes .
 São religiões desenvolvidas no Brasil, mas que preservaram significativamente suas origens afro
 Preto
 Acredito mais ou menos nisso
 Sim
 Não se aplica
 Não
 Quando vc fala que frequenta a Umbanda as pessoas ficam assustadas achando que vc trabalha com espíritos ruins, por falta de conhecimento.
 Prefiro não responder.
 Desconhecimento sobre a crença do outro.
 Sim
 Já vi reportagem onde destruíram e queimaram vários centros e suas imagens.
 Prefiro não responder
 Prefiro não responder
 Acredito muito nisso
 Sim, apenas meus colegas mais próximos sabem da minha religião
 Não
 Não se aplica
 Não se aplica
 Nunca passei por isso
 Não se aplica
 Não se aplica
 Isso é indiferente para mim

Umbandista 63

6/27/2022 9:17:10
 Feminino
 18 a 22 anos
 Preto
 Umbanda
 Ensino Médio
 Sim
 Axiliar administrativo
 Uma religião brasileira
 Prefiro não responder
 São religiões fortemente influenciadas pelas religiões africanas

Preto
 Acredito muito nisso
 Sim
 Pessoas desconhecidas
 Não
 Através de um post em rede social, uma pessoa me responde E dando não só a mim como também, minha religião.
 É um crime de ódio que fere a liberdade e a dignidade humana.
 Fanatismo religioso.
 Não
 Não se aplica
 Sim
 Essa religião vem de raízes pretas e é vista até hoje como "coisa de preto".
 Acredito muito pouco nisso
 Sim, apenas meus colegas mais próximos sabem da minha religião
 Não
 Não se aplica
 Não se aplica
 Nunca passei por isso
 Não se aplica
 Não se aplica
 Sinto desrespeitado, mas isso não abala minha fé

Umbandista 64

6/27/2022 9:17:10

Feminino

23 a 27 anos

Preto

Umbanda

Ensino Médio

Sim

Promotora de eventos e estagiária da área da saúde

Uma religião brasileira

A umbanda é uma religião brasileira, diferente do que muitos dizem, não é uma religião de matriz africana. Ela nasceu no Brasil e desde a época vem se moldando de acordo com a região/cultura etc.

São religiões fortemente influenciadas pelas religiões africanas

Preto

Acredito muitíssimo nisso

Sim

Trabalho

Não

Estavam falando sobre o espiritismo. Souberam que eu era umbandistas. Questionaram "então você não é espírita, você mexe com macumba e feitiço, são coisas diferentes".

A intolerância religiosa é o desrespeito ao direito das pessoas de manterem as suas crenças religiosas

Desconhecimento sobre a crença do outro.

Sim

Não apenas um, mas vários. Constantemente vejo notícias de destruição de vários terreiros de umbanda em diversas regiões. A última notícia que eu vi aconteceu no Rio de Janeiro. Um terreiro de umbanda teve sua entrada toda quebrada e seu local todo queimado, uma vez aue atearam fogo no terreiro.

Sim

Os intolerantes acreditam que todo umbandista é preto, uma vez que repudiam a nossa religião e já possuem o preconceito com a cor preta. Além disso, por acharem que a umbanda veio da África, acreditam que todos os praticantes possuem raízes africanas, como a cor.

Não acredito absolutamente nisso.

Sim, apenas meus colegas mais próximos sabem da minha religião

Sim

Mim

Um colega que tenho pouco contato

Dependendo do processo seletivo, eu sei se posso ou não afirmar a minha religião. Depende do que a empresa prega e do preconceito já existente.

Belo Horizonte
Sul
Sinto desrespeitado, mas isso não abala minha fé

Umbandista 65

6/27/2022 11:51:12

Feminino

acima de 52 anos

Pardo

Umbanda

Ensino Superior

Não

Não se aplica

Uma religião brasileira

Prefiro não responder

São religiões fortemente influenciadas pelas religiões africanas

Preto

Acredito muito nisso

Sim

Amigos

Não

Não se aplica

Intolerância religiosa é um termo que descreve a atitude mental caracterizada pela falta de habilidade ou vontade em reconhecer e respeitar práticas e crenças religiosas de terceiros, ou a sua ausência.

Desconhecimento sobre a crença do outro.

Sim

Prefiro não responder

Sim

Prefiro não responder

Não acredito absolutamente nisso.

Sim, minha religião é algo que declaro para todos

Não

Não se aplica

Não se aplica

Responde naturalmente qual é

Não se aplica

Não se aplica

Prefiro não responder

Umbandista 66

07/02/2022 13:49

Masculino

33 a 37 anos

Pardo

Umbanda

Ensino Superior

Prefiro não responder

Não se aplica

Uma religião brasileira

Prefiro não responder

São religiões fortemente influenciadas pelas religiões africanas

Pardo

Acredito muitíssimo nisso

Não

Não se aplica

Não se aplica

Não se aplica

A intolerância religiosa é o desrespeito ao direito das pessoas de manterem as suas crenças religiosas

Desconhecimento sobre a crença do outro.

Não

Não se aplica
 Não
 Prefiro não responder
 Acredito muito nisso
 Sim, minha religião é algo que declaro para todos
 Não
 Prefiro não responder
 Prefiro não responder
 Nunca passei por isso
 Não se aplica
 Não se aplica
 Isso é indiferente para mim

Umbandista 67

07/02/2022 16:02

Feminino

43 a 47 anos

Branco

Umbanda

Especialização

Sim

Funcionária pública

Uma religião brasileira

A umbanda é uma religião linda

São religiões fortemente influenciadas pelas religiões africanas

Pardo

Acredito muitíssimo nisso

Sim

Família

Não

Reunião familiar um primo começou a questionar o que são pomba giras e dizer que os umbandistas fazem o mal para outras pessoas

Intolerância religiosa é uma forma de violência, física ou simbólica, que tem por objetivo a negação e a supressão de uma religião em detrimento de outra.

Acho que é um misto de preconceito racial e fanatismo religioso

Sim

Não me lembro, mas já vi em jornal

Sim

O Brasil é um país racista e a umbanda, os orixás são negros

Prefiro não responder

Não, prefiro não falar sobre religião no ambiente de trabalho

Não

Não se aplica

Não se aplica

Nunca passei por isso

Não se aplica

Não se aplica

Prefiro não dizer nada justamente para não sofrer preconceito

Umbandista 68

07/04/2022 11:00

Masculino

38 a 42 anos

Branco

Umbanda

Ensino Superior

Sim

Assistente Social

Uma religião brasileira

Religião brasileira com princípios de matriz africana como candomblé, princípios do catolicismo e espiritismo, iniciou-se no sudeste do Brasil.

São religiões praticadas na África

Preto

Acredito muitíssimo nisso

Sim

Trabalho

Sim

Fui despedido por não comungar com a religião católica

A intolerância religiosa é o desrespeito ao direito das pessoas de manterem as suas crenças religiosas

Fanatismo religioso.

Sim

Quebrar imagens religiosas nos terreiros

Sim

Sim são agravos sociais que delimitam a cor da pele e opção religiosa, falta de conhecimento e julgamento com o próximo

Acredito muito pouco nisso

Sim, minha religião é algo que declaro para todos

Sim

Mim

Um superior

Responde naturalmente qual é

Belo Horizonte

Centro

Sinto desrespeitado, mas isso não abala minha fé

